
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE
(PEDAGOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA)

FLÁVIO ISMAEL DA SILVA OLIVEIRA

**O “CAMISA 10” EM CAMPO: ELEMENTOS DO PROCESSO DE
FORMAÇÃO DE UM FUTEBOLISTA BRASILEIRO**

RIO CLARO
2014

FLÁVIO ISMAEL DA SILVA OLIVEIRA

**O “CAMISA 10” EM CAMPO: ELEMENTOS DO PROCESSO DE FORMAÇÃO
DE UM FUTEBOLISTA BRASILEIRO**

RIO CLARO
2014

FLÁVIO ISMAEL DA SILVA OLIVEIRA

**O “CAMISA 10” EM CAMPO: ELEMENTOS DO PROCESSO DE FORMAÇÃO
DE UM FUTEBOLISTA BRASILEIRO**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Campus de Rio Claro, como requisito para obtenção do título de Doutor em Ciências da Motricidade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger.

RIO CLARO
2014

FLÁVIO ISMAEL DA SILVA OLIVEIRA

**O “CAMISA 10” EM CAMPO: ELEMENTOS DO PROCESSO DE FORMAÇÃO
DE UM FUTEBOLISTA BRASILEIRO**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Campus de Rio Claro, como requisito para obtenção do título de Doutor em Ciências da Motricidade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger.

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger – Orientadora

Prof. Júlio Wilson dos Santos

Prof. Dr. Gláuco Nunes Souto Ramos

Prof^a. Dr^a. Fernanda Rossi

Prof^a. Dr^a. Luciene Ferreira da Silva

Rio Claro, 29 de agosto de 2014.

Dedico essa conquista a minha mãe, Maria Lúcia, a grande responsável por todas as que já tive em minha vida. Sua presença é sentida todos os dias.

Amarei-te para sempre!

AGRADECIMENTOS

O envolvimento nesse estudo implicou em um investimento pessoal considerável. Durante o percurso fiz escolhas que não teria suportado se estivesse sozinho. Dessa forma, destaco algumas pessoas a quem serei eternamente grato.

A minha esposa **Juliana** e aos meus filhos **Felipe** e **Maria Júlia** pelos momentos incríveis e compreensão demonstrada. Vocês, todos os dias, enchem meu coração de alegria e esperança de que posso fazer mais. Além de dizer que amo vocês, quero dizer que chegou a hora de colhermos frutos da dedicação e sacrifícios.

Aos meus sogros **Maria** e **Jaime** que foram fundamentais durante todo o percurso, cuidando dos meus filhos com uma dedicação e amor incondicionais. Muito obrigado por tudo que sempre fizeram!

Aos meus pais **Maria Lúcia** e **Paulo**, meus avós **Ondina** e **Moisés**, meus irmãos **Renato** e **Rogério** que configuraram a base familiar que sustentou minhas escolhas iniciais.

À Professora **Dagmar Hunger**, não somente pelos últimos quatro anos de orientação e apoio, mas pelos 22 anos de amizade. Obrigado por não desistir de mim e por não me deixar desistir.

Ao meu amigo e sócio **Prof. Carlos Rogério Thiengo**. Além de possibilitar reflexões incríveis, vem me proporcionando experiências profissionais consideráveis. A cada dia um novo aprendizado.

Aos amigos e companheiros de caminhada **Lílian, Fernanda, Cláudio, Guilherme, Joice, Juliana Pereira, Camila Borges, Evandro, Pedro, Nilza** e outros que me ajudaram a não me sentir sozinho nesse difícil caminho.

Aos amigos da **Secretaria da Educação de Bauru**, do **Programa Segundo Tempo** e da **EMEF Etelvino Rodrigues Madureira**. Vocês foram essenciais para que eu pudesse transpor os desafios concomitantes que assumi nesses últimos anos. Obrigado pelo carinho!

Aos **amigos** e **familiares** próximos que compõem minha vida. Os momentos proporcionados por vocês fazem com que eu me sinta muito especial, tornando minha vida melhor.

Resumo

Esta investigação objetivou compreender o processo de formação futebolística de Arthur Antunes Coimbra – Zico. Na condição de uma pesquisa de cunho qualitativo, orientada pelo método de abordagem de história oral e história do tempo presente e contemporânea, analisamos suas experiências e perspectivas em busca de indícios que nos ajudaram a compor relações estabelecidas determinantes para sua formação. Diferente das configurações atuais, as que garantiram o envolvimento de Zico com os futebolis e suas variações favoreceram uma gama de experiências significativas nos mais diversos espaços. Por muitos anos esse contexto prevaleceu, porém, a cada ano que passa, esses caminhos se alteram e se tornam mais complexos, extenso, exaustivo, dispendioso, concorrido e sistemático. A complexidade do processo nos leva a acreditar que a formação inicial do futebolista está sob fortes influências contextuais – família, pares, experiências, instituições, intervenção profissional, metodologias de ensino e treinamento, sistema competitivo e premiação, entre outros que compõem os ambientes informal e formal. Considerando que o futebol de hoje é diferente do futebol de algumas décadas, e que a importância cultural mantém-se tão forte no Brasil, estamos certos de que os centros de formação, para responderem de maneira positiva às exigências atuais e futuras do futebol, precisarão se reorganizar. Será preciso repensar as metodologias e instrumentos utilizados na identificação e desenvolvimento do futuro futebolista profissional. Pelo atual contexto, acreditamos que as configurações que permeiam o processo de formação nos levam a adotar uma postura, mesmo que cautelosa, em relação à possibilidade de surgimento de futebolistas com a mesma expressão de Zico e de maneira mais frequente. Dessa forma, o processo de formação pode estar comprometido colocando em risco a simbólica posição de destaque que o Brasil ocupa diante do cenário esportivo internacional, enquanto um dos principais formadores de futebolistas.

Palavras-Chave: futebol, formação profissional, Zico.

Abstract

This research aimed to understand the formative process of soccer player Arthur Antunes Coimbra – Zico. In the condition of a qualitative research, guided by the oral history, and present and contemporary history approaches, we analyzed his experiences and perspectives in search of evidences that enabled us to understand decisive relations to his formation. Different from the current configurations, that ensured the involvement of Zico with “footballs” and their variations favored a range of significant experiences in the most varied environments. For many years this context prevailed, however, over the years these paths change and become more complex, extensive, exhaustive, expensive, competitive and systematic. The complexity of the process leads us to believe that the initial formative process of the soccer player is under strong contextual influence, including: family, peers, experiences, institutions, professional intervention, teaching and training methodologies, competitive system, awards and many other contexts that comprise formal and informal environments. Considering that soccer today is different from a few decades, and the cultural importance remains so solid in Brazil, we are convinced that training centers must rearrange to respond positively to current and future demands of soccer. Methodologies and tools used in the identification and development of professional soccer players must be reconsidered. By the current context, we believe that the configurations that permeate the formative process leads us to adopt a cautious attitude regarding the possibility emergence of soccer players with the same distinction of Zico and more frequently. Therefore, the formation process can be compromised putting at risk the symbolic prominent position Brazil has on the international sports scene, as one of the leading countries in formation of soccer players.

Keywords: soccer, professional formation, Zico

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
A.1 Apontamentos iniciais	09
A.1.1 <i>O futebol na Alameda das Rosas</i>	09
A.1.2 <i>Objetivo</i>	12
A.2 Aspectos metodológicos	13
A.2.1 <i>Características da pesquisa</i>	13
A.2.2 <i>O “Camisa 10”</i>	15
A.2.3 <i>Técnicas de investigação e análise do depoimento</i>	17
A.3 Desdobramentos	21
A.4 Estrutura da pesquisa	28
CAPÍTULO I – CONFIGURAÇÕES INICIAIS DO FUTEBOL NO BRASIL	32
1.1 Dos jogos com bola ao <i>Football Association in Brazil</i>	32
1.2 Do <i>Football Association</i> à brasilidade do Flamengo	44
1.2.1 <i>O remo do Grupo de Regatas do Flamengo</i>	48
1.2.2 <i>Do remo ao futebol do Clube de Regatas do Flamengo</i>	51
1.2.3 <i>A popularidade do Flamengo</i>	59
CAPÍTULO II – O PROCESSO DE FORMAÇÃO NO BRASIL	72
2.1 Pausa para a música	72
2.2 De volta ao jogo	78
2.2.1 <i>A bricolagem</i>	83
2.2.2 <i>Entre a bricolagem e o espetáculo – o espaço da várzea</i>	89
2.2.3 <i>O início sistematizado – as escolinhas de futebol</i>	95
2.2.4 <i>Formalização do processo</i>	97
CAPÍTULO III – A FORMAÇÃO DO “CAMISA 10”	108
3.1 A infância em Quintino	108
3.2 Aproximação do Flamengo e início das experiências sistematizadas	114
3.3 Experiências profissionais	121
3.4 Recapitulando o processo	123

CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIAS.....	141
APÊNDICES	146
APÊNDICE A – Roteiro da entrevista.....	146
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	150

I INTRODUÇÃO

A.1 Apontamentos iniciais

A.1.1 *O futebol na Alameda das Rosas*

Enfim chegou o sábado, dia do futebol na quadra dois da Alameda das Rosas. Os que lá estavam preparavam o espetáculo, limitavam a rua, colocavam as traves de tijolos ou madeira, com ou sem telinha; escolhiam as equipes e riscavam com pedra a tabela dos confrontos na calçada da D. Odete. Normalmente jogavam cinco contra cinco em pouco mais de meia quadra. Dentre os “craques” sempre presentes, China, Cláudio, Abílio, Lugú, Alcides, Juninho, Marcelo, Beto, Adriano, Bian, Preto e Binho. Os dois últimos narravam os jogos e satirizavam cada drible e gols feitos. Completavam os menos frequentes Camurça, Almir, Pardal, Maurício, os irmãos Zico e Zero e outros que, por felicidade do destino, passavam na hora. No domingo tudo se repetia.

Apesar de presentes em todos os jogos, eu (Tima) e meu amigo Márcio, mais novos e menores, não tínhamos garantido espaços no grupo de jogadores, o que nos deixavam ansiosos e com uma vontade cada vez maior. Somente éramos aceitos quando não era possível formar as equipes. Assim, já da casa da minha avó onde morava, na quadra um da mesma rua, começava a contar, para saber se teria chances de começar jogando.

Os jogos duravam pouco mais de duas horas, iniciando no meio da tarde e se estendendo ao início da noite. Esse tempo representava tranquilidade aos nossos familiares. Todos vibravam e se sentiam seguros com a nossa

algazarra, o que indicava que estávamos por perto e nos divertindo, menos o Sr. Ralf, um “adversário” que nunca conseguimos vencer. Como na quadra tínhamos o ponto final do ônibus circular que passava a cada 30 minutos e permanecia estacionado por pelo menos dez minutos, recuávamos o nosso campo deixando-o próximo da casa do Sr. Ralf. Por descuido ou indevido trato da bola por algum “perna de pau” ela caía em seu quintal, causando angústia em todos. Tínhamos poucos segundos para salvá-la, caso contrário ele a furava, dando fim à magia. Em algumas ocasiões fazia questão de devolvê-la sem vida. Quando conseguíamos recuperá-la comemorávamos como se tivéssemos feito o gol do campeonato. Nem a chuva causava tanto desespero quanto o Sr. Ralf. Seus filhos, com idades aproximadas as nossas, mantinham-se distantes. Alguns diziam que ele não permitia que se misturassem a nós. Mesmo com ordens de não devolverem a bola, quando o pai não estava em casa, eles a devolviam. Para piorar sua imagem, ele era o dentista do bairro. Consegue-se imaginar figura mais detestada que um dentista e um homem que furava bolas para um grupo de crianças e jovens?

Todos os momentos inesquecíveis vividos nesse riquíssimo cenário foram forjados e garantidos pelas experiências positivas anteriores em outros espaços da minha infância. Morava em uma casa que tinha um barracão e um quintal que me permitiam “jogar” com vários obstáculos naturais, com meus tios Alemão e Preto ou mesmo sozinho com minha imaginação.

Na escola, desde a antiga 3ª série, com nove anos, participava bem das brincadeiras com bola e dos jogos interclasses. Concomitantemente ao início da prática escolar, ultrapassei os limites do barracão e passei a participar das “peladas” nos campinhos de terra do bairro durante a semana e aos sábados pela

manhã. Andávamos em turmas com uma, duas bolas de capotão nº 5 impacientes pelas ruas procurando um lugar possível. Não pensávamos em outra coisa.

Assim, desde cedo apresentei, pela insistência em ficar próxima a ela o maior tempo possível, uma certa intimidade com a bola. Apesar de ser um dos destaques onde quer que eu jogasse, faltava ainda conquistar a quadra dois da Alameda das Rosas. Com paciência e “insistência”, eu e Márcio assumimos nossos lugares. Apesar de um dos mais novos e o mais franzino as experiências foram significativas.

Foi nesse contexto, cercado de pessoas certas, com total liberdade e segurança para desenvolver o meu jogo, que se confirmou o desejo e a alegria de jogar futebol. Reforçando tal expectativa, “convivia” com a presença marcante de craques do futebol profissional que “alimentavam” minhas ações nos jogos em que participava, principalmente aos domingos quando jogávamos simultaneamente às partidas válidas pelos campeonatos paulista e brasileiro que ouvíamos do radinho de pilha do Binho. Em vários momentos imaginava-me dentro de campo.

Apesar do “convívio” com ídolos dos principais clubes paulistas, havia uma unanimidade que extrapolava qualquer fronteira sem ferir a fidelidade regional clubística; sem dúvida, o melhor de todos, Zico. Seus gols e jogadas eram as mais comentadas e imitadas. Jogávamos pensando em ser ele ou como ele.

Assim, até aproximadamente os meus 13 anos cresci dividindo o tempo entre as brincadeiras com bola no barracão onde morava, as aulas de Educação Física, onde jogava muito futebol sob a orientação do Prof. Walter, os jogos na Alameda das Rosas e as peladas dos campinhos em terrenos baldios no Parque Vista Alegre e bairros adjacentes, ainda imaginando-me como Zico.

Conforme fui crescendo, o tempo com a bola começou a sofrer uma dura redução comparado ao quadro anterior. O futebol de rua cessou e as peladas diminuíram. Em contrapartida iniciei a participação em campeonatos de futebol e, do então, futebol de salão. Na escola, passei a dividir atenção com o voleibol.

Longe da prática livre e descontraída que prevaleceu na minha infância, alcancei um momento em que me restava apenas os jogos pouco frequentes praticados em campeonatos em clubes. Jogos que não me empolgavam mais, talvez por não praticá-los de maneira espontânea e com a alegria de antes.

Essa alteração de configuração também marcou minha relação com Zico. Se antes pensava em ser ele ou ser como ele, passei então a apenas admirá-lo e acompanhar seus lances que continuavam a encantar. O jogador do Flamengo e Seleção Brasileira representava a alegria, ousadia, criatividade, inteligência e excelência do estilo brasileiro de jogar, confirmando o simbolismo que envolve a “[...] estreita relação entre o ‘número 10’ e o *status* de ‘craque’ ou ídolo no futebol brasileiro” (ABRAHÃO; DI BLASI; SANTORO, 2007, p. 3). Se o futebol representa a identidade nacional o “10”, com a colaboração de Zico, personifica o ideal do futebol brasileiro.

A.1.2 Objetivo

Esta tese objetiva compreender o processo de formação futebolística de Arthur Antunes Coimbra – Zico. Para isso, analisamos suas experiências e perspectivas em busca de indícios que nos ajudariam a compor as relações estabelecidas que foram determinantes para sua formação. Por intermédio do acesso a sua trajetória, buscamos identificar indicadores culturais,

sociais e metodológicos a partir de suas experiências com o futebol na infância e adolescência, nas categorias de base no Flamengo e no início de sua trajetória enquanto futebolista profissional que nos possibilitem a compreensão de elementos que compõem as configurações do futebol brasileiro, mais especificamente relacionadas ao processo de formação de futebolistas.

A.2 Aspectos metodológicos

A.2.1 Características da pesquisa

O foco desta pesquisa está nas configurações do futebol brasileiro, mais especificamente relacionadas ao processo de formação de futebolistas. Considerando que informações associadas ao objetivo estabelecido devem ser descritas, a preocupação centra-se no significado que o sujeito da pesquisa atribui às coisas, às ações, às pessoas e as suas próprias vidas, permitindo, para Godoy (1995), a compreensão do fenômeno na perspectiva do participante, permitindo, de acordo com a autora, desenvolver um quadro teórico à medida que o pesquisador se relaciona com a coleta e com os dados levantados. As interpretações são baseadas no conhecimento sobre o fenômeno investigado (TRIVIÑOS, 1987).

Nessa perspectiva, este estudo caracteriza-se como um estudo de cunho qualitativo e, como tal, "[...] deve ser feito, entendendo que as pessoas interagem, interpretam e constroem sentidos" (OLIVEIRA, 2008, p. 3). Com papel fundamental nesse processo, o pesquisador deve visualizar-se como instrumento “confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados”

(GODOY, 1995, p. 62). Nesse tipo de pesquisa, geralmente a preocupação não está no resultado ou no produto, mas no processo (TRIVIÑOS, 1987).

O fato de a pesquisa qualitativa ser descritiva faz com que a compreensão do fenômeno perpassa pela descrição da realidade – “a palavra escrita ocupa lugar de destaque [...] desempenhando um papel fundamental tanto no processo de obtenção dos dados quanto na disseminação dos resultados” (GODOY, 1995, p. 62). A interpretação e compreensão adequadas da realidade estão estritamente relacionadas à escolha coerente do método de abordagem adotado. No âmbito da vertente qualitativa, há diferentes métodos, dentre eles, a história oral, por meio da história de tempo presente ou contemporânea.

Se, por um lado, o tempo é definido por alguns como apenas um ‘período que vai de um acontecimento anterior até um posterior’, por outro, ele também pode ser utilizado para definir uma ‘mudança contínua’, transformando o hoje no ontem. (PORTO JÚNIOR, 2007, p. 10).

Independentemente do entendimento que se tem sobre o tempo no contexto em questão, ele recebe uma atenção especial. Para Queiroz (1988) *apud* Fernandes (2010), a história oral se relaciona ao conteúdo narrado oralmente, quer seja história de alguém ou de um grupo, real ou mítica. Permite esclarecimentos legítimos de trajetórias individuais e a reconstrução do objeto de estudo do investigador por meio da memória do sujeito, o que poderá orientar reflexões históricas (AMADO; FERREIRA, 2001).

A história de tempo presente ou contemporânea, “perspectiva temporal por excelência da história oral” (AMADO; FERREIRA, 2001, p. xv), permite que o investigador entre em contato com a atualidade confrontada à memória,

percebendo “com maior clareza a articulação entre, de um lado, as percepções e as representações dos atores, e de outro, as determinações e interdependências que tecem os laços sociais” (p. xxiv); a história do tempo presente estreita relações entre “a ação voluntária, a consciência dos homens e os constrangimentos desconhecidos que a encerram e limitam” (p. xxiv) e se mostra como “um lugar privilegiado para uma reflexão sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos de mesma formação social” (p. xxiv). Por meio da história oral e da história do tempo presente ou contemporânea, buscamos acessar a história básica do sujeito, seu envolvimento com o futebol e sua trajetória como sujeito do próprio processo de formação.

A.2.2 O “Camisa 10”

Definidos o tipo de pesquisa e método de abordagem, descrevemos, segundo Triviños (1987), o sujeito essencial para esclarecimento do objeto investigado. Confirmando o *status* do futebol brasileiro pela presença de jogadores diferenciados, há um personagem, no imaginário daqueles que praticam, acompanham, estudam, investigam, cobrem, dirigem, consomem e/ou vendem, relacionado ao jeito peculiar de jogar do brasileiro – o “Camisa 10”.

Diferentemente da pesquisa quantitativa, a pesquisa qualitativa não se preocupa com a quantificação da amostra e pode determinar sua representatividade. Assim, na condição de um dos principais representantes de futebolistas profissionais, a trajetória do ex-futebolista e atual treinador de futebol

Arthur Antunes Coimbra – Zico¹ foi investigada. Sua escolha como um dos representantes legítimos da “Camisa 10” justificou-se, além das motivações pessoais descritas nos apontamentos iniciais desse estudo, pelo reconhecimento e notoriedade junto à imprensa especializada e torcedores. O fato de ser o “Camisa 10” nos clubes que defendeu e na Seleção Brasileira, conquistando títulos e reconhecimentos nacional e internacional reafirmam a escolha.

Zico nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Quintino² Bocaiúva, na rua Lucinda Barbosa, casa nº 7, no dia 3 de março de 1953. Filho dos descendentes de portugueses José Antunes Coimbra e de Matilde Ferreira da Costa Silva e irmão caçula de Zezé (Maria José), Antunes (José Antunes), Nando (Fernando), Edu (Eduardo) e Tunico (Antônio). Zico é casado com Sandra Carvalho de Sá, pai de Arthur Antunes Coimbra Júnior, Bruno de Sá Coimbra e Thiago de Sá Coimbra, e avô de Gabriel, Felipe, Antônio, Arthur e Alice. Iniciou nas categorias de base do Clube de Regatas do Flamengo em 1967 onde atuou até 1971. Como futebolista profissional, atuou no Flamengo em dois momentos. A primeira passagem compreendeu o período de 1971 a 1983, onde participou de 732 jogos e marcou 509 gols. Entre 1983 e 1985 atuou pela equipe italiana Udinese Calcio, em 79 jogos marcou 56 gols. De volta ao Brasil, em sua segunda passagem pelo Flamengo, no período de 1985 a 1989, participou de 96 jogos e marcou 30 gols. Em 1990 interrompeu a carreira profissional para assumir como Secretário Nacional de Esportes no governo Fernando Collor de Mello. Retornando ao futebol, no

¹ A partir desse momento trataremos o sujeito como “Zico”.

² O narrador esportivo Waldir Amaral, inspirado pela maneira de andar de Zico e referindo-se a sua origem, passou a chamá-lo de “Galinho de Quintino”. (Fonte: http://www.campeosdofutebol.com.br/zico_biografia.html).

período de 1991 a 1994 atuou pelo Kashima Antlers F. C. em 88 partidas, marcando 54 gols, onde encerrou sua carreira de futebolista. Pela Seleção Brasileira principal, após participação na Seleção Pré-Olímpica classificatória para os Jogos de Munique de 1972, realizou 89 partidas e marcou 66 gols no período de 1976 a 1989, participando de três Copas do Mundo da FIFA, Argentina em 1978, Espanha em 1982 e México em 1986. Em 23 anos como futebolista profissional acumulou inúmeras conquistas. Atualmente atua como treinador de futebol profissional, carreira iniciada em 1999 quando dirigiu o Kashima Antlers F. C. (1999). Entre 2002 e 2006 treinou a Seleção do Japão; de 2006 a 2008 a equipe turca Fenerbahçe Spor Kulübü; de 2008 a 2009 a equipe russa Football Club Bunyodkor; em 2009 o CSKA Moscou; de 2009 e 2010 a equipe grega do Olympiacos Syndesmos Filathlon Piraneus; de 2011 e 2012 a Seleção do Iraque³, e de 2013 a 2014 o Al-Gharafa Sport Club do Qatar⁴.

A.2.3 Técnicas de investigação e análise do depoimento

Ao adotarmos a história oral e história de tempo presente ou contemporânea como métodos de abordagens do sujeito, assumimos a entrevista como ferramenta para a coleta da fonte oral essencial para compreensão da realidade investigada. Caracterizada por Haguette (1997) *apud* Boni e Quaresma (2005), como um momento social, a técnica da entrevista permite, segundo Oliveira (2008), uma melhor compreensão de questões a serem abordadas no ambiente

³ A entrevista foi agendada em uma das viagens que Zico fez ao Brasil quando treinava a seleção iraquiana.

⁴ As informações em relação a esse breve histórico foram retiradas do site institucional “Zico na Rede” (www.ziconarede.com.br).

pesquisado, não somente pela aplicação de perguntas necessárias à pesquisa, “mas também a relativização dessas perguntas, dando liberdade ao entrevistado e a possibilidade de surgir novos questionamentos [...] o que poderá ocasionar uma melhor compreensão do objeto em questão” (p. 12-13). Segundo Boni e Quaresma (2005), a entrevista, ao buscar informações objetivas e subjetivas, “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade” (p. 152), sem ocultar o entrevistador.

[A entrevista] parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (TRIVIÑOS, 1987, p. 145-146).

Com a pretensão de que Zico discorresse a respeito de suas experiências formatamos uma entrevista semiestruturada (Apêndice A). Para Amado e Ferreira (2002), esse tipo de instrumento permite que o sujeito discorra apoiado na compreensão de ações e de representações sociais próprias em um contexto específico, permitindo ao entrevistador, segundo Boni e Quaresma (2005), reorientar, corrigir e sanar dúvidas em relação às questões levantadas, no sentido de garantir que os objetivos da entrevista sejam alcançados.

Triviños (1987) considera que as interrogativas podem surgir a partir do conhecimento teórico do investigador a respeito do fenômeno abordado, das informações levantadas e da descrição do próprio entrevistado que, “seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar [talvez de maneira não intencional] na elaboração do conteúdo da pesquisa” (p. 146).

Assim, definido o sujeito e o instrumento de coleta, e após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciência da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru (Anexo I), seria necessário o agendamento da entrevista. A pedido do professor Carlos Rogério Thiengo, o professor René Simões, amigo de Zico, entrou em contato com ele solicitando autorização para passar seu endereço eletrônico pessoal para que pudessemos explicar a proposta da pesquisa e formalizarmos o convite. Com sua aprovação, iniciamos o contato com Zico. Após a troca de mensagens eletrônicas por e-mail, nas quais Zico se mostrou sempre disposto a participar, definimos o encontro para o dia 25 de setembro de 2012 às 17 horas em seu escritório, no CFZ – Centro de Futebol Zico localizado na Av. Miguel Antônio Fernandes, nº 700, no bairro Recreio dos Bandeirantes, na cidade do Rio de Janeiro. No dia marcado fui recebido às 17 horas pelo próprio Zico, que interrompeu uma gravação com um canal de televisão esportivo para me receber. Após a conclusão da gravação, conduziu-me à sala de reunião onde realizamos a entrevista. Às 17h30min, após minha apresentação, explicação dos objetivos da pesquisa e de uma descrição resumida do roteiro que seguiríamos, Zico assinou o Termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice B), autorizando a utilização do depoimento como material da presente investigação. A entrevista foi iniciada às 17h40min e concluída às 19h50min.

Seguindo o roteiro prévio determinado, Zico foi questionado em relação às experiências na infância e adolescência (parte 1), às experiências sistematizadas nas categorias de base (parte 3), às experiências profissionais (parte 4) e a sua compreensão sobre questões gerais que envolvem o futebol (parte

5), permitindo a obtenção de informações relacionadas a valores, atitudes e opiniões enquanto sujeito da pesquisa⁵.

A entrevista foi gravada por uma câmera de vídeo digital Handycam®, da marca Sony, modelo DCR-SR47, e o arquivo foi transferido para o disco rígido de um notebook da marca Mirax, modelo 080167017 e a seguir arquivada em discos digitais de vídeo (DVDs).

De posse do depoimento, este foi transcrito em sua íntegra (Apêndice C) e analisado a partir das experiências e percepção de Zico de acordo com o roteiro determinado. No grupo de informações relacionadas às experiências na infância e adolescência, focamos nas configurações familiares e sociais no bairro de Quintino, com ênfase à influência de referências futebolísticas essenciais. No grupo de informações relacionadas às experiências sistematizadas formativas que antecederam a prática profissional, foram destacadas as adquiridas enquanto futebolista nas categorias de base e as adquiridas enquanto praticante do futebol de rua. A percepção do sujeito em relação à importância do treinador em seu processo de formação nas categorias de base também foi analisada. Nas informações referentes à atuação profissional focamos essencialmente nas primeiras experiências enquanto futebolista profissional, principalmente relacionadas à transição das categorias de base para o futebol profissional. No grupo relacionado à percepção sobre o futebol, buscamos acessar informações a respeito de sua compreensão sobre a forma que visualiza algumas configurações do futebol e o processo de formação de futebolista de sua época e atuais.

⁵ Como Zico não teve experiência sistematizada nas chamadas “escolinhas” de futebol, a parte 2 do roteiro não foi aplicada.

Definidas informações essenciais, surgiu a necessidade de realização da “investigação apoiada numa fundamentação teórica geral, o que significa revisão aprofundada da literatura em torno do tópico em foco” (TRIVIÑOS, 1987, p. 132-133). De acordo com o autor, a necessidade da teoria surge em face às interrogativas que se apresentam com o desenvolvimento do estudo. Assim, por meio da pesquisa bibliográfica, principalmente pelo acesso a fontes secundárias (livros, periódicos, dissertações, teses e outros) buscamos “iluminar” o caminho percorrido desde a definição e contextualização do problema até a interpretação do depoimento, tal como defende Alves-Mazzotti (2002).

A.3 Desdobramentos

A partir da simples observação na rotina do brasileiro podemos perceber a presença marcante desse esporte repleto de contradições – o mais praticado e, talvez, o que mais afasta pessoas da prática esportiva; o esporte mais assistido e, talvez, o que mais necessite ser censurado; o esporte mais discutido e, por isso, o que está mais longe do consenso; o esporte que mais recebe investimentos e, talvez, o que vivencia os maiores descasos; o esporte recheado de significações social e cultural e, talvez, o que mais sofre preconceitos; o esporte que mais busca apoio científico para preparação desportiva e, talvez, o mais empírico e o mais associado a crenças, mitos e superstições. Quanto maior o número de envolvidos, sejam alunos de Educação Física escolar, alunos das escolas de esportes ou atletas das cada vez mais prematuras categorias de base; profissionais do futebol e das diversas áreas relacionadas; praticantes desinteressados, consumidores, telespectadores e investidores; pais, professores,

treinadores e gestores, e quanto mais específicos os contextos social e cultural, maiores os contrapontos e maiores as relações entre eles. Tais contradições fazem parte das configurações que formam o futebol, confirmando a riqueza e complexidade, mostrando-se assim, tal como afirma Silva (2005), como um veículo para uma série de dramatizações sociais.

Como se pode ver, o futebol está longe de ser um simples esporte, mero passatempo ou assunto qualquer. Sua identidade representa, para muitos, a própria identidade do brasileiro.

[...] é caracterizado por seus “pensadores”, acadêmicos ou não, como [...] portador de uma identidade própria que o singularizaria perante outras nações. Portanto, seria [...] inerente aos brasileiros “jogar bola” de uma determinada maneira, a qual constituiria uma marca cultural carregada por nós desde o nascimento. Essa auto-representação [...] criou uma forma particular de praticar tal esporte, pensá-lo e vivenciá-lo em nosso cotidiano. (GIL, 1994, p. 100).

Sendo assim, é de conhecimento que o futebol brasileiro é “uma modalidade caracterizada no uso excepcionalmente habilidoso do corpo e das pernas [...]” (DAMATTA, 1994, p. 16). Giglio (2005) associa o futebol brasileiro à habilidade, dribles, criatividade e jogadas de efeito; é intuitivo e individualista. Soares e Lovisolo (2003) ressaltam os “floreios”, “toques de calcanhar”, “firulas”, o “arranjo de última hora”, jogadas inesperadas e criativas; os jogadores combinam habilidade, astúcia, sagacidade e capacidade de simulação. “O individualismo exacerbado, a afetividade e a naturalidade [...]. Essa versatilidade e alegria [...], flexibilidade ‘ingênua’ e ‘juvenil’ oriunda do fator da miscigenação” (GIL, 1994, p. 103-104), são outras características. Seu “jeito mulato” é, talvez, o grande

responsável para que o futebol seja considerado arte e o brasileiro artista (GIL, 1994; GIGLIO, 2005).

Essas características sempre estiveram associadas ao estilo brasileiro de jogar, à quantidade de jogadores referências em gramados nacionais e internacionais nas mais variadas épocas (e.g., Garrincha, Rivelino, Zico, Falcão, Roberto Carlos, Adriano, Robinho e Neymar Jr.), ao reconhecimento máximo de outros (e.g., Pelé, o Atleta do Século; Romário, Rivaldo, Ronaldo, Ronaldo Gaúcho e Kaká com os prêmios de Melhores Jogadores do Mundo), à considerável procura dos clubes do mundo todo pelos principais jogadores e ao cada vez mais frequente assédio as nossas “promissoras” crianças, à algumas das principais conquistas (e.g., Copas do Mundo de 1958, 1962 e 1970) e aos títulos não conquistados (e.g., Copas do Mundo de 1974 e 1982)⁶.

Representante maior do estilo de ser e jogar do futebolista brasileiro, o “camisa 10” é o que mais atende a tais características. Normalmente está associado à criatividade, gols inesquecíveis, jogadas e dribles de efeitos. Não rara as vezes em que se atribui a ele as glórias das conquistas, o *status* de melhor jogador e líder da equipe, responsável pela articulação das jogadas e ligação perfeita entre defesa e ataque; aquele que esperamos algo quando “toca” na bola. Nas grandes equipes, seleções, campeonatos e principais jogadores visualiza-se sua presença. Ao se pensar em um dos possíveis motivos que justificam o Brasil como formador de jogadores, ele é sempre lembrado.

⁶ Apesar do futebol-arte ser orgulho brasileiro e referência mundial, notam-se movimentos que indicam que este não é mais unanimidade em nosso país. Giglio (2005), por exemplo, considera o futebol força “como elemento complementar ao estilo brasileiro” (p. 70). Para DaMatta (1994), o futebol, mesmo assumindo o jeito malandro e o jogo de cintura peculiar, já não desconsidera a possibilidade da técnica e força na forma de jogar.

Para Abrahão, Di Blasi e Salvador (2007), a “camisa 10” é reconhecida socialmente como portadora de um capital simbólico e, por isso, sua identificação é tão marcante que esta é talvez a “única camisa que está associada a merecimento [e que] jogadores que não possuem atributos necessários para usá-la podem ser considerados como ‘inquilinos indesejados’” (p. 5).

Tais narrativas abordam o tema de forma romântica e saudosista. A imagem dos jogadores do passado é resgatada, rememorando um passado vitorioso [...]. Observe que a memória é acionada com o sentido de preservar a lembrança prestigiosa destes ex-jogadores e utilizar de imagens, narrativas ou lembranças para preservar e perpetuar a identidade nacional. Com efeito, a forma como a “camisa 10” reside na lembrança dos atores sociais que divulgam a memória do futebol nacional indicam como este uniforme se tornou um símbolo que reforça, via futebol, a identidade nacional. (ABRAHÃO; DI BLASI; SALVADOR, 2007, p. 3).

Com o foco na formação de futebolistas nos mais variados níveis, atualmente, com o acelerado desenvolvimento urbano e a consequente proliferação de espaços forjados para prática do futebol, constata-se uma redução das situações de criação livre, presentes na formação de futebolista com tais características até meados da década de 1990.

Sob apelos constantes da mídia especializada e do poder público, as propostas sistematizadas para o ensino do futebol estão normalmente sob a tutela de pessoas sem e com formação específica, preparadas ou não, motivadas pela razão ou simples paixão. Tal prática, independentemente da qualidade, recebe a anuência e conivência, consciente ou não, de pais e responsáveis que se veem cada vez mais atraídos por essas oportunidades, movidos, entre alguns dos possíveis motivos, pela necessidade de trabalho dos membros adultos da família, pelos “perigos” a que estão expostos os que jogam na rua, entre outros.

Apesar de acreditarem que esses espaços são próprios para formação de futebolistas, ampliando suas chances e garantias de aproximação do futebol profissional, é preciso salientar que nesse contexto ainda prevalece a proposta de que o dom e o talento são os grandes responsáveis pelo sucesso atribuído ao futebol, interferindo de maneira considerável no processo de formação de futebolista no Brasil, pois esse, reconhecido por Paoli (2007) como artista, sendo “produto do dom, do talento, de uma formação extraordinária, excepcional, singular e inimitável, estaria além das normas que disciplinam os simples normais e mortais” (p. 7). O reconhecimento do dom como determinante para atuação do futebolista implica no desprezo do trabalho dos responsáveis pela formação e do potencial de aprendizagem dos futebolistas nos contextos específicos (DAMO, 2005).

Coincidência ou não, juntamente ou muito próximo às mudanças contextuais de formação instituídas, deu-se uma diminuição de futebolistas profissionais que apresentem características que os façam ser reconhecidos com o talento inerente que marcou o futebolista brasileiro, mistificado no “camisa 10”.

Assim, contrariando a proposta ainda vigente, assumimos que o processo de formação caracteriza-se por uma rede de relações, ou melhor, por configurações que favorecem a emergência de futebolistas no Brasil. Nesse universo complexo, assumimos como configurações

o padrão mutável criado pelo conjunto de jogadores – não só pelos seus intelectos mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade das suas ações nas relações que sustentam uns com os outros [formando] um entrelaçado flexível de tensões. A interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou de adversários. (ELIAS, 2008, p. 142).

Apesar de tratarmos de futebol, os termos “jogadores”, “aliados” e “adversários” utilizados por Norbert Elias, idealizador do conceito de Configuração, não estão relacionados diretamente ao contexto do jogo de futebol. Seu entendimento é de que, em qualquer uma das relações estabelecidas entre indivíduos em uma sociedade, “todos os modelos se baseiam em duas ou mais pessoas que medem suas forças. Esta é a situação básica que encontramos sempre que indivíduos entram ou se encontram em relação uns com os outros” (ELIAS, 2008, p. 80).

Tratando especificamente do contexto futebolístico, Damo (2003) apresenta uma interpretação conceitual de configurações, que poderá nos ajudar. Para o autor, uma configuração “serve particularmente para demarcar uma certa rede de relações empiricamente constituída, com sujeitos concretos situados no espaço e no tempo” (p. 134). Ao utilizar as configurações como orientação metodológica, Damo (2003) assume que a proposta elisiana permite compreender “a ação dos indivíduos no grupo, as estratégias particulares e mesmo as brechas que tornam possíveis as expressões idiossincráticas – ser identificado por um apelido, como tendo um estilo de jogo, um temperamento próprio, etc.” (p. 135).

Desta forma, o que une pessoas em cada um dos possíveis “jogos”, em cada uma das configurações? O que une os membros de uma família, o casal no matrimônio, professores e alunos nas salas de aula, convidados de uma festa, políticos no Congresso Nacional, crianças em uma brincadeira de roda ou torcedores durante uma partida de futebol?

Em cada uma dessas situações, observam-se cadeias de interdependência variáveis entre indivíduos, estabelecendo uma configuração, ou seja, para cada “jogo” no qual está inserido um grupo de pessoas, forma-se uma

configuração específica determinada pelas relações de poder que se estabelecem entre os membros de cada grupo.

No seio das configurações mutáveis – que constituem o próprio centro do processo de configuração – há um equilíbrio flutuante e elástico e um equilíbrio de poder, que se move para diante e para trás, inclinando-se primeiro para um lado e depois para o outro. Este tipo de equilíbrio flutuante é uma característica estrutural do fluxo de cada configuração. [...]. Este [o conceito de configuração] pode ser aplicado tanto a grupos relativamente pequenos como a sociedades constituídas por milhares ou milhões de pessoas interdependentes. (ELIAS, 2008, p. 143).

Para compreendermos melhor o conceito de configuração de Norbert Elias, necessitamos assumir suas concepções de indivíduo e sociedade.

A imagem do homem como "personalidade fechada" é substituída aqui pela de "personalidade aberta", [...]. A rede de interdependências entre os seres humanos é o que os liga. Elas formam o nexo do que é aqui chamado configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes [...] inicialmente por ação da natureza e mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderíamos nos arriscar a dizer, apenas como pluralidades, apenas como configurações. (ELIAS, 1994b, p. 249).

Elias (1994b) considera que “a sociedade humana [...] não é outra coisa [...], senão a totalidade desses indivíduos” (ELIAS, 1994a, p. 136). A proposta de Elias remete ao futebol influências da sociedade, mas não de uma sociedade de indivíduos isolados.

A estrutura e a configuração do controle comportamental de um indivíduo dependem da estrutura das relações entre os indivíduos [...] cada pessoa só é capaz de dizer "eu" se e porque pode, ao mesmo tempo, dizer "nós" [...]. As funções e relações interpessoais que expressamos [...] como “eu”, “você”, “ele”, “ela”, “nós” e “eles” são interdependentes. [...] E esse fato, o de cada “eu” estar

irrevogavelmente inserido num “nós”, finalmente deixa claro que a entremeação dos atos, planos e propósitos de muitos “eus” origina, constantemente, algo que não foi planejado, pretendido ou criado por nenhum indivíduo. (ELIAS, 1994a, p. 56-57).

Temos conhecimento de que há, no contexto do futebol, inúmeros possíveis caminhos de conversão de indivíduos em profissionais. Apesar de importante, a atenção não pode estar somente nas configurações em si, mas no que emerge delas. Quais os conhecimentos futebolísticos que “nascem”, “surtem” das relações de interdependências estabelecidas entre os envolvidos nessa trama social? Por que as atuais configurações apresentam dificuldades de formar mais e melhores jogadores? Se tínhamos muitos “10”, por que não temos mais? Caso se confirme, qual foi o ponto de virada do futebol brasileiro? Essas são algumas das perguntas que procuraremos responder com esse estudo.

A.4 Estrutura da pesquisa

Para atender ao objetivo proposto e, conseqüentemente, confirmarmos a tese de que o processo de formação de futebolista no Brasil apresenta uma configuração atual específica que pode comprometer o processo, principalmente pelo fato de que as configurações que permitiram as experiências nas ruas, por meio de jogos e brincadeiras com bolas nos pés, as experiências nas peladas e na várzea não são as mesmas há mais de duas décadas, estruturamos esse estudo da seguinte forma:

No primeiro capítulo buscamos traçar o desenvolvimento do futebol no Brasil, destacando elementos que nos possibilitem compreender sua trajetória desde práticas que podem ser consideradas precursoras do futebol em nosso país

até o momento de confirmação social em meados do século XX. Esse capítulo foi dividido em duas partes: na primeira, desenvolvemos a trajetória do futebol por intermédio de uma perspectiva que permitiu o reconhecimento da prática de jogos com bola, jogos com bolas nos pés e futebol antes de Charles Miller, determinantes para o desenvolvimento do futebol no Brasil.

A decisão de traçar um caminho alternativo do futebol tem implicações importantes. Ao adotarmos a perspectiva de análise que antecede Charles Miller corremos o risco de até mesmo comprometermos a proposta histórica de que sua figura está associada à introdução do futebol normatizado no Brasil, tal como destaca Giglio (2007).

O futebol antes de ser association, era futebol. Dizer simplesmente que as regras, trazidas por Miller, são um marco na difusão do futebol é cometer um engano. Para se jogar algo, parte-se do pressuposto que há um conjunto de regras a serem seguidas, pois sem regra não há como definir o que se joga. Antes de ser association, o futebol tinha suas regras, mas não eram necessariamente as mesmas de uma região para outra e não tinham a preocupação de seguir o modelo do futebol association. Talvez porque grande parte das pessoas não tinham muito contato com esse tipo de futebol. Portanto, o futebol association representa a universalização da regra, isto é, para praticar o futebol association, o qual Miller estará vinculado desde sua chegada da Inglaterra, é preciso conhecer e jogar a partir de uma mesma regra. Só é possível desconstruir esse mito fundador do futebol brasileiro quando se entende que a consolidação e crescimento do futebol é o resultado de um longo processo no qual os multiplicadores, isto é, as pessoas envolvidas com a sua prática e divulgação disseminaram o futebol pelo Brasil. Portanto, aqueles que receberam os méritos devem ser vistos como importantes peças de uma engrenagem que resultou na introdução do futebol em sua cidade e, caso não estivessem amparados pelos multiplicadores, certamente demorariam ainda mais para colher os primeiros frutos da popularização do futebol no Brasil. (GIGLIO, 2007, p. 63).

Ao adotarmos tal perspectiva, mesmo situando-o como agente multiplicador, como destacou o autor, não o desconsideramos. Simplesmente

admitimos um caminho complementar, o qual permite traçar uma nova trajetória em busca, tal como pretendeu Shirts (1982), pelas “pontas de um novelo que se desenrolam” (p. 88), mas não em direções opostas, como normalmente se defende.

Mesmo que aparentemente contraditórias, ambas as vertentes são valorizadas nesta perspectiva adotada, diferentemente do que acontece quando se assume o *football association* como produto pronto e início de tudo. Necessitamos então assumir que, em algum momento, há uma interação, mesmo que imperceptível entre a cultura local dos jogos com bolas e a cultura inglesa do *football*. Tratá-las como distintas implicaria em assumir uma cultura genuinamente local e outra genuinamente europeia na configuração da trajetória do futebol brasileiro. Seria possível tal distinção? Freyre (2003) nos diz que não.

O importante para nós nesse momento é que, apesar de ser difícil o reconhecimento e detalhamento de momentos históricos específicos⁷, as brincadeiras e os jogos com bola, orientados ou não, devem ser compreendidos como facilitadores para que o *football association* “desembarcasse” e fosse apropriado da maneira que foi, resultado de um, tal como destacou DaMatta (1994), “documentado processo de difusão cultural” (p. 11).

Completando a especificação da trajetória do futebol no Brasil, na segunda parte tratamos a transição do futebol praticado de maneira até certo ponto fragmentada, para sua confirmação como instituição nacional. Para isso, optamos por descrever parte da história do Clube de Regatas do Flamengo. Considerado o

⁷ Para se ter uma ideia da dificuldade de estabelecermos situações pontuais que indicam o “pontapé” inicial do futebol no Brasil, Aquino (2002) faz referência à proibição de um jogo com bola “causador de agrupamentos de vadios e de desordens” (p. 24) encontrada nos Anais da Câmara Municipal da cidade de São Paulo de 1746.

clube com maior torcida do Brasil por muitos anos⁸, sua trajetória, principalmente entre o período que relatamos, 1895 a aproximadamente 1960, se mistura com a história do futebol em nosso país. Falar de Flamengo significou, por muitos anos, falar de Brasil. A escolha também se deu no sentido de compreendermos o que significava ser Flamengo no período da infância e adolescência de Zico, pois, sem dúvida alguma, o fato de ser torcedor, no interior de uma família flamenguista, num determinado momento histórico, contribuiu para sua formação enquanto futebolista.

Dando continuidade à apresentação do estudo, no Capítulo II procuramos esclarecer elementos do processo de formação de futebolistas no Brasil. Pensando na estrutura do capítulo que assumimos e desenvolvemos, reconhecemos que o processo de formação se configura a partir das variadas experiências com o futebol desde a infância, independentemente se a prática se dá em um contexto sistematizado ou não. Seguindo essa proposta, na primeira parte do capítulo (Pausa para a música) destacamos uma perspectiva de análise de Norbert Elias que trata da história de Mozart, o qual poderá nos ajudar a compreender o processo de formação em questão. Na segunda parte (De volta ao jogo) buscamos tratar do processo de formação de futebolista como um todo, enfatizando os futebolis que fomentam as principais experiências formativas.

Compreendido parte do processo de formação estruturado no Brasil, no terceiro capítulo traçamos uma trajetória de formação do sujeito, enquanto futebolista, destacando elementos que consideramos importantes e que nos possibilitou identificar particularidades que nortearam o processo de formação do futebolista.

⁸ Atualmente é fácil acessar reportagens que apontam “empate técnico” entre o Clube de Regatas do Flamengo e Sport Club Corinthians Paulista.

CAPÍTULO I

CONFIGURAÇÕES INICIAIS DO FUTEBOL NO BRASIL

Apesar dos relatos históricos que indicam que futebol foi-nos dado de presente, é difícil imaginar que este não seja criação brasileira, tamanha afinidade estabelecida. Diante desse quadro, necessitamos compreender razões que permitiram que o futebol atingisse tal patamar de popularidade, assumindo como pano de fundo a configuração histórica antes e após sua prática formal.

[...] considerando-se a estrutura territorial brasileira no final do século XIX (a vastidão das terras, a precariedade das vias de comunicação, a baixa densidade demográfica, e sobretudo a rede urbana fragmentada), há de atentar para um processo de formação da “pátria de chuteiras” muito mais complexo que anunciam os paradigmas vigentes. (JESUS; SILVA, 2000, p. 423).

Por parecer um tema esgotado, repetitivo, com mínimas variações e novidades (SOARES, 2002) e por corresponder a “um período em que as informações são precárias, imprecisas e, por vezes, contraditórias” (AQUINO, 2002, p. 24), a investigação sobre o início da prática do futebol no Brasil requer alguns cuidados, garantindo-se como um desafio a ser superado.

1.1 Dos jogos com bola ao *Football Association in Brazil*

“[...] antes de Charles Müller havia bolas, mas não existia futebol”. Esta frase de Adriano Neiva, citada por Shirts (1982, p. 89), representa a “visão histórica ‘oficializada’” (p. 87) de que o advento do futebol no Brasil é remetido ao

paulista Charles Miller, filho de ingleses que, ao retornar dos estudos da Inglaterra em 1894, trouxe na bagagem o *football*.

A sentença de Adriano Neiva deixa claro um ponto de vista específico, historicamente aceito, porém, permite-nos perspectivar a análise a partir da afirmação de que antes do *football* haviam bolas, jogos com bolas e jogos com bolas nos pés que não podem ser desprezados.

O poder de irradicação do futebol é impensável sem uma fenomenologia da bola: esse objeto distinto de todos os outros – sem quinas, pontas, dorso ou face, igual a si mesmo em todas as direções de sua superfície –, que rola e quica como se animado por uma força interna, projetável e abraçável como nenhum. *A bola é redonda* – não há como recuar diante da mais rotunda das obviedades. Ao contrário, é preciso redescobrir esse fato espantoso, que a distingue de todo o resto: “a esfera é [...] a forma primordial, [...] a menos ‘especificada’ de todas, semelhante a ela mesma em todas as direções, de sorte que, num movimento de rotação qualquer em torno do seu centro, todas as suas posições sucessivas podem ser sempre rigorosamente superpostas umas às outras”.¹¹ Mas essa forma universal ganha uma concretude rasante quando convertida em objeto de jogo, feita de gomos de couro, bexiga ou borracha, cheia de forragem ou de ar, imitada num coco, numa laranja ou numa bola de meia. Assim, ela é ao mesmo tempo geométrica e visceral, telúrica e aérea, pedestre e celeste, platônica e aristotélica, obra de engenharia e de bricolagem: perfeita em si mesma e sujeita a todas as apropriações (“pura ou degradada até a última baixeza”, como no verso de Manuel Bandeira sobre a *mulher-estrela-da-manhã*, passando, como se inatingível, pelas mãos e pelos pés de todos). Pode-se reconhecer nesses atributos (que a aproximam da mulher-mãe e da virgem-puta, infinitamente invocada nos estádios e nas várzeas) as raízes do fascínio tantas vezes compulsivo que ela provoca, visível nos gestos da criança e nas multidões de adultos. A criança, aliás, entende perfeitamente a bola muito antes de entender as palavras. Trata-se de dominar esse objeto perfeito por definição (acabado em si mesmo como nenhum outro) e escapadiço por natureza (imediatamente móvel, quando tocado). A bola magnetiza a atenção por meio de uma completude vivaz, que não deixa de ser extensão do corpo, ao qual adere e do qual se desprega, como um ioiô que envolve o sujeito nas suas linhas imaginárias. Ao mesmo tempo, ela liga o eu e o outro em laços instáveis e atrativos. A sua presença hipnotiza e coreografa o grupo, que, à volta dela, dança um sociograma caleidoscópico, um psicodrama irresistível. (WISNIK, 2008, p. 57-58).

Se o futebol tem sua origem reconhecida na Inglaterra, Freyre (2003) nos diz que a bola é brasileira.

Vários são os complexos característicos da moderna cultura brasileira, de origem pura ou nitidamente ameríndia: o da rede, o da mandioca, o do banho de rio, o do caju [...], o do milho, o de descansar ou defecar de cócoras, o do cabaço para cuia de farinha, gamela, coco de beber água etc. Outros, de origem principalmente indígena: o do pé descalço, o da “muqueca”, o da cor encarnada, o da pimenta etc. Isto sem falarmos no tabaco e na **bola de borracha**, de uso universal, e de origem ameríndia, provavelmente brasílica. (p. 232). (Grifo nosso).

Apesar do conhecimento da existência da bola e da sua apropriação para o jogo, são poucos os textos que descrevem suas práticas e suas implicações históricas, culturais e sociais, tal como fez Gilberto Freyre em Casa Grande & Senzala, originalmente escrita em 1933. Ao responder “o que é ser brasileiro”, Freyre (2003) buscou, por meio do que denominou de sociologia genética e história social, compreender a formação e organização da sociedade e da família brasileiras, a partir das relações culturais e sociais que emergiram entre índios nativos, portugueses e escravos negros.

Mais especificamente quando trata da influência nativa, dentre inúmeras relações destacadas por Freyre em toda sua obra, nos importa nesse momento a possível influência da tradição para a cultura brasileira e dos índios ameríndios para os jogos infantis e esportes europeus.

Para Freyre (2003), os índios estimularam ao brasileiro o gosto pelos jogos e brinquedos. Ao ilustrar tais influências da cultura indígena, Freyre cita um jogo praticado por “meninos selvagens em Sevilha” (p. 206) logo após a descoberta da América – “brincavam-no os índios com uma bola provavelmente

revestida de caucho, que aos primeiros europeus pareceu de um pau muito leve; rebatiam-na com as costas, às vezes deitando-se de borco para fazê-lo” (p. 206).

[...] tamaño como um melocotón ó mayor, y no ló rebatían con las manos ni con lós pies, sino con lós costados, ló que hacían con tal destreza que causaba maravilla verlo-, a veces se tendían casi em tierra para rebater la pelota y todo lo hacían con gran presteza. (p. 206).

Os meninos os quais se referiu Freyre (2003) eram “rapazinhos selvagens levados das índias à Espanha [...]” (p. 206), situação comum nos Séculos XVI e XVII, pois Sevilha era considerada “ponto de confluência das novidades americanas [...] em virtude de sua *Casa de Contratación* – o embaixador de Veneza junto a Carlos V de Espanha” (p. 206).

Segundo o autor, esse jogo se aproximava muito do *matanaaríti*, jogo encontrado por Cândido Rondon em aldeias Pareci, porém nesse a bola era feita da borracha da mangabeira e praticado a cabeçadas.

O mesmo jogo e os mesmos atores são citados por Bellos (2002). Segundo o autor, “muito antes da primeira pelada” (p. 73) em território brasileiro, o jogo na aldeia Pareci foi testemunhado pelo explorador alemão Max Schmidt em uma expedição à floresta amazônica. Pelas anotações feitas por Schmidt, o jogo, que não apresentava uma conotação cerimonial, apenas esportiva, era praticado por dois times que lançavam e disputavam uma bola confeccionada com o látex da mangaba, utilizando-se somente a cabeça para os lançamentos. Tal prática também impressionou, em 1913, o então ex-presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, durante uma viagem à Amazônia. O jogo foi batizado por ele de *headball* (BELLOS, 2002).

Com a cobertura jornalística cada vez maior, não demorou para que notícias de um jogo indígena com tais características chegassem ao Rio de Janeiro, gerando um movimento para que índios Pareci fossem convidados à capital federal. Em 1922, dezesseis índios viajaram aproximadamente dois mil quilômetros para realizarem um jogo demonstração do que denominavam de *zicunati* (BELLOS, 2002).

Sob a pompa de um momento de interesse extraordinário e original, o jogo, visando receber o maior número de expectadores possível, foi realizado em um domingo à tarde no campo do Fluminense.

Diante de um estádio lotado os Pareci entraram em campo. Vestidos de uniformes de escoteiro e com seus cabelos penteados de lado, pareciam mais garotos de escola do que selvagens da Idade da Pedra. A cena absurda continuou quando cantaram, em seu próprio idioma, seu “hino nacional” – por cima do qual os expectadores vaiavam às gargalhadas. Depois de se retirarem para vestir os uniformes de jogo, voltaram como dois times, oito de camisa branca e sete de azul. O décimo sexto membro, que estava passando mal quando o grupo chegou ao Rio, tinha morrido. As equipes se posicionaram de cada lado da linha central. Os índios cabeceavam a bola entre si, ganhando um ponto quando o lado oposto falhava em cabecear de volta – como no voleibol. As jogadas duravam um tempo surpreendentemente longo. Os Pareci saltavam, corriam e mergulhavam, impressionando os brasileiros com sua rapidez e agilidade. À medida que o jogo prosseguia, o público se familiarizava com as regras e passava a torcer pelos times – assustando e confundindo os próprios jogadores. As reportagens dos jornais descrevem o evento usando a terminologia futebolística, como se vestir o *zicunati* em uniformes de futebol de algum modo conferisse a ele a modernidade urbana. “Cada ponto conquistado era motivo para uma gritaria originalíssima entre eles. É um processo como qualquer outro de festejar a conquista de um ‘goal’”, anotou o Correio da Manhã. Após dois tempos de trinta minutos o time branco derrotou os azuis por apenas 21x20. “O *Zicunati* nada tem de violento”, escreveu um jornalista. “Nem mesmo os *fouls*, os trancos e as entradas usuais do futebol. É um jogo feito exclusivamente com a cabeça.” O Imparcial dedicou sua primeira página a entrevistar o “major” Coloisoressé, o chefe dos Pareci. – Estão, certamente, muito cansados? – Não. Isto, hoje, não foi nada: lutamos apenas uma hora. Entre nós, o *zicunati* é disputado, diariamente, das 5 às 11 horas da manhã e, depois, de

1 às 5 horas da tarde. É a nossa diversão predileta. ... Hoje estranhamos muito. Isto de botinhas, camisas e calções atrapalha! A grama também atrapalha, porque é escorregadia. Nas nossas terras temos grandes campos, sem capim, preparados com cuidado para a prática do zicunati. (BELLOS, 2002, p. 74-75).

Apesar do papel crucial das empresas inglesas e de estudantes brasileiros no desenvolvimento do futebol, Jesus e Silva (2000) reforçam a importância de instituições religiosas na sua difusão e das mais variadas atividades físicas. Para os autores, considerando a quantidade de instituições religiosas e a forma que se organizaram para promoção do ensino no Brasil, de posse de informações privilegiadas a respeito do jogo, essas fortaleceram os alicerces para emergência da instituição central na cultura brasileira.

Nas obras que tratam da história do futebol no Brasil, algumas apenas fazem referência a breves relatos da prática com bola dentro de instituições religiosas. Aquino (2002), por exemplo, cita que no Colégio São Luís, em Itu, em 1872, há registros de alunos que chutavam um balão de couro orientados por sacerdotes. Guterman (2011) destaca que a prática nesse colégio seguia o modelo praticado no Colégio inglês Eton, por este não ter local apropriado para a prática. Consta em Marinho (1975) *apud* Jesus e Silva (2000) que no Colégio Anchieta, inaugurado em 1886 em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, os padres, utilizando dos amplos espaços, ofereciam jogos ginásticos e desportivos como o futebol.

Entre os textos que enfatizam a influência missionária na difusão do futebol, Freyre (2003) mais uma vez nos dá uma contribuição muito importante. No processo civilizador analisado por ele, observou-se um modelo de “confraternização” entre raças adotado, por exemplo, pelos jesuítas no início da colonização. Os textos históricos, segundo o autor, não apontam “nenhuma

discriminação ou segregação inspirada por preconceito de cor ou de raça contra os índios” (p. 224). Muito pelo contrário, evidencia-se

[...] a igualdade em que parece terem eles educado, nos seus colégios dos séculos XVI e XVII, índios e filhos de portugueses, europeus e mestiços, caboclos arrancados às tabas e meninos órfãos vindos de Lisboa. [...] o regime que os padres adotaram parece ter sido o de fraternal mistura de alunos (p. 223-224).

O colégio estabelecido pelo Padre Manuel da Nóbrega na Bahia, “frequentado por filhos de colonos, meninos órfãos vindos de Lisboa e piás da terra” (FREYRE, 2003, p. 224), ilustra esse ambiente.

Terá sido assim a vida nos colégios dos padres um processo de co-educação das duas raças – a conquistadora e a conquistada: um processo de reciprocidade cultural entre os filhos da terra e meninos do reino. Terão sido os pátios de tais colégios um ponto de encontro e de amalgamento de tradições indígenas com as européias; de intercâmbio de brinquedos; de formação de palavras, jogos e superstições mestiças. O bodoque de caçar passarinho, dos meninos índios, o papagaio de papel, dos portugueses, a **bola de borracha**, as danças etc. (p. 224). (Grifo nosso).

A proposta dos jesuítas se concentrou essencialmente em uma inversão de papéis – “no filho educar o pai; no menino servir de exemplo ao homem; na criança trazer ao caminho do Senhor e dos europeus a gente grande” (FREYRE, 2003, p. 218). Infelizmente, como destacado por Freyre, fortes influências missionárias e culturais segregam o processo colonizador.

Jesus e Silva (2000) também nos apresenta com uma análise da influência da Congregação Marista na difusão do futebol no Brasil e no mundo, iniciada na França, ao final do século XVIII e início do século XIX. Em um momento histórico pós-revolucionário conturbado, a Igreja sofria perseguições políticas e

sociais e tinha seus dogmas e tipo de educação questionados diante da “descristianização” da população que se mostrava cada vez menos católica, mais deísta e ateia. Somente com o domínio de Napoleão o quadro começou a se alterar e a Igreja recuperou parte do seu prestígio. Nesse momento, várias instituições católicas de ensino reestabeleceram seu papel na sociedade francesa (JESUS; SILVA, 2000).

Dentre elas, os autores destacam a Congregação Marista, fundada pelo Padre Marcelino Champagnat, em 1817. A instituição foi criada “com o propósito de fundar escolas e levar educação religiosa por toda a França. Principalmente nos vilarejos e na zona rural onde a carência de estabelecimentos educacionais era maior” (SILVA, 1999 *apud* JESUS; SILVA, 2000, p. 421).

Após um período de reformas educacionais estimuladas por ideais da Revolução Francesa em defesa de uma escola leiga, gratuita e obrigatória, o governo francês proibiu que instituições religiosas oferecessem ensino. Com isso, congregações católicas francesas começaram a se espalhar pelo mundo, em mais de 80 países, chegando ao Brasil em 1897, em um momento histórico recém abolição da escravidão e proclamação da República (JESUS; SILVA, 2000).

Com uma pedagogia voltada à formação integral dos alunos, preparação para uma vida de fé e inserção na sociedade, a proposta marista era sustentada por uma educação religiosa e moral, e incluía em seu currículo disciplinas como artes, religião e educação física (JESUS; SILVA, 2000).

A preocupação com o sucesso no processo formativo, principalmente tratando-se de uma educação ofertada por uma instituição religiosa, estava centrada no controle de impulsos e instintos humanos. A canalização de tais impulsos passava, pela interpretação dos responsáveis pela instituição, pela

criação de mecanismos que poderiam manter os alunos ocupados e distantes de qualquer distração que poderia comprometer o processo. Nesse contexto, a prática de atividades físicas e esportes, tal como destacado pelo próprio Padre Champagnat, tem um papel fundamental.

Os jogos e exercícios durante os recreios favorecem o bom espírito e a saúde da mente. A atividade física, necessidade natural na infância, exerce favorável influência no caráter dos meninos, conserva-os na alegria suave e serena que, por sua vez, os predispõem à docilidade e à obediência. Quando os meninos não conseguem satisfazer, de maneira conveniente, esta necessidade de movimento que lhes é natural, experimentam mal-estar e perturbações interiores. Tornam-se tristes, inquietos e impacientes. Os exercícios e os jogos moderados também tem extrema importância na conservação dos bons costumes. Nada pior que uma casa de educação onde não se brinque. (SILVEIRA, 1994 *apud* JESUS; SILVA, 2000, p. 422).

A proliferação de instituições religiosas, iniciada já a partir do período colonial, com caráter formativo similar sustentado por práticas físicas e esportivas, se deu de maneira considerável em todo o mundo. Com isso, torna-se fácil visualizar e compreender o papel dessas instituições no recorte da difusão do futebol no Brasil.

Com a expansão econômica e cultural, observou-se um fortalecimento das trocas entre América e Europa, ilustrada pelas experiências dos meninos ameríndios em Sevilha, pelos processos de evangelização e formação do indivíduo orientados pela Igreja. Essas trocas culturais, da maneira que foram se estabelecendo, configuraram um “giro cultural completo da sociedade” (SHIRTS, 1982, p. 89). Para exemplificar, de acordo com Freyre (2003), a similaridade entre os jogos, no ponto de confluência entre os continentes, num momento histórico particular, nos dá indícios de que jogos indígenas influenciaram jogos infantis e

esportes europeus que, por suas vezes, retornaram, alimentaram e enriqueceram o desenvolvimento educacional e esportivo na América e no mundo.

Jesus e Silva (2000) relacionam dois outros agentes essenciais no processo de introdução e difusão do futebol no Brasil – os ingleses, responsáveis pelos jogos em áreas portuárias, fábricas e colégios, e estudantes brasileiros egressos de instituições de ensino da Europa que retornavam trazendo a “novidade da civilização” (p. 421), entre eles, Charles Miller (São Paulo), Oscar Cox (Rio de Janeiro), José Ferreira Júnior (Salvador), Guilherme de Aquino Fonseca (Recife), João Luís de la Roque (Belém), Frederico Fritz Essenfelder (Curitiba), José Silveira (Fortaleza) entre outros espalhados pelo Brasil (AQUINO, 2002).

Estão registrados na literatura eventos que envolvem os primeiros agentes citados pelos autores. No Rio de Janeiro, então capital federal, Aquino (2002) e Guterman (2011) citam a prática do futebol no litoral brasileiro por tripulantes de navios ingleses a partir de 1864, 30 anos antes de Charles Miller chegar da Inglaterra. Entre 1874 e 1878, a praia da Glória no Rio de Janeiro, foi apontada pelos autores como local de jogos. Participavam, segundo Guterman (2011), funcionários de várias empresas inglesas de navegação, bancos e ferrovias; no bairro de Laranjeiras, Rio de Janeiro, trabalhadores ingleses e brasileiros realizaram partidas de futebol no campo do Payssandu Cricket Club entre os anos de 1875 e 1876; em 1878, em um terreno baldio, foi registrado um jogo entre os tripulantes no navio Criméia (AQUINO, 2002). A cidade de Jundiaí, São Paulo, em 1882, foi palco de jogos de futebol entre trabalhadores ingleses e brasileiros da São Paulo Railway, sob o comando de Mister Hugh (AQUINO, 2002; GUTERMAN, 2011). Em Belém, João Luís de la Roque já organizava jogos a partir de 1892 entre associados de Clube de Esgrima. No mesmo ano, o Colégio D. Pedro

II, do Rio de Janeiro de 1892, mostrava em seu regulamento que o futebol já fazia parte da rotina escolar.

O diretor e o vice-diretor do Ginásio procurarão desenvolver em seus alunos o gosto pelos exercícios de tiro ao alvo, de besta, tiro e flecha, exercícios ginásticos livres, saltos, jogo de volante etc. E farão, todos os domingos, um passeio para fora do centro da cidade... São permitidos como jogos escolares: a barra, a amarela, o **futebol**, a peteca, o **jogo de bola**, o *cricket*, o *Law-tennis*, o *crochê*, corridas, saltos e outros, que, a juízo do diretor, concorram para desenvolver a força e a destreza dos alunos, sem pôr em risco sua saúde. (CARRANO, 2000 *apud* AQUINO, 2002, p. 25). (Grifo nosso).

No contexto histórico do futebol há, entre inesgotáveis controvérsias, talvez o único consenso de que este chegou ao Brasil no final do século XIX trazido nas malas do jovem paulista Charles William Miller. Charles Miller nasceu em São Paulo em 24 de novembro de 1874, filho de Carlota Alexandrina Fox Miller, brasileira filha de ingleses, e de John Miller, engenheiro escocês que veio ao Brasil trabalhar na São Paulo Railway, empresa responsável pelo desenvolvimento das estradas de ferro que ligava o Vale do Paraíba a Santos (GUTERMAN, 2011). Aos nove anos, Charles Miller foi estudar em *Banister Court School*, Southampton, Inglaterra (AQUINO, 2002; SILVA, 2005; GUTERMAN, 2011). Durante os estudos, se destacou como jogador de futebol e integrou a equipe do condado de Hampshire em 1893 (PEREIRA, 1998; PRONI, 2000; AQUINO, 2002).

Após chegar ao Brasil, em 1894, diante do potencial da novidade que trazia, Charles Miller dedicou-se a organizar a prática do futebol (PRONI, 2000; AQUINO, 2002). Associando-se a grupos de ingleses da Companhia de Gás, do Banco de Londres e também da Estrada de Ferro São Paulo Railway, Charles Miller

organizou equipes e partidas⁹, sendo considerado o grande precursor do futebol no Brasil (CALDAS, 1994; PEREIRA, 1998; WISNIK, 2008).

No Rio de Janeiro, diante de um terreno fértil, a história se repete pela iniciativa de Oscar Cox, filho de Minervina Dutra Cox e George Emmanuel Cox, equatoriano que trabalhava como diplomata para os ingleses radicado no Brasil (GUTERMAN, 2011). Oscar Cox estudou no *Collège de la Ville*, em Lausanne, Suíça (AQUINO, 2002; NOGUEIRA, 2006; GUTERMAN, 2011) e, da mesma forma que Charles Miller, se propôs a promover o *football association*.

Filiado ao clube que o pai ajudou a fundar, Payssandu Cricket Club¹⁰, Oscar Cox participou, nos primeiros anos após seu retorno, de partidas que apresentavam caráter recreativo unicamente para associados do clube. Somente em 1901, os jogos passaram a ser realizados além dos portões do clube e com atores não somente da colônia inglesa (PEREIRA, 1998). O autor relata que em 22 de setembro, um domingo, uma partida foi realizada no campo do Rio Cricket and Athletic Association (RCAA), na Praia Grande, entre jovens brasileiros liderados por Oscar Cox e sócios do clube (NOGUEIRA, 2006). O jogo teve dois tempos de vinte minutos com um intervalo de 15 minutos e terminou com um empate de 1 a 1. O jornal Correio da Manhã anunciou o evento como o primeiro jogo de *football* do Rio de Janeiro e registrou um público inferior à quantidade de jogadores em campo (PEREIRA, 1998), marcando o início do futebol no Rio de Janeiro.

⁹ Para Aquino (2002), a primeira partida oficial de futebol no Brasil foi promovida por Charles Miller em 14 de abril de 1895 entre as equipes do The Team Gaz e do The São Paulo Railway no campo da Cia. Paulista de Viação. Guterman (2011) faz referência a uma data provável entre 14 e 15 de abril de 1895 na Várzea do Carmo em um terreno da Companhia Viação Paulista.

¹⁰ George Cox, pai de Oscar Cox, ajudou a fundar o Rio Cricket Club em 1872. Depois o nome mudou para Clube Brasileiro de Cricket, depois Paysandu e atualmente Paissandu (NOGUEIRA, 2006).

Houve ainda mais dois outros jogos entre as equipes. Ambos terminaram empatados – 2 x 2 em 29 de setembro e 1 x 1 em 12 de outubro (NOGUEIRA, 2006). Acostumado a cobrir esportes como turfe e remo, os resultados da partida decepcionaram a imprensa (PEREIRA, 1998).

Para Nogueira (2006), Oscar Cox, mesmo tendo a rivalidade do remo, esporte de maior notoriedade no Rio, assumiu um trabalho missionário. Com a proposta de continuar a promover o *football*, Oscar Cox organizou duas partidas com a equipe paulista liderada por Charles Miller que foram realizadas nos dias 19 e 20 de outubro de 1901 no campo do São Paulo Athletic (NOGUEIRA, 2006). Os jogos terminaram empatados em 2 x 2 e 0 x 0 e o jornalista inglês Aidan Hamilton¹¹ identificou esses primeiros movimentos do *football* como “a infância do futebol brasileiro” (NOGUEIRA, 2006, p. 16).

1.2 Do *Football Association* à brasilidade do Flamengo

Em um contexto em que a prática esportiva representava o signo da mudança e indicava um novo estilo de vida, sua adoção significou a incorporação de um “mundo culturalmente avançado, mesmo vivendo numa sociedade atrasada, distante da matriz da civilização” (PRONI, 2000, p. 99-100).

Histórias como as dos dois “pioneiros” servem assim para atestar o caráter elitista da geração do esporte no Brasil, que teria nascido somente pelo impulso isolado de alguns abastados que buscavam na Europa as raízes de uma nova cultura e de uma nova civilização para a recém instaurada república brasileira [...]. (PEREIRA, 1998, p. 13).

¹¹ Aidan Hamilton, jornalista inglês radicado no Brasil, é autor do livro “Um jogo inteiramente diferente: futebol – a maestria brasileira de um legado britânico” da Editora Griphus, 2001.

A importância da cultura inglesa é indiscutível e, tal como destaca Guterman (2011), sua influência não pode ser considerada uma expressão pontual, esparsa e de mera diversão. Ela foi essencial para o desenvolvimento do futebol e sua incorporação pela sociedade brasileira.

Aproveitando as oportunidades relacionadas à expansão das cidades brasileiras, várias empresas britânicas de eletricidade, gás e transporte, foram responsáveis por montar comunidades inglesas no Brasil, formando um grupo aproximado de 300 ingleses, que trabalhavam normalmente na operação de máquinas e montagem dos trilhos das estradas de ferro¹².

Essa pouca representatividade, diante da distribuição demográfica da época¹³, não impediu que a cultura europeia prevalecesse no desenvolvimento do futebol a partir da segunda metade do século XIX (GUTERMAN, 2011), não somente em São Paulo e no Rio de Janeiro, mas em todo o Brasil.

Mesmo considerado um número insignificante de ingleses, essa cultura determinou que o futebol das escolas públicas europeias fosse reproduzido por aqui (GUTERMAN, 2011). A existência de boas escolas no Brasil, no momento da transição Império-República, não impediu, segundo o autor, que muitos imigrantes das classes sociais média e alta encaminhassem seus filhos para estudarem na Europa, onde vivenciaram, de forma paradoxal, o futebol desenvolvido no Brasil¹⁴.

¹² Guterman (2011) não especifica a distribuição territorial da representatividade inglesa.

¹³ Em 1872, a população de São Paulo era de 27,5 mil habitantes e a do Rio, na condição de capital do Império brasileiro, era de 275 mil (GUTERMAN, 2011).

¹⁴ Naquele contexto, o futebol esteve fortemente relacionado ao desenvolvimento da classe operária e a uma prática vandalizada (GUTERMAN, 2011).

[...] um jogo que trazia para locais públicos toda a raiva das classes baixas do país, atulhadas nas cidades cada vez mais hostis. A repressão ao futebol jogado na rua, comum no início do século XIX na Inglaterra, é a prova de que o esporte era visto como coisa da ralé, ainda mais porque invariavelmente acabava em pancadaria e depredação. Por causa disso, o futebol passou a ser jogado em locais específicos, principalmente nas escolas públicas. (GUTERMAN, 2011, p. 15).

Em decorrência da nova realidade, o futebol passa a ser visto como esporte elegante e coerente a um código, de cavalheiros, tal como o tênis e o golfe (SANTOS, 1981 *apud* Proni, 2000) – “o pedigree elitista do futebol permeava tudo” (GUTERMAN, 2011, p. 15).

Implantado e praticado regularmente entre *sportsmen* nos clubes *chics* com status de importação inglesa, assumindo como prerrogativa de classe e separado da plebe por uma espécie de cordão sanitário, esse futebol torna-se logo a vitrine de um modo de vida europeizado, [...] e um índice de civilização e progresso, além de um traço de distinção social. (WISNIK, 2008, p. 200).

Sob o signo do novo, jovens apaixonados pela competição, *fair play* e espírito esportivo, criaram espaços para sua prática dentro das fábricas e dos clubes (DAMATTA, 1994) e em lugares não tão elitizados assim, mesmo os promovidos por Charles Miller.

[...] Charles Miller e seus colegas resolveram bater bola naquele terreno da Várzea do Carmo, tiveram de enxotar os burros que pastavam no local para poder jogar, em romântica demonstração da simplicidade a partir da qual nasceria o futebol no Brasil. (GUTERMAN, 2011, p. 20).

No histórico “primeiro jogo” realizado no Brasil e vencido pelo São Paulo Railway por 4 a 2 contra o The Team of Gaz Company, não havia uniformes para todos, e muitos jogadores tiveram de atuar usando as calças compridas que vestiam. Nada disso, porém, reduziu o ânimo de Charles Miller e de seus colegas, e a festiva novidade esportiva, desprovida de luxo, logo atrairia a atenção dos operários das redondezas, conforme veremos adiante. (GUTERMAN, 2011, p. 21).

Esse caráter simples e amador se contrapunha à riqueza ostentada em outros espaços pelos mesmos amantes do futebol – em um jogo em 1899 entre a equipe dirigida pelo professor Augusto Shaw do Mackenzie¹⁵ e uma equipe formada por jogadores de uma comunidade alemã de São Paulo, o professor “advertiu um dos seus jogadores que ele não poderia entrar em campo se não ajeitasse a gravata” (GUTERMAN, 2011, p. 18).

Por ora o que importa é mostrar que havia um pronunciado desejo de ao menos parecer amador entre os fundadores do futebol brasileiro. Como se tratava de gente da elite europeia e da nascente aristocracia paulistana e carioca, esse desejo soa estranho; afinal, eles poderiam muito bem ter usado seu dinheiro para melhorar as condições do jogo e mesmo torná-lo financeiramente viável como competição. Não foi isso o que se viu nos primeiros anos, em parte justamente porque os pioneiros viam no amadorismo o maior charme do jogo, uma maneira de acentuar o cavalheirismo e a noção de “*fair play*” dos atletas, distinguindo-os daquilo que eles viam como costumes rasteiros da massa de imigrantes iletrados e de ex-escravos – dos próprios operários e desocupados ingleses que haviam criado o futebol. (GUTERMAN, 2011, p. 18).

Nesse contexto paradoxal, o futebol continuou “inglês” por pelo menos os dez anos seguintes (SANTOS, 1981 *apud* PRONI, 2000), influenciando a formação de inúmeros clubes espalhados pelo Brasil (AQUINO, 2002), antes de assumir o próprio caminho com uma nova identidade.

O processo de transformação do futebol trazido da Europa para o futebol do brasileiro deve ser considerado uma ruptura ou um processo de transição natural. Para Damo (1998, p. 185),

Subjacente ao estilo, qualquer que seja, está a noção de ruptura. Ele serve para demarcar e, não raro, opor determinadas visões de

¹⁵ Trata-se da Associação Atlética Mackenzie College da cidade de São Paulo (AQUINO, 2002).

mundo, períodos históricos e posições sociais. No caso do futebol brasileiro, esta função [ruptura] é clara e reveladora. Logo que o futebol foi trazido da Europa, como símbolo da modernidade, os esforços se concentraram na apreensão da prática de todos os códigos e valores a ela associadas. O importante não era apenas jogar, mas jogar de uma determinada forma, como os ingleses; vestir, torcer, falar, tudo como os ingleses; via de regra, a autenticidade era diretamente proporcional à imitação. Porém, o gosto pela imitação foi cedendo lugar à criatividade e, paulatinamente, foram sendo produzidas diferenças não apenas na forma de jogar mas também de torcer. Os contrastes, apesar de evidentes, eram difíceis de serem definidos e, acompanhando o relato de Mário Filho (1964), pode-se observar como as diferenças foram percebidas tendo o ‘estilo inglês’ como referência. Se era impossível caracterizar o novo a partir dele mesmo, pelo menos havia uma certeza, não era inglês.

Dessa forma, DaMatta (1994) compreende que “o velho e bretão *football Association* foi apropriado por toda a sociedade e sendo rebatizado no Brasil como ‘futebol’ virou uma paixão das massas e um acontecimento festejado e amado pelo povo” (p. 12).

1.2.1 O remo do Grupo de Regatas do Flamengo

O desenvolvimento dessa pesquisa passa pela análise e adoção de perspectivas de investigação da trajetória histórica do futebol no Brasil. Para isso, assumimos como pertinente o acesso à parte da história de uma das maiores instituições esportivas do país – Clube de Regatas do Flamengo.

A trajetória do Flamengo identifica-se em vários momentos com a trajetória do futebol brasileiro, com elementos culturais, sociais, econômicos e políticos. Nesse sentido, nos empenharemos, tal como propôs Coutinho (2009), em esclarecer porque “crenças, valores e símbolos correntes na época foram determinantes para a construção da popularidade do clube no Brasil” (p. 185).

Ao final do século XIX e início do século XX, o Rio de Janeiro, na condição de capital nacional da jovem República brasileira, era “uma cidade sedenta por novidades que firmassem sua imagem de maior metrópole nacional e, mais, como uma cidade moderna e europeizada” (NOGUEIRA, 2006, p. 21). A partir desse panorama, a prática esportiva, respeitando dimensões culturais, econômicas e políticas condizentes à estrutura social da época, estava intrinsecamente relacionada ao nível de pertencimento social, principalmente orientada por “esportes aristocráticos” associados às “novidades estrangeiras” (KOWALSKI, 2001, p. 130). Dentre esses, Melo (1999) destaca o pioneirismo do turfe¹⁶ por ser “uma prática bastante adequada para uma sociedade [...] que procurava buscar meios de identificação com [...] países mais desenvolvidos” (p. 42-43).

Nesse contexto, comuns em cidades localizadas à beira mar, os esportes aquáticos eram praticados pela elite carioca. Com espaço na imprensa cada vez maior, porém inferior se comparado à cobertura do turfe, as práticas náuticas ganhavam, pela organização, uma divulgação considerada, influenciando, já a partir da segunda metade do século XIX, a origem de vários clubes do Rio de Janeiro (KOWALSKI, 2001). O quadro a seguir ilustra a “movimentação” esportiva institucional alimentada pelos esportes náuticos na cidade do Rio de Janeiro.

O SURGIMENTO DOS CLUBES

O primeiro a surgir foi o Grupo dos Mareantes, em Niterói, que realizou sua primeira e única regata em 3 de dezembro de 1851. Essa foi a primeira regata do Brasil. No ano seguinte, uma de suas embarcações naufragou, causando a morte do remador Américo Silva, o que acabou levando à dissolução do clube. Em 1862 surgiram mais duas associações: o Grupo Regatas e o British Rowing Club. A Marinha também apoiava o remo e

¹⁶ “O turfe, o primeiro esporte no sentido moderno a efetivamente se organizar no país, já tinha dado seus primeiros passos seguros, gozando de reconhecimento e de certa notoriedade na cidade, tanto entre as elites quanto entre parte significativa do resto da população, e sendo também o que apresentou pioneiramente uma organização mais estruturada e uma forte inserção social.” (MELO, 1999, p. 42).

realizava regatas. Em 1862, realizou duas, sendo que a de 14 de julho de 1862 foi assistida por D. Pedro II (que presenciaria outras, no futuro), sua corte e grande público. Em 1863, realizou outra, em que surgiram novos tipos de barcos (a seis remos) e estrearam muitos remadores. Em 1867 foi criado no Rio o Club de Regatas, que durante dois anos atuou na Enseada de Botafogo. Somente em 9 de agosto de 1874 seria fundado o clube que marcaria definitivamente o estabelecimento do remo na cidade: o Club de Regatas Guanabareense. Depois seguiram-se o Club Náutico Saldanha da Gama (1876) em Niterói, Grupo de Botafogo (1878), Club de Regatas Paquetaense (1884), Club de Regatas Cajuense (1885), Club de Regatas Internacional (1887), Grupo de Regatas Botafogo (1892), Union de Canotiers (1892), Club de Regatas Fluminense, do Caju (1892), Club de Regatas 15 de Agosto (1894), Grupo de Regatas da Escola Militar, em 1894 (que depois incorporou o 15 de Agosto), Club de Regatas de Botafogo (1894), este último criado por desportistas oriundos do Grupo de Regatas Botafogo e do Club Guanabareense (em 8/12/42, o Club de Regatas de Botafogo fundiu-se com o Botafogo Football Club, surgindo o Botafogo de Futebol e Regatas). Dissidências posteriores no Club de Regatas de Botafogo deram origem a três novos Grupos de Regatas: Luiz Caldas, de Niterói (1894), Sul Americano (1894) e Veteranos do Remo (1894). Novos clubes continuaram a ser formados ainda no século 19: Grupo de Regatas de Gragoatá (1895), Club de Regatas de Ycarahy (1895), Club de Regatas do Flamengo (1895), Club de Natação e Regatas (1896), que em 1960 mudaria sua denominação para Clube de Natação e Regatas Santa Luzia, Grupo de Regatas Praia Vermelha (1896), Club de Regatas do Caju (1897), Club de Regatas Boqueirão do Passeio (1897), Club de Regatas Vasco da Gama (1898), Club de Regatas São Cristóvão, em 1899 (que em 13/2/43 fundiu-se com o São Cristóvão Athletico Clube, formando o São Cristóvão de Futebol e Regatas), Club de Regatas Guanabara (1899), Club Internacional de Regatas, de São Cristóvão (1900), Club de Regatas Infantil (1900) e Grupo Náutico São Domingos, de Niterói (1900). O início do século 20 assistiu a criação do Grupo de Regatas Feminino, da Ilha de Pombeba, na Baía de Guanabara (1901), que disputou apenas uma prova contra as remadoras do Club Cajuense e sequer chegou a ser aceito para participar das regatas organizadas pelos clubes “masculinos”; Club Sportivo São Bento (1902), Club de Regatas Fluminense, de Niterói (1902), Rowing Club (1902), Grupo de Regatas da União Náutica (1903), formado por dissidentes do Club de Regatas São Cristóvão; Grupo de Regatas Lagoense (1904), Club de Regatas Jardimense (1905), Club de Regatas Piraque (1906) e Club de Regatas Lage (1908), todos na Lagoa Rodrigo de Freitas; Club de Regatas Pedro Álvares Cabral (1904), Governador Sport Club (1908), Rio Sailing Club, com departamento de remo (1914), Sport Club Fluminense, de Niterói (1916), Clube de Regatas e Natação Penha (1934), Clube de Regatas Cidade Universitária (1966), formado por remadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Grêmio Náutico Marapendi (1996). (Fonte: Wilson Reeberg – História da FRERJ – www.remolive.com/historia_frerj.html).

Em um período de efervescência social, em que pouco se sabia sobre o futebol, a prática do remo, por atender ao modelo predominante até então, influenciou um dos principais movimentos de difusão do esporte como um “novo fenômeno” que despontava (KOWALSKI, 2001).

Alimentado por uma rivalidade descrita por Coutinho (1990) e Alencar (1970) *apud* Kowalski (2001), um grupo de amigos se organizava para a prática do remo no tradicional bairro do Flamengo, tal como já acontecia em vários outros bairros cariocas. Esse grupo, que de certa forma representava os anseios de muitos jovens, assistia incomodado a invasão de remadores, maioria de Botafogo, de suas casas de banho para “azararem” suas garotas, levando-as para passeios de barco e para prestigiarem suas regatas.

Interessados em minimizarem “as angústias e necessidades cotidianas” (KOWALSKI, 2001, p. 130) nos quais estavam envolvidos, sete amigos, José Agostinho, Nestor de Barros, Mário e Álvaro Spíndola, Napoleão de Oliveira, Francisco Lucci Colas e Maurício Rodrigues Pereira se organizaram e fundaram, no dia 17 de novembro de 1895, o Grupo de Regatas do Flamengo¹⁷.

Respeitando a configuração da época e os fatores que fomentaram a criação do Grupo e sua transição para o Clube de Regatas do Flamengo em 1902, a primeira década foi dominada pelos esportes náuticos (KOWALSKI, 2001).

As competições aumentavam em qualidade e quantidade de competidores. Também acumulavam as vitórias do Flamengo. De 1901 a 1904 o clube venceu com barcos de fabricação estrangeira. [...] Em 1905, o barco “Timbyra”, de fabricação brasileira, venceu a Taça Sul América e muitas outras regatas tendo como ‘patrão’ (posição do remo) Alberto Borgeth entre os remadores do Flamengo. A partir de 1907, as vitórias do Rubro-Negro são infindáveis e fala-se em liderança no remo, inclusive organizando o Campeonato Brasileiro de Remo daquele ano (revistas A Semana e Sportiva). [...] As glórias e a já então popularidade do Flamengo nos esportes náuticos chega a São Paulo. Em 13 de maio de 1912, o Rubro-Negro participa, pela primeira vez, de uma regata interestadual fora do Rio de Janeiro, em águas do rio Tietê. Mesmo sentindo a diferença entre remar no mar e remar em um rio, o Flamengo vence a regata [...]. (KOWALSKI, 2001, p. 140-141).

1.2.2 Do remo ao futebol do Clube de Regatas do Flamengo

Em decorrência da trajetória vitoriosa, já ao final da primeira década, o Flamengo era considerado o “glorioso” no remo (KOWALSKI, 2001). Apesar de uma imagem mais atrativa entre os jovens da época, a prática e liderança

¹⁷ Segundo Coutinho (1990) *apud* Kowalski (2001), a data de fundação foi alterada para o dia 15 de novembro, “coincidindo com o feriado nacional da Proclamação da República [...] ficando assim o grupo ligado à história do Brasil e o seu natalício seria feriado todos os anos” (p. 159).

nesse esporte, aos poucos, passaram a ser ameaçadas pela presença crescente do esporte que vinha recebendo a “marca de jogo da higiene, da saúde, do progresso [...]” (KOWALSKI, 2001, p. 124), o futebol.

Esse discurso chegou ao Brasil já ao final do século XIX por manifesto de parte da comunidade científica e de políticos europeus que acreditava que a prática de exercícios físicos em muito contribuiria para o desenvolvimento da etnia. Diante de uma população mestiça, atividades que promoveriam o desenvolvimento do corpo foram adotadas como fundamentais, entre elas o futebol, que “estimulava ‘o bom funcionamento de todos os órgãos’, além do espírito de disciplina e de solidariedade entre os atletas” (AQUINO, 2002, p. 32).

Com todo seu potencial no contexto do esporte nacional, o Flamengo, de acordo com o entendimento de Kowalski (2001), somente se tornaria a referência clubística com adoção do futebol, sustentado pelas “glórias no mar e em outros esportes” (p. 155).

Apesar de estar “à sombra do remo” (KOWALSKI, 2001, p. 141), a configuração começou a ser modificada essencialmente com o envolvimento direto de dissidentes do Fluminense, alimentando as versões históricas de que o futebol do Flamengo seria “filho” ou teria nascido de um rompimento político no Fluminense (KOWALSKI, 2001). Segundo Coutinho e Alencar *apud* Kowalski (2001), com a liderança de Alberto Borgeth¹⁸, jogadores do Fluminense articularam, na ocasião da eleição para presidência do Fluminense de 1911, um movimento de mudanças no clube relacionado ao time de futebol.

¹⁸ Kowalski (2001) destaca que teve acesso a formas diferentes de grafias “Borgeth”, “Borgerth”, “Borghet”. Em Neves (2013) encontramos a grafia “Borgerth. Tal como Kowalski, assumimos aqui “Borgeth”.

Apesar do Fluminense liderar o Campeonato Carioca de 1911 – onde, conseqüentemente, seria campeão, pois faltava somente uma partida contra o América – a política interna do clube não andava agradando seus sócios, nem ao menos os jogadores de futebol. Com o Fluminense seguindo invicto no campeonato, o capitão Alberto Borgeth divergia dos dirigentes do Ground Commitee, uma espécie de Comissão Técnica. Tratava-se da política interna do Fluminense determinada pela demissão de Ernesto Paranhos e Harold Cox, antes da eleição à Presidência do clube. Oswaldo Gomes e Altair Antunes formavam dupla para a nova presidência e se apresentavam como candidatos. No dia da eleição, surgiu um terceiro candidato, Joaquim Guimarães empurrado por Borgeth, fazendo frente a esta dupla, ou seja, contra seu sub-capitão de futebol Oswaldo Gomes. O resultado foi o empate entre Gomes e Guimarães, quinze votos cada um. Seria vencedor pelos estatutos vigentes o mais velho, porém, ambos eram da mesma idade. A eleição foi decidida em Assembléia elegendo Oswaldo Gomes, contrário ao que queria Borgeth. Infelizmente, não terminaram o impasse e as contradições. O ápice da ocorrência deu-se na escalação do time de futebol do Fluminense no último jogo contra o América. Para o jogo decisivo, o Fluminense foi escalado sem a presença de Alberto Borgeth no comando do time de futebol. No lugar dele, que era o centro-avante e capitão, colocaram Paranhos, que ocupava a posição de beque. Com a exceção de Oswaldo Gomes e James Calvert, os demais jogadores manifestaram-se contrários à Diretoria do clube, favoráveis à permanência de Borgeth no comando do ataque, exigindo a retirada de Oswaldo Gomes. A Diretoria do Fluminense manteve a sua decisão e, como medida de precaução, colocou-os no quadro de sobreaviso [...]. Mesmo assim, Borgeth pediu aos jogadores e companheiros do time de futebol do Fluminense que estivessem em campo no domingo e dessem o título ao clube. Estes venceram o campeonato. Houve comemoração em que não compareceram os nove jogadores do primeiro time. No dia seguinte, [...] foram convidados a deixar o Fluminense. Alberto Borgeth foi bater à porta do Flamengo, ou algo dizia que podia fazer alguma coisa que pudesse amenizar o problema dos ex-jogadores do Fluminense e contava que o Flamengo os receberiam de bom grado pois, além de jogadores de futebol eram remadores pelo Flamengo. (KOWALSKI, 2001, p. 146-147).

Kowalski (2001, p. 146), pelo exposto, salienta que

O que podemos situar pelas leituras, é que não houve uma cisão do Fluminense, uma divisão do clube, mas o afastamento de alguns jogadores de futebol por desencontros de idéias. Esta cisão caracterizada pela literatura não gerou nem o futebol no Flamengo, muito menos o nascimento de um novo clube. O Flamengo já praticava o futebol desde 1903, como modalidade esportiva e reconhecida pelos seus títulos em muitas competições amadoras e

sendo uma instituição sólida e comprometida com o esporte carioca. A entrada dos atletas (canotiers e players) do Fluminense para o Flamengo parece ser uma simples troca de clube, de entidade esportiva pelo time de futebol do Fluminense, onde este clube não mais correspondia aos objetivos dos jogadores vindo a formalizar a configuração do futebol como modalidade esportiva, assumida competitivamente a partir de 1911, com o Departamento de Futebol do Flamengo e, em consequência, entrando na Liga Metropolitana de Esportes Terrestres do Rio de Janeiro que, no ano seguinte, vem a disputar o campeonato carioca.

Apesar de Kowalski (2001) destacar que a vinda de Alberto Borgeth para o futebol do Flamengo possa ser interpretada como apenas uma troca de clubes, tal situação pode, talvez, ser considerada como o “passo mais decisivo do Flamengo” (p. 150). Logo após sua aceitação pelo futebol, Alberto Borgeth propôs a criação da Seção de Futebol. Em Assembleia Extraordinária em 24 de dezembro de 1911 foi aprovada não apenas a criação da Seção, mas também da Seção de Desportos Terrestres, sendo Borgeth indicado para dirigi-la.

O novo modelo estrutural expôs a necessidade de reorganização dos espaços para a prática e democratização do futebol, pois o Flamengo não possuía estrutura física para realização dos treinos e jogos (KOWALSKI, 2001), tal como acontecia com a prática do remo. Com a inscrição na Liga Metropolitana de Desportos Terrestres¹⁹, os jogos oficiais eram realizados no campo do Fluminense com a divisão da renda e os treinos passaram a ser na Praça Russel, espaço cedido pela Prefeitura do Rio de Janeiro (KOWALSKI, 2001).

Próximo à sede do clube, na praia Russel, o prefeito Bento Ribeiro mandou fazer um campo de futebol [...], para que a garotada da

¹⁹ A Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT) foi fundada em 8 de julho de 1905 com o nome de Liga Metropolitana de Football (LMF). Em 18 de fevereiro de 1907 a LMF passou a ser denominada de Liga Metropolitana de Sports Athleticos (LMSA). Somente em 1917 foi substituída pela LMDT (NAPOLEÃO, 2006).

região pudesse se divertir. Bem, a meninada se divertia, sim, mas só até o final da tarde, quando apareciam, com chuteiras e roupas de treino, os jogadores do Flamengo, o mais novo time da primeira divisão carioca. Era hora dos petizes verem seus ídolos de perto. (VAZ; CELSO JÚNIOR; AMBRÓSIO FILHO, 2012, p. 25).

Tal situação possibilitou o que Kowalski (2001) chamou de “mistura dos futebolis: do clube com o da praça, da várzea da fábrica e do terreno baldio” (p. 152). Com a cobrança de ingressos, o acesso aos jogos oficiais era restrito à elite carioca. Já os treinos eram realizados em “um lugar do povo para o povo, um campo de futebol sem cercas” (p. 151).

A escolha da Praça Russel, sem dúvida, foi um marco na história do clube – “O Clube de Regatas do Flamengo dá um importante passo, levando os seus jogares de futebol para a praça – ‘a praça é do povo’, já dizia o poeta Bilac [...]” (KOWALSKI, 2001, p. 152). Tal escolha favoreceu a formação de “uma das mais fortes correntes na penetração das massas e de sua popularidade, inclui a larga porta aberta à classe popular” (p. 152).

A garotada acompanhava o time, apontando Píndaro, o Baena, o Gallo, o Borgerth, o Gustavinho. Para Aberto Borgerth, ali estava a explicação de tudo. Assim, a falta de um campo fez o Flamengo misturar-se ao povo, aproximar-se dele. Os garotos, em busca de ídolos, iam ao encontro deles no campo do Russel. Podiam tocá-los, podiam devolver as bolas que iam fora. E haviam de contar em casa, na escola, que tinham conhecido o Nery, que tinham batido nas costas do Amarante, que tinham apertado a mão do Bahiano. (PEREIRA, 2010 *apud* VAZ, CELSO JÚNIOR E AMBRÓSIO FILHO, 2012, p. 25).

Ao treinar no descampado, diante do “povão”, chamando a atenção de curiosos, “estabeleceu-se de imediato uma relação de proximidade e intimidade entre jogadores e torcedores” (NEVES, 2013, p. 28).

Tão logo passa a participar das competições promovidas pela Liga Metropolitana de Sports Athleticos do Rio de Janeiro, o Flamengo começa a se destacar. Após inscrição em 1911, participou do campeonato carioca do ano seguinte, realizando sua primeira partida oficial em 3 de maio de 1912, com o Sport Clube Mangureira (KOWALSKI, 2001; COUTINHO, 2013; NEVES, 2013) no campo do América Football Club. Jogo vencido pelo Flamengo por 15 x 2²⁰ (NEVES, 2013). Em seu primeiro ano, o Flamengo conquistou o vice-campeonato e foi campeão juvenil e infantil; em 1913, ano que venceu a primeira regata interestadual em São Paulo, com Alberto Borgeth, manteve o vice-campeonato; os vice-peonatos seguidos sustentaram o bicampeonato em 1914 e 1915 (KOWALSKI, 2001). Segundo a autora, nesses primeiros anos, o número de sócio do clube passou de 60 para 200 associados. O bicampeonato volta a se repetir em 1920 e 1921. Os campeonatos de 1915 e 1920 foram vencidos de forma invicta. O de 1920 garantiu ao Flamengo o título de “Campeão de Terra e Mar” (p. 141).

Com as duas primeiras décadas consideradas vitoriosas, apesar da quebra de sequência entre 1927 e 1939, o Flamengo começa a “conquistar as massas” (KOWALSKI, 2001, p. 154) e a preferência popular²¹ passa a se confirmar (COUTINHO, 2013). Em 1927, o Flamengo já ocupava uma posição de destaque entre os clubes do Rio. Em concurso realizado pelo Jornal do Brasil, visando descobrir o clube de futebol preferido da cidade, contatou-se a preferência pelo Flamengo. Na ocasião, torcedores preencheram cupons disponibilizados pelo Jornal. O método e o resultado foram contestados, pois há relatos de que

²⁰ Kowalski (2001) e Coutinho (2013) fazem referência ao resultado de 16 x 2.

²¹ Quando se trata de futebol, a preferência popular, tal como destaca Coutinho (2013), não está relacionada à classe social ou ao nível de escolaridade, mas sim “a maior distribuição territorial da sua torcida” (p. 25).

torcedores do Flamengo, fingindo torcedores do Vasco da Gama, recolheram cupons na sede do Jornal comprometendo a contagem (COUTINHO, 2013). Entre as décadas de 1930 e 1950 as pesquisas passaram a ser validadas pelo Jornal dos Sports. Diferentemente do concurso do Jornal do Brasil, o Jornal dos Sports analisou em âmbito nacional, não somente na cidade do Rio de Janeiro. Apesar de não especificar as fontes, Coutinho (2013) afirma que nas consultas posteriores a 1927 o Clube de Regatas do Flamengo “ostenta a condição de clube com maior número de torcedores do Brasil” (p. 18).

Em uma situação em que se mostra inovador, o futebol “empolga o público de cavalheiros, dá forma a um emergente público feminino, ganha espaço na imprensa e publicidade crescente” (WISNIK, 2008, p. 201). Assim, o

surgimento deste clube, mais do que para a explosão esportiva que viria a acontecer mais tarde, com a irrefreada paixão pelo futebol, marca um lugar no cotidiano popular brasileiro, de forma que estas manifestações são narradas pelos mais variados setores da mídia e da literatura, na alegria e vibração, triunfos e angústias das decisões, nas derrotas, cujas expressões são revividas e recriadas, excedendo no júbilo incontido. (KOWALSKI, 2001, p. 129).

Esse cotidiano o qual Kowalski (2001) se refere, apresenta para Wisnik (2008) duas faces distintas – uma visível e outra invisível. O *football association*, tal como o desenvolvido por Charles Miller e Oscar Cox, pelos marinheiros ingleses, funcionários das companhias estrangeiras e o desenvolvido em alguns colégios se configura como o futebol visível. Aliado a esses,

Pondo-se como um esporte vocacionado congenitamente para gente fina, seja na plateia ou no gramado, o futebol dos grandes clubes do Rio de Janeiro (Rio Cricket, Payssandu Cricket, Fluminense, Botafogo, América, Bangu) e de São Paulo (São Paulo Athletic, Paulistano, Germânia, Palmeiras, Ipiranga) consolida-se

como moda elegante ao longo já da primeira década do século. (WISNIK, 2008, p. 200)²².

Monteiro Lobato e Coelho Neto formam correntes de apoio ao futebol visível. Enquanto Lobato salienta “virtudes médicas, morais e pedagógicas” (WISNIK, 2008, p. 201), Coelho Neto se apoia nas “propriedades cívico-patrióticas e eugenistas do futebol, capaz de constituir num remédio contra a ‘degeneração da raça mestiça’ que forma grande parte da nossa população” (p. 202).

Embora comum o predomínio discursivo sobre os benefícios da prática elitizada do futebol, esse mesmo futebol não era unanimidade para uma classe de escritores e jornalistas que o credenciava como obstáculo para uma nação a caminho do desenvolvimento, um problema invisível aos olhos daqueles à mercê do seu potencial massificador (WISNIK, 2008).

Contrariando os discursos em prol do futebol, Lima Barreto o compreende como um fator de “degradação da cultura intelectual” (WISNIK, 2008, p. 202) que apresentava o poder de reforçar a estrutura racista minimizada pela recém proclamada abolição.

Em um contexto paradoxal em que se destacavam compreensões contraditórias exemplificadas pelo futebol visível e invisível a respeito do caráter regenerador e manifestações de ordem e desordem comuns ao futebol, este continuava sua trajetória.

²² Wisnik (2008) esclarece que o Palmeiras citado não é o clube que derivou do Palestra Itália, mas outro, que não mais existe.

Na sequência, a década de 1930 foi marcante, mesmo o Flamengo tendo amargado jejum de doze anos após os títulos de 1925²³ e 1927 (COUTINHO, 2013) e campanhas inferiores comparadas aos primeiros anos (PEREIRA, 1998).

Observando os campeonatos da década de 1930, não há como afirmar que o clube figurava entre os maiores campeões. Em 1930, o Flamengo ficou em oitavo lugar no campeonato carioca [...]. Em 1931, sexto [...]. Em 1932, um resultado melhor: vice-campeão. Em 1933, último colocado em um campeonato com seis equipes. Em 1934, sexto [...]. Em 1935, terceiro lugar, novamente atrás do Fluminense e América [...]. (COUTINHO, 2013, p. 74).

[...] a equipe repleta de grandes jogadores havia feito uma campanha valorosa em 1936. Ficou em segundo lugar, tendo perdido o campeonato apenas no jogo desempate contra o Fluminense. [...] perdeu em campo, mas ganhou na arquibancada [...]. (COUTINHO, 2013, p. 84).

1.2.3 A popularidade do Flamengo

No início da década já era frequente a discussão a respeito de modelos de gestão que responderiam melhor às necessidades do clube (COUTINHO, 2013), dos jogadores, aos interesses dos presidentes dos clubes²⁴ e ao Programa de Reconstrução Nacional implantado por Getúlio Vargas a partir de 1930 (CALDAS, 1994). O amadorismo não impediu a emergência da modernização que transitava pelo processo de profissionalização do futebol, concretizado em 23 de janeiro de 1933 (CALDAS, 1994). Mesmo com a profissionalização, a prática amadora se manteve crescente nos centros urbanos, até mesmo impulsionada por

²³ Informação do site oficial do Flamengo (www.flamengo.com.br/site/conteudo/detalhe/1/titulos).

²⁴ Pensando na discussão eminente a respeito do processo de profissionalização, segundo Caldas (1994), muitos dos presidentes dos clubes eram “políticos profissionais” que se viam uma situação difícil diante dos impasses do processo de profissionalização do futebol. Defendendo a profissionalização, “certamente perderiam o apoio político de parte da elite que não a desejava. Apoiando-a, tornariam sua imagem mais simpática aos eleitores” (p. 44).

ela, porém sem a conotação elitista de antes – o futebol já se constituía como “elemento da cultura popular” (PRONI, 2000, p. 135).

A profissionalização do futebol significou uma “severa ruptura com tudo que o remo representava” (COUTINHO, 2013, p. 30). A história se repetia em um curto espaço de tempo. A “batalha” entre o velho e o novo não era novidade na história do Flamengo, já havia se manifestada no desenvolvimento na própria prática do remo, tal como destacada por Melo (1999, p. 56).

A grande importância do Flamengo foi contribuir para a renovação dentro do próprio remo. Embora já existissem grupos interessados havia algum tempo, naquele momento eram na sua maioria formados por antigos militantes. O Flamengo, um grupo constituído eminentemente de jovens entusiasmados, renovou então a chama do remo na cidade [...].

Pereira (2010) *apud* Vaz, Celso Júnior e Ambrósio Filho (2012) confirma a importância de tal ruptura como uma das possíveis explicações da aceitação popular do Flamengo.

Para começar a entender como o Flamengo ganhou tamanha popularidade, deve-se ir fundo na análise do espírito que permeava o clube. O caso rubro-negro é uma daquelas excelentes metáforas da eterna batalha entre o velho e o novo, entre o status quo e o revolucionário. Um capítulo da história onde se encontram a voluntariedade da juventude e a inflexibilidade do velho, geralmente carregado de vícios. (p. 25).

O processo de confirmação do Clube de Regatas do Flamengo passa, no entendimento de Kowalski (2001), pelo profissionalismo²⁵ do futebol

²⁵ Para uma maior compreensão do processo de profissionalização do futebol brasileiro acessar Proni (2000) e Aquino (2002).

brasileiro e pela “posição do clube diante do fato e a transformação do Clube de Regatas do Flamengo, em mais uma das reverências ao que atualmente é reconhecido popularmente, ou seja, o ‘Flamengo’” (p. 155).

A defesa do profissionalismo ganhava força entre alguns clubes do Rio de Janeiro, e a mudança para o regime profissional despertava debates acalorados, o que trazia grande instabilidade política para a direção do clube. Afinal, os momentos de transformação dos referenciais simbólicos institucionais acabam por desfazer antigas lideranças, ao passo que exigem o surgimento de novos líderes. (COUTINHO, 2013, p. 59).

Entre esses, surge no Flamengo a figura de José Bastos Padilha. Mais do que a própria profissionalização do futebol, Coutinho (2013) enfatiza que “a vitória política do modelo profissional” (p. 12) implantado pelas suas mãos, durante os anos de 1933 e 1937, foi a grande responsável por alavancar a popularidade da instituição, mesmo diante de um quadro no qual era pintado como um dos clubes mais excludentes da história do futebol nos tempos do amadorismo, sem títulos, sem estádio e sem recursos.

Padilha, carioca nascido em 23 de janeiro de 1894, formalizou uma gestão profissional alicerçada por uma educação tradicional alemã que facilitou o desenvolvimento de características nacionalistas marcantes e da “visão do esporte como atividade cívica e pedagógica” (COUTINHO, 2013, p. 56).

Focado no aumento do número de associados, de torcedores e, conseqüentemente, da receita, Padilha utilizou-se de conhecimentos de marketing e sua rede de contatos, que incluía os jornalistas Roberto Marinho e Mário Filho, facilitando o acesso e apoio, respectivamente, do jornal “O Globo” e “Jornal dos Sports” (COUTINHO, 2013), dois dos principais veículos de comunicação da época.

Às campanhas publicitárias e “aproximação” à imprensa, Padilha incluiu a construção do estádio da Gávea e a identificação do torcedor com o clube. Mesmo com as ações implantadas Padilha acreditava que o torcedor do Flamengo ainda não se reconhecia dentro de campo, “seja pelo jeito de jogar, pela trajetória de vida dos atletas, ou principalmente pelas ações do jogador fora de campo” (COUTINHO, 2013, p. 74).

O clube precisava oferecer novas possibilidades de pertencimento aos novos atores sociais que estavam demandando participação. [...] Mais do que enriquecer ou melhorar o time, o projeto consistia numa nova configuração de valores que transformasse o clube na instituição mais popular do país, no espaço de representação da “alma do brasileiro”. (COUTINHO, 2013, p. 56-57).

Pensando em fortalecer o “diálogo entre o clube e as camadas menos abastadas” (COUTINHO, 2013, p. 75), o Flamengo buscou formar suas equipes com jogadores que facilitassem tal aproximação. Em 1936, três jogadores que se destacavam em seus clubes e na seleção brasileira foram contratados – Fausto dos Santos, Leônidas da Silva e Domingos da Guia, compondo a “espinha dorsal” de um dos maiores times que o Flamengo já teve.

Com o processo de popularização estabelecido, Padilha, em seu último ano, em 1937, preocupou-se com a geração futura de novos torcedores (COUTINHO, 2013). Além de estruturar a prática esportiva para filhos dos associados, Padilha aproveitou o apoio do Jornal dos Sports e de O Globo para promover concursos, reportagens e matérias que destacassem o Flamengo em âmbito nacional e que o associasse às particularidades políticas e sociais brasileiras (COUTINHO, 2013), acreditando, tal como publicado no Jornal dos Sports em 13 de fevereiro de 1937, em um “empreendimento gigantesco, que

assume vital importância para os destinos da nacionalidade. As crianças de hoje formarão o Brasil de amanhã. Preparando a futura geração rubro-negra, o Flamengo trabalha pela pátria” (COUTINHO, 2013, p. 85).

Pela “transformação” ocorrida a partir da década de 1930, Coutinho (2013) não considera exagero afirmar que o “Clube de Regatas do Flamengo foi fundado em 1895 e reinventado nos anos 1930” (p. 27).

[...] foi a transformação das bases simbólicas da instituição ocorrida nos anos 1930 que forjou a memória popular do clube, atribuindo ao Flamengo um caráter popular que remonta ao passado imemorial dos tempos amadores. Em um complexo processo de construção da memória, o passado amador e elitista passou a constituir o Flamengo profissional sendo lembrado como a fase embrionária da vocação popular [...]. (COUTINHO, 2013, p. 12).

Com a convicção de que “clubes são como Nações: cada qual tem sua característica, seu temperamento, suas motivações, sua legenda” (COUTINHO, 2013, p. 57-58), Padilha deu “novos significados à prática de torcer para o Flamengo” (p. 56). Apesar de não conseguir conquistas com o futebol, sua gestão correspondeu ao período de maior enriquecimento, popularização, crescimento e nacionalização do Flamengo.

O número de sócios ultrapassou todas as metas estabelecidas pelo clube e o quadro social já continha mais de sete mil sócios. Dez vezes mais do que no início do mandato de Padilha. Somente em janeiro de 1936, seiscentos e sessenta e um novos sócios entraram para o clube. (COUTINHO, 2013, p. 73).

Com a popularização a todo vapor, o Flamengo completou ao final da gestão de Padilha, dez anos sem títulos com o futebol, persistindo até 1939, completando doze anos. Tais números levaram Coutinho (2013) a defender a ideia

de que a conquista “pouco ou nada explica a formação de vínculos identitários entre torcida e agremiação” (p. 106).

Kowalski (2001), buscando desconstruir associações que justificam a popularidade do Flamengo ao longo de sua trajetória, ao relacionar a estrutura e história do clube à “estrutura social da comunidade carioca e à cultura popular do futebol no país” (p. 14), contraria relações causais normalmente utilizadas, traçando uma linha explicativa pouco explorada.

Numa primeira hipótese negativa, podemos considerar que a popularidade do Flamengo não está correlacionada com o desempenho do time de futebol – número de títulos conquistados –, nem com o número de jogadores cedidos para a composição da Seleção Nacional, nem pela participação estadual, nacional e internacional do clube. Não se restringe também às rivalidades entre Flamengo e Fluminense, Flamengo e Vasco ou Flamengo e Botafogo [...]. (KOWALSKI, 2001, p. 12).

Após análise de alguns contextos, Kowalski (2001) afirma que o desempenho competitivo do clube, ilustrado estatisticamente pelos resultados em competições estaduais, nacionais e internacionais, embora expressivos, não justificam tamanha popularidade do Flamengo, principalmente se comparados à quantidade de torcedores, às conquistas e ao número de torcedores de outros clubes. De acordo com seu estudo, Kowalski concluiu que a “popularidade não encontra respaldo no desempenho do clube” (p. 58). Para ilustrar, a autora utiliza os exemplos da relação entre a Sociedade Esportiva Palmeiras, São Paulo Futebol Clube e do Sport Club Corinthians Paulista.

O Palmeiras e o São Paulo são, no presente, os clubes com o número semelhante de conquistas no estado de São Paulo e, nem por isso, são mais populares do que o Corinthians, que permaneceu mais de vinte anos sem título no Campeonato

Brasileiro e possui a segunda maior torcida do país. Também não se explica a questão do São Paulo, cuja regularidade expressa a história de um clube tradicional e forte perante o público, e que nem por isso é mais popular. Enfim, a popularidade do Flamengo não se explica pelas conquistas e títulos. (p. 58).

Coutinho (2013) entende que a identificação do torcedor não se dá “necessariamente com a agremiação que mais vence, e sim com aquela que representa seus valores socialmente construídos. Futebol não segue a lógica das corridas de cavalo” (p. 54). Nesse sentido, o título de 1939 foi interessante por talvez representar o primeiro “título ‘popular’ da história do clube” (p. 109), indicando uma ruptura definitiva com a forma tradicional de relação com a torcida, confirmando a “nova forma de torcer que vinha sendo gestada desde 1933” (p. 111).

O campeão era o clube do “povo brasileiro”, e esse aspecto era mais importante do que qualquer outro aspecto técnico, tático ou administrativo. Mas não bastava ser a vitória do povo, do torcedor anônimo. Era preciso ressaltar que a participação do **homem comum**²⁶ era tradição na história do Flamengo. Talvez, involuntariamente, o jejum de doze anos de títulos tenha ajudado nessa tarefa de naturalizar a vocação popular. (COUTINHO, 2013, p. 110). (Grifo nosso).

Não há dúvidas que as conquistas se configuram como facilitadoras de divulgação e como “propaganda nacionalista do clube” (COUTINHO, 2013, p. 106). Porém, para o autor, não seriam suficientes para garantir o status de popularização, nem mesmo os bicampeonatos estaduais de 1914-15 e 1920-21, a conquista estadual de 1939 e os tricampeonatos estaduais de 1942-43-44 e de 1953-54-55.

²⁶ Leônidas da Silva representava o “homem comum” – “menos importava ter o melhor jogador, se ele não despertasse nos torcedores a paixão e o ódio que Leônidas era capaz de despertar pela sua genialidade e pelos seus atos de indisciplina” (COUTINHO, 2013, p. 110).

Com o mesmo viés explicativo, Kowalski (2001) desarticula a importância da presença de alguns clubes na história do Flamengo, alegando que a rivalidade também não se confirma como justificativa da popularidade do clube. Ao questionar o que seria o Flamengo sem Vasco da Gama, Fluminense e Botafogo e o quanto esses colaboraram para sua popularidade, a autora chega à conclusão de que esses “seriam igualmente merecedores da popularidade destinada ao Flamengo pelo contexto histórico e pela mediação dos resultados frente ao Flamengo. Por que não Fluminense, Vasco ou Botafogo?” (p. 57). Tais rivalidades, seriam para a autora, “parte da história da popularidade do próprio futebol” (p. 63) e não explicação para tal popularidade.

Apesar da pouca relação entre popularidade e rivalidade, momentos históricos do Clube de Regatas Vasco da Gama merecem destaque nesse momento por estarem relacionados, tal como destacado por Coutinho (2013), ao projeto político de José Bastos Padilha. Com intenção de estimular a reflexão, o autor questiona razões da popularidade do Vasco.

[...] se o Vasco foi o primeiro clube a aceitar jogadores de origem social humilde, por que não é o clube mais popular da cidade? Nada mais lógico do que o clube que primeiro se profissionalizou, primeiro encheu as arquibancadas com trabalhadores negros e mestiços, fosse, por consequência, o clube representante do trabalhador brasileiro. (COUTINHO, 2013, p. 112).

Como explicação, o autor destaca que tais iniciativas, ao invés de criarem um ambiente que facilitasse sua popularização, foram responsáveis por inúmeros problemas ao Vasco. O pioneirismo do Vasco da Gama em defesa do fim do amadorismo e das “aberturas” racial e social no futebol carioca provocou uma série de consequências, tais como o descredenciamento da Associação

Metropolitana de Esportes Atlético e a criação da liga profissional. O fato de ter suas equipes formadas por jogadores profissionais e pobres, o Vasco passou a representar uma “ameaça ao fidalgo esporte que ainda era o futebol, em termos institucionais, nos grandes clubes da cidade” (SILVA, 2006 *apud* COUTINHO, 2013, p. 112), descontentando Flamengo, Fluminense e América.

Diferentemente do período que antecede o profissionalismo, o Vasco mostrou-se obrigado a recorrer as suas origens e, apoiado ao sentimento lusitano, se afastar e deixar de lado o discurso democrático racial.

Pelo fato de ser um clube ligado à colônia portuguesa, o Vasco acabou servindo como contraponto à brasilidade reivindicada pelo rubro-negro. Isso não quer dizer que o clube tenha necessariamente organizado um projeto de adesão ao lusitanismo, e que somente portugueses e seus descendentes torçam pelo clube cruzmaltino. Mas indica que no imaginário compartilhado pelos torcedores, a rivalidade entre os dois clubes foi construída nos termos das tensões antilusitanas, que perpassam inclusive por questões econômicas e sociais. (COUTINHO, 2013, p. 125).

A rivalidade entre Flamengo e Vasco expressou na época a rivalidade entre a “brasilidade e o lusitanismo” (COUTINHO, 2013, p. 112) dentro do futebol carioca e nacional, condensando “as rivalidades mais tensas no momento de grande receptividade dos símbolos nacionalistas pelas camadas populares” (p. 127). O Vasco da Gama, segundo Silva (2005), representaria o “português monarquista, o português da padaria, do bar, do gosto duvidoso, de comportamento grotesco” (p. 33).

Como consequência, surgem discursos nacionalista e popular explorados pelos meios de comunicação no qual o Flamengo busca ensinar o brasileiro a amar o Brasil acima de todas as coisas, ao mesmo tempo em que o

Vasco se opõe simbolicamente à proposta; enquanto o Flamengo representava a massa sonhadora popular, o Vasco representava a classe dominante – “a invenção do ‘ser Flamengo’ ocorreu em sincronia com a invenção do ‘ser Vasco’” (COUTINHO, 2013, p. 125) – enquanto o primeiro representava os “interesses” do Brasil, o segundo se propunha à valorização da relação Brasil-Portugal, expressamente defendidos e expostos pela imprensa. Dessa forma, a rivalidade Flamengo e Vasco, “alimentada nas primeiras décadas do profissionalismo pela utilização recorrente do discurso nacionalista por parte expressiva da imprensa” (p. 124) foi consolidada na década de 1950.

Reconhecendo o potencial simbólico do futebol, Getúlio Vargas, quando assumiu o governo provisório em 1930, viu-se diante de um cenário favorável ao seu desenvolvimento (DRUMOND, 2008, p. 46).

[Nos] quinze anos de Era Vargas, o Brasil passa por uma série de mudanças que reestruturam a vida política, econômica, social e cultural da nação. No que se refere à cultura, este período foi marcado pela confluência do samba e do futebol como elementos fundamentais para uma nova definição de identidade nacional. O samba, nascido nos seios das camadas populares, conquistava a elite, enquanto o futebol, que tinha seu berço brasileiro coberto de ouro, era o grande amor das massas. Ambos, no entanto, compunham a descrição do que era ser brasileiro.

Para o autor, Vargas, em 1932, teve a certeza de que o futebol seria um forte aliado às pretensões políticas. Um entusiasmo fortalecido pela conquista do Brasil da Copa Rio Branco sobre o Uruguai, então campeão da primeira Copa do Mundo de Futebol de 1930.

[...] um dia, quando se mergulhar de verdade nos fatores que, historicamente, ajudaram a consolidar a integração nacional, o Flamengo terá de ser incluído. Durante todo o século XX, ele uniu

gerações, raças e sotaques em torno de sua bandeira. Ao inspirar um rubro-negro do Guaporé a reagir como um rubro-negro do Leblon (com os mesmos gestos e expletivos, e no mesmo instante), o Flamengo ajudou a fazer do Brasil uma Nação”. (CASTRO *apud* COUTINHO, 2013, p. 28).

Compreendido como essencial para formação de uma juventude eugênica, o futebol, como esporte, foi utilizado para “moldar a futura geração brasileira” (DRUMOND, 2008, p. 51).

No caso brasileiro, foi indiscutivelmente através do futebol, como já afirmei, que o povo pôde finalmente juntar os símbolos do Estado nacional (a bandeira, o hino e as cores nacionais), esses elementos que sempre foram propriedade de uma elite restrita e dos militares, aos seus valores mais profundos. Ainda é o futebol que nos faz ser patriotas, permitindo que amemos o Brasil sem medo de zombaria elitista que, conforme sabemos, diz que se deve gostar somente da França, da Inglaterra ou dos Estados Unidos e jamais do nosso país. (DAMATTA, 1994, p. 17).

Em um contexto propenso à confirmação de um Flamengo popular, a partir da década de 1940, seus torcedores já se espalhavam por todo o Brasil (COUTINHO, 2013, p. 168) onde, juntos, após a importante conquista de 1939, comemoraram o tricampeonato de 1942-43-44 com uma nova roupagem.

Em um período aproximado de 35 anos, alterações nas configurações institucionais do clube permitem afirmar que “o clube de regatas, que nasceu grupo de regatas [...], pouco parecia com o clube que se tornou nos dias atuais: o representante da brasilidade popular” (COUTINHO, 2013, p. 27).

Após o primeiro tricampeonato, o Flamengo novamente teve um jejum de títulos²⁷, até o segundo em 1953-54-55. Além da ausência dos títulos, entre 8 de abril de 1945 e 16 de setembro de 1951, não conseguiu vencer o Vasco da Gama. Foram 20 jogos, cinco empates e 15 derrotas (COUTINHO, 2013).

Da mesma forma que ocorreu no jejum de doze anos, a popularidade continuou crescendo. Em um período político favorável, mas sem conquistas, novamente surge a figura de um presidente referência – Gilberto Cardoso ocupou o cargo de presidente entre 1951 e 1955 (COUTINHO, 2013).

Entre as ações, Gilberto Cardoso concentrou esforços na ampliação da receita dos jogos do Flamengo. Pensando em transformá-los em grandes eventos esportivos, Gilberto fez do Estádio Municipal do Rio de Janeiro²⁸ a “casa” rubro-negra, seguindo de certa forma o pensamento de Mário Filho, para quem os clubes do Rio de Janeiro pouco o exploravam após o mundial. Além da adoção do Maracanã, Gilberto organizou excursões internacionais com a intenção de transformar o Flamengo no representante do Brasil no exterior e fez com que algumas estratégias de Padilha voltassem em pauta, tais como jogos infantis, concursos das torcidas e apoio do jornal de Mário Filho (COUTINHO, 2013).

²⁷ Em 1946, 1951 e 1952 o Clube de Regatas do Flamengo conquistou os Torneios Inícios do Campeonato Carioca; em 1952 o Torneio Quadrangulares de Lima (Peru); em 1953 o Torneio Quadrangular da Argentina e o Torneio Triangular de Curitiba. *Fonte: Site Oficial do Clube de Regatas do Flamengo – www.flamengo.com.br/site/conteudo/detalhe/1/titulos.*

²⁸ O Estádio Municipal do Rio de Janeiro, mais conhecido como Maracanã, foi inaugurado em 16 de junho de 1950 no bairro do Maracanã para a Copa do Mundo de Futebol do Brasil de 1950. Em 1964, em homenagem a um dos grandes defensores de sua construção, passou a ser chamado de Estádio Jornalista Mário Filho. *Fonte: www.futebolnacional.com.br.*

Pela importância de José Bastos Padilha e Gilberto Cardoso²⁹ para o Flamengo, ambos foram imortalizados – o primeiro deu seu nome ao estádio de futebol da Gávea e o segundo é o único presidente homenageado com uma estátua no clube (COUTINHO, 2013).

Mais do que ações para alavancar e sustentar a popularidade do clube, bem como ampliar suas receitas, a gestão de Gilberto Cardoso pode ser marcada por um acontecimento muito importante. No dia 3 de março de 1953, nasceu no Rio de Janeiro aquele que passaria a ser, vinte anos depois, o maior ídolo de todos os tempos – Arthur Antunes Coimbra, mais conhecido como Zico.

²⁹ Antes de completar seu terceiro mandato, Gilberto sofreu um infarto e faleceu após um jogo de basquetebol no dia 25 de novembro de 1955 contra o Esporte Clube Sírio. Uma cesta do jogador Guguta no segundo final da partida deu o título de campeão carioca ao Flamengo. A partida foi realizada no ginásio do Maracanã que passou a ser chamado de Ginásio Gilberto Cardoso. Fonte: www.pt.wikipedia.org/wiki/Gilberto_Ferreira_Cardoso .

CAPÍTULO II

O PROCESSO DE FORMAÇÃO NO BRASIL

Na verdade, o que se pode afirmar com certeza é que o talento é um dom inato, que nasce com o jogador, 'ou se tem ou não se tem', podendo, portanto, ser aperfeiçoado, mas nunca ensinado. (ARAÚJO, 1980 *apud* RODRIGUES, 2003, p. 72).

Especialistas do futebol asseguram que o dom é fundamental para seguir a carreira de jogador de futebol profissional, pois se trata de certos atributos naturais que poucos indivíduos possuem. Os jogadores querem expressar as propriedades do talento por meio do dom natural, cuja causa ninguém pode explicar. Deus é que dá o dom aos grandes craques. O dom é visto como algo místico. (RODRIGUES, 2003, p. 72).

As citações anteriores representam um pensamento comum no contexto do futebol, defendido por uma parcela considerável de pessoas, envolvidas ou não no processo de formação, inclusive pelos próprios futebolistas. Para muitos, os melhores são portadores de um dom natural, inato que os tornam especiais e aptos para o desenvolvimento do futebol e seu reconhecimento enquanto futebolistas.

2.1 Pausa para a música

Como poderemos ver mais adiante, a formação de futebolistas recebe influências dos mais variados níveis e contextos, permitindo estabelecer inúmeras relações que determinam o sucesso do processo, acompanhadas ou não do discurso do dom. Tal caracterização não é um privilégio do futebolista, ela é identificada em inúmeros outros processos formativos, quer esportistas, treinador, professor, artesão, escritor, entre outros.

Para ajudar-nos na compreensão de elementos do processo de formação de Zico, acessaremos uma perspectiva do processo de formação de Mozart, um dos maiores artistas de todos os tempos. Em sua obra, “Mozart, sociologia de um gênio”, Elias (1995) buscou esclarecer, por um viés sociológico, o papel das configurações na formação do artista enquanto músico e compositor.

Filho de Leopold Mozart e de Anna Maria Pertl Mozart, irmão caçula de Maria Anna Mozart, Joannes Chrysostomus Wolfgangus Theophilus Mozart, mais conhecido como Wolfgang Amadeus Mozart, nasceu em 27 de janeiro de 1756 na cidade austríaca de Salzburgo³⁰.

Para se estabelecer em uma sociedade aristocrática, tal como a de Salzburgo, era muito comum a adoção de “padrões cortesãos de comportamento e de sentimento, não apenas no gosto musical, mas no vestuário e em toda a sua caracterização enquanto pessoas” (ELIAS, 1995, p. 20). Na condição de uma família não-nobre ou burguesa de músicos, a família Mozart investiu em tais padrões e manteve-se a serviço da corte local, na qual Leopold Mozart ocupava o cargo de regente-substituto do arcebispo de Salzburgo.

Como “serviçal de príncipes e burguês da corte” (p. 22), Leopold Mozart “conhecia seu lugar, dedicava-se a ele de corpo e alma” (p. 27) e, sob fortes influências das configurações estabelecidas na época, concentrou-se em alcançar uma posição de destaque em Salzburgo e nas principais cortes da Europa.

Ao mesmo tempo em que se empenhava para atender às exigências configuracionais aristocráticas, o pai de Mozart esperava o mesmo dos

³⁰ Fonte: <http://educacao.uol.com.br/biografias/mozart.jhtm>. Todas as demais referências sobre Mozart foram retiradas da obra citada de Norbert Elias (1995).

filhos, pois acreditava que com eles seria possível alcançar suas pretensões. Com isso, não mediu esforços para desenvolver os talentos musicais de Maria Anna e Mozart. Concentrando o foco em Mozart, que o impressionava pela velocidade e facilidade com que o filho aprendia, Leopold estabeleceu um plano de formação.

O ensino sistemático que deu ao filho, a partir dos três anos de idade, reforçou sua impressão. Era um programa rigoroso, com exercícios regulares, segundo um manual que o próprio pai compilou. O manuscrito foi preservado. Contém 135 peças, em geral sob a forma de minueto, metodicamente organizadas em termos de dificuldade. Algumas das primeiras tentativas de composição da criança também foram preservadas; levavam o pai a “lágrimas de admiração e alegria”. (ELIAS, 1995, p. 80).

Certo de que os filhos abririam as principais “portas” europeias, de maneira simultânea ao programa de ensino, Leopold organizou turnês pelas principais cortes e palácios europeus, onde, como esperado, os filhos foram reconhecidos e festejados.

Em decorrência dessa configuração especial, aos três anos Mozart já se apresentava tocando piano. Até aos seis, além das brincadeiras sempre acompanhadas por música, Mozart teve acesso a obras de grandes compositores da Áustria e Alemanha; suas viagens à Paris, Londres, Viena e algumas cidades da Itália permitiram que adquirisse conhecimento das principais escolas musicais da época; aos sete já tocava “como um adulto, fazia truques que lhe eram pedidos como, por exemplo, tocar com o teclado coberto, ou com um dedo apenas” (p. 69) e aos dez escreveu *La finta semplice*, sua primeira ópera. Com tais estímulos, Elias assegura que Mozart teve uma infância especial.

A partir dos três anos, mais ou menos, o desenvolvimento de Mozart visivelmente se focalizou na execução e composição de

peças musicais. Suas energias foram concentradas, desde muito cedo, em processos específicos de sublimação, em expandir áreas especializadas de consciência e de conhecimento, que ampliaram seu fluxo de fantasias instintivas em vez de se opor a ele [...]. (ELIAS, 1995, p. 83).

Além das experiências, Elias faz referência a outros fatores associados à formação do artista. Segundo o autor, além das próprias, a condição de segundo filho o permitiu acompanhar experiências e ensinamentos de piano do pai à irmã, criando uma certa tensão em sua infância. Uma provável disputa pelo amor do pai pode ter potencializado suas experiências, segundo o ponto de vista de Elias, para quem “a rivalidade entre irmãos é um dos impulsos mais fortes na primeira infância” (p. 79).

A aparente disputa e uma possível insegurança demonstrada desde cedo relatadas pelo autor, podem ter influenciado o fortalecimento de sua relação com a música. Essa busca por afeto é para Elias uma razão do conforto proporcionado pela aproximação do pai e pelos estímulos musicais desenvolvidos por ele, causando uma certa cumplicidade pai e filho.

Cada sinal de talento musical do filho deliciava o pai. Seu prazer se expressava na intensidade de seus esforços para desenvolver ainda mais os talentos do menino, em sua constante preocupação com a criança, no amor e afeição que lhe dedicava. Tudo isso deliciava a criança, estimulando-a a novas conquistas que prometiam mais amor. (p. 77).

É bem provável que o desenvolvimento do talento musical de Mozart encontrou respaldo no consenso entre o “desejo intenso de um pai [...] de alcançar sentido e realização na vida através do filho, e o intenso desejo de amor e afeto de uma criança emocionalmente insegura” (p. 76). Para Elias, as

necessidades mútuas de Leopold e Wolfgang se combinavam perfeitamente durante o processo de formação do músico.

[Nesse período] Mozart viveu – e viajou – quase sempre com o pai. Estava sempre com ele, sempre sob sua vista e proteção. Não há dúvida de que nunca foi à escola. Toda sua educação, sua precoce educação musical, seu conhecimento de línguas e cultura – tudo foi adquirido com a ajuda do pai e segundo seus preceitos. (p. 72).

O período de aprendizado de Mozart, sob total orientação do pai, que assumiu o papel de “empresário do filho” (ELIAS, 1995, p. 90) estendeu-se até os 20 anos, compreendendo o intervalo entre 1756 e 1777.

Primeiro sem perceber, depois cada vez mais conscientemente, o pai guiou os impulsos da criança, orientando assim boa parte de suas fantasias para este canal único, a busca da música. A educação intensiva que deu ao filho incluía algumas outras coisas. Mas o centro era a música, o treinamento de um *virtuoso*. O exaustivo trabalho profissional que foi exigido Mozart, tanto na infância como na juventude, guiou seu desenvolvimento para a mesma direção. E sua especialização musical também estava, sem dúvida, orientada pelo fato de que, apesar de todas as privações que seus trabalhos acarretavam, eles traziam-lhe intenso prazer e realização. (ELIAS, 1995, p. 83-84).

Apesar de estimulante, o processo de Mozart, durante os primeiros vinte anos, foi muito severo, porém “o louvor, a admiração e os presentes que recebeu pelas tarefas que tinha de realizar enquanto criança podem ter fortalecido a resistência de Mozart” (p. 85). Com isso, Mozart poderia perceber os frequentes aplausos recebidos durante as apresentações nas turnês como momentos de extrema realização, transformando a música em um possível refúgio aos frequentes sentimentos potencializados pela sensibilidade e passividade frente à necessidade de afeto que muitas vezes sentia – “em criança Mozart não pode ter sido insensível

ao aplauso, afeto, amizade e gentileza das pessoas que encontrava em suas *tournées de concerto*” (p. 84).

É bem possível, embora não se possa provar neste caso, que a sensibilidade auditiva das diferentes pessoas difira de acordo com sua constituição natural, e que Mozart tivesse, de nascença, uma sensibilidade rara. O que se pode provar, e portanto é mais fácil de entender, é a conexão entra a peculiar constelação humana que cercou a infância e a juventude de Mozart, e o desenvolvimento de seu talento especial e de tudo o mais que ele achava importante para sua realização. (p. 76).

Mesmo que a citação deixa clara a importância das configurações na vida de Mozart, Elias insinua a presença do “dom” no processo. Como o autor aponta, o pai de Mozart dedicou-se ao filho convencido pelo propósito de que ele seria um “milagre” de Deus. No entanto, apesar de tal constatação, percebe-se, até de maneira contraditória, o reconhecimento de Leopold da importância das experiências e de sua dedicação e do próprio filho para o sucesso na formação, como mostra o trecho de uma carta datada de 10 de novembro de 1766, quando Mozart estava para completar 10 anos.

Deus, que tem sido bondoso demais comigo, um miserável pecador, outorgou tantos talentos a meus filhos que, à parte meus deveres como pai, eles me estimulam a sacrificar tudo em prol de seu desenvolvimento. Cada momento que perco está perdido para sempre. E, se alguma vez suspeitei que o tempo é precioso para a juventude, agora tenho certeza. Você sabe que meus filhos estão acostumados ao trabalho. Mas se, com a desculpa de que uma coisa impede outra, eles devessem se acostumar às horas de ociosidade, todo o meu plano ruiria em pedaços. O hábito é uma camisa de ferro. E você mesmo sabe como meus filhos, especialmente Wolfgang, têm que aprender. (ELIAS, 1995, p. 75).

Pelas palavras de Leopold, todas as experiências relatadas fazem “evaporar ante nossos olhos a idéia de que o ‘gênio’ estivesse presente desde o

início” (ELIAS, 1995, p. 70). As experiências na infância e juventude, chegando à maturidade de obras como *Don Giovanni* e *Sinfonia Júpiter*, podem ser indissoluvelmente peculiares ao gênio Mozart, diferente do que acontece com a maioria das pessoas.

Com toda certeza, a qualidade e quantidade de experiências durante o tempo em que passou com a irmã e com o pai, em casa e nas viagens, permitiram que Mozart desenvolvesse seu talento com a música, quer por imitação e/ou pela própria criatividade na produção inédita de suas obras (ELIAS, 1995).

2.2 De volta ao jogo

O processo de transição entre os futebolis amador e profissional, iniciado na década de 1920 e concluído definitivamente em 1938, desencadeou inúmeras transformações no futebol brasileiro que, segundo Damo (2005), é o resultado de uma “construção social, historicamente datada e culturalmente legitimada” (p. 28). O advento do profissionalismo não somente contribuiu para confirmação do gosto do brasileiro pelo futebol, mas também potencializou seu fascínio pela profissão de futebolista.

Nesse contexto, são consideráveis os fatores e condições que sustentam as relações estabelecidas durante o processo de formação de futebolistas, entre eles destacam-se as experiências iniciais com o futebol, o acesso e manutenção em atividades sistematizadas ou não, as relações estabelecidas com pares, pais, professores e/ou treinadores esportivos; as metodologias de ensino e treinamento adotadas, as experiências nas categorias de base em clubes esportivos, tudo isso sob influência das ideias de talento e dom. Quais seriam as

condições favoráveis à formação de futebolistas e quem seriam os responsáveis em articulá-las?

Como já insinuamos, é muito frequente a aceitação do dom na formação desse profissional. Apesar de um discurso recorrente, ao invés de ser portador de um dom natural, o futebolista brasileiro não nasce feito e é produzido em decorrência de um processo de formação profissional (RODRIGUES, 2003) e, em qualquer dos níveis, é consequência de treinamentos (PAOLI, 2007).

O processo de formação de jogador de futebol consiste no aperfeiçoamento do dom, no disciplinamento e no ensino de táticas e técnicas futebolísticas ao atleta. Entende-se que tal processo implica numa formação profissional específica. O dom e a vocação para o futebol não excluem a aprendizagem nem o disciplinamento. Por isso, trabalha-se com o pressuposto, de certo modo weberiano, segundo o qual o dom e a vocação são pontos de partida para qualquer carreira profissional [...]. (p. 162).

Houve épocas em que o talento surgiam quase que unicamente pelo pressuposto do dom por intermédio da prática bricolada (DAMO, 2005) e reconhecidos nas peladas e no futebol praticado nas várzeas (PAOLI, 2007). No entanto, devido às estruturas vigentes determinadas pela diminuição desses espaços de criação livre, os futebolistas são avaliados, detectados e captados por olheiros nas escolinhas de futebol e nos centros de formação específicos e desenvolvidos nos clubes, sob “normas e técnicas, na disciplina e no respeito e, não raro, no treinamento sistemático e intenso” (PAOLI, 2007, p. 7) e não sob a “indeterminabilidade do talento ou do dom que se desenvolve no seio de uma cultura” (p. 7), caracterizando-o como um “empreendimento essencialmente pedagógico, ao contrário do que se pensa ser somente um simples despertar e dilapidar os atributos naturais dos atletas” (RODRIGUES, 2003, p. 177).

Para o autor, o futebolista, mesmo possuidor do dom, “recebe uma formação específica, através da qual internaliza regras e aprende a se comportar dentro de campo, ou seja, a jogar futebol” (p. 162). Nessas circunstâncias, o “dom” seria apenas um facilitador do processo – os que apresentam maior facilidade, ou melhor, os que apresentam dom teriam uma grande chance, em ambientes férteis, de se saírem melhores.

O talento enquanto possuidor do dom, apesar de se sobressair acima da média, não está totalmente desenvolvido. Esse posicionamento de R  thig (1983 *apud* WEINECK, 1991) permite implica  es que provocam mudan  as consider  veis nas configura  es do futebol brasileiro.

Se o dom emerge nas experi  ncias com o futebol, ainda n  o temos condi  es de afirmar. No entanto, assumiremos o pensamento de Damo (2005), para quem o dom e suas representa  es associadas “que est  o na origem de todos os investimentos conforme o ponto de vista nativo, matizam o processo de forma  o com um colorido social e cultural singular  ssimos” (p. 15).

Com foco na forma  o de futebolistas a aten  o est   no processo, permeado por dimens  es “psicol  gicas, humanas, relacionais e educativas” (RODRIGUES, 2003, p. 78), e outras. Para caracteriza  o das poss  veis etapas, faz-se necess  ria a ado  o da compreens  o do autor, que o interpreta, resumidamente, como “incorpora  o de estruturas, estrat  gias e modelos de agir, t  cnicas e esquema de jogo” (p. 65), que conduzem    constru  o de um “*habitus*, ou seja, um capital com o qual ele joga, classifica e constr  i realidades” (p. 65).

[A forma  o] constitui-se por meio da incorpora  o de um *habitus* (sistemas de disposi  es dur  veis que geram pr  ticas e representa  es, objetivando regras e padr  es de comportamento,

formando, assim, esquemas de ação, lembrando aqui o conceito de Bourdieu [...], de disciplinamento (no sentido utilizado por Foucault, 1987) permanente através de treinamentos e controle sobre o atleta, desenvolvimento e aperfeiçoamento das potencialidades físicas e técnicas dos jogadores, além do lapidamento de atributos naturais (dom e vocação) [...]. (RODRIGUES, 2003, p. 136)³¹.

Por envolver “uma série de condições a serem superadas” (GIGLIO, 2007, p. 107), precisamos compreender a sistematização do processo, partindo de uma estrutura comum descrita por Damo (2005).

[A estrutura] caracteriza-se por: a) duas equipes (princípios de coletividade); b) perseguindo objetivos idênticos, porém assimétricos (princípio do conflito); c) sendo a disputa mediada por um objeto (princípio da evitação, mas não da interdição do corpo-a-corpo); d) um conjunto de regras (circunscrevendo o espaço, o tempo e o ilícito [...], sendo esta uma modalidade de marca diacrítica em relação a outros esportes). (p. 36).

A partir dessa estrutura comum, Damo (2005) apresenta quatro matrizes distintas do futebol que fomentam, direta e indiretamente, o processo de formação. São elas, a bricolada, comunitária, escolar e espetacularizada.

De maneira resumida, a matriz bricolada é caracterizada pelas diversas variações a partir da unidade futebolística apresentada por Damo e é configurada pela prática informal, na qual adéquam-se regras, recursos materiais, duração do jogo, divisão das tarefas por meio de arranjos situacionais pelos praticantes, entre outras. Apesar do termo e características que o identificam, este,

³¹ Tal caracterização, a nosso ver, é parcial, pois enfatiza aspectos físicos e técnicos. Enquanto modalidade coletiva, o futebol apresenta forte aporte tático e tomadas de decisões a todo o momento. Apesar disso, acreditamos que a caracterização do autor, mesmo que incompleta, é válida nesse momento. Poderemos comprová-la quando esboçarmos, mais adiante, correntes que determinam o tipo de intervenção predominante na formação de futebolistas.

para o autor, mantém a essência do futebol e não implica em uma prática reduzida, incompleta. Futebol de rua, pelada e jogos com bolas nos pés são exemplos.

A matriz espetacularizada atende a três características essenciais, organização globalizada e centralizada pela *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) e *International Board* e suas representantes e afiliadas; apresenta divisão social do trabalho, dentro e fora de campo, ficando claro quem joga, dirige e assiste; há “dedicação exclusiva e remunerada de quase todos os profissionais diretos” (p. 40), atendendo ao que Damo classificou como excelência performática. Já a matriz comunitária atende a um contexto mais padronizado que a bricolada e apresenta, em menor escala, a estrutura e componentes da espetacularizada. O futebol de várzea é dado por Damo como exemplo.

Já na matriz escolar o futebol, como conteúdo da Educação Física na Educação Básica por profissionais licenciados e com chancela do Estado, se manifesta “impregnado por um conjunto de significações, parcialmente estruturadas pela tradição” (DAMO, 2003, p. 146), é pensado e desenvolvido, segundo o autor, em concordância ou não com tais significações, em conjunto ou não com outras modalidades. Apesar de fazer parte do contexto escolar, o futebol praticado no recreio não atende à matriz escolar. O fato de ser praticado na escola não o determina como tal (DAMO, 2005). Sendo assim, o futebol praticado no recreio ou nos pátios se aproximam muito mais da matriz bricolada.

Pela estrutura de cada uma das matrizes futebolísticas, a identidade, nesse caso do futebolista, forma-se, na opinião de Barbosa (1999) *apud* Paoli (2007), por oposição de um indivíduo a outro, de um nós diante de outros e não isoladamente – “quando algum grupo social, ou um indivíduo, [...] se define ou

se atribui determinadas características, ele o faz através de um processo de comparação [...] de si com os outros grupos do mesmo teor” (p. 19).

Antes de prosseguirmos, nos apoiaremos mais uma vez em Damo (2003), para quem as matrizes são, no contexto das configurações futebolísticas, “segmentações possíveis de um universo amplo e diversificado cujo termo futebol unifica” (p. 136). Apesar de comporem o universo complexo do futebol, o autor enfatiza que essas segmentações apresentam características próprias.

As [...] matrizes são conexas umas às outras, mas cada qual possui sua especificidade. O que permite distingui-las não é propriamente o significado atribuído à prática, mas o espaço, o tempo e a morfologia social (composição do público, redes específicas de relações e interesses, divisão social do trabalho dentro e fora do espaço-tempo de jogo e conexões diversas para além do futebol, do esporte e das práticas corporais). (p. 136).

2.2.1 A bricolagem

De maneira menos complexa, porém não menos adequada, Rodrigues (2003) aponta três dimensões que compõem o processo de aprendizagem e a consequente “internalização de técnicas corporais e futebolísticas” (p. 136) – são elas, escolinhas, campinhos de “peladas” e várzeas, e a questão inata³². Mesmo apresentando essas dimensões, o autor hierarquiza o processo, afirmando que, antes de ingressarem nas escolinhas, muitos iniciam suas experiências por meio de brincadeiras, jogos de escolas, em ruas e peladas.

Para alguns, somos vitoriosos porque Deus é brasileiro; para outros, a explicação é genética. Mesmo que não sirva para

³² A questão do inato, como dom, não será tratada na sequência tal como coloca Rodrigues (2003). Será abordada na introdução do processo de formação nos centros de treinamento.

esclarecer basta dar uma volta por aí, pelas areias das praias, pelas quadras de futebol de salão, pelas ruas de terra ou de asfalto, por cada pedacinho de chão onde uma bola possa rolar, e o observador atento descobrirá que futebol para o brasileiro é uma grande brincadeira. (FREIRE, 2003, p. 1-2).

A citação de Freire facilita a compreensão da colocação de Scaglia (1999) de que o futebol se configura como uma das principais práticas sociais do brasileiro. Essa fácil aceitação e a prática indiscriminada favorecem um contexto frutífero. O futebol, desde o início, foi praticado, ensinado e aprendido das mais variadas formas, e transmitido, tal como destacou Scaglia (1999), de uma geração a outra, ao longo da sua história no Brasil.

Aprender a jogar futebol no Brasil sempre esteve respaldado no significado cultural de sua prática. Desde a infância os brasileiros são influenciados por esse significado. Recebem bolas e uniformes dos clubes preferidos dos pais ou parentes. Torcem por determinados times. Assistem os jogos pela televisão ou nos estádios, são incentivados a praticar o esporte. Jogam em quadras, na praia, na rua, em terrenos baldios ou em qualquer lugar onde se possa rolar um objeto esférico. Inventam brincadeiras com a bola nos pés. Fazem do verbo “jogar bola” uma identificação praticamente exclusiva do jogar futebol, salvo raríssimas exceções. (GIGLIO *et al.*, 2008, p. 68).

Desde a infância o brasileiro apresenta uma relação comprometida com o futebol (GIGLIO *et al.*, 2008). Assumindo o papel de multiplicadores, as crianças cresceram envoltas, dominando e sob domínio de uma bola, e passaram a dar novos significados às diferentes formas de brincar e de jogar futebol. Mobilizadas pelo desejo de reprodução de modelos, “transformaram qualquer espaço livre no palco para uma disputa de futebol” (SCAGLIA, 1999, p. 17).

A imensa criatividade e a vontade de dar sentido ao jogo favoreceram a criação e aprendizagem de inúmeros jogos nas ruas, terrenos

baldios, quintais, garagens, campos de várzea, praças, todos à margem do controle e da coerção institucionais (DAMO, 2005).

Esses atores reformularam o jeito de jogar, transformaram regras, criaram novas formas de transpor os obstáculos do jogo, inventaram maneiras novas de driblar e fazer gols, transformando, ao assumirem a bola como brinquedo predileto, o futebol em sua brincadeira favorita (SCAGLIA, 1999), em qualquer espaço livre encontrado, adaptado e criado. Luis Fernando Veríssimo, em seu livro “O Rei do Rock” de 1978 (p. 11-14) ilustra de maneira referencial o “futebol da rua”.

Futebol de rua

Pelada é o futebol de campinho, de terreno baldio. Mas existe um tipo de futebol ainda mais rudimentar do que a pelada. É o futebol de rua. Perto do futebol de rua qualquer pelada é luxo e qualquer terreno baldio é o Maracanã em jogo noturno. Se você é homem, brasileiro e criado em cidade, sabe do que eu estou falando. Futebol de rua é tão humilde que chama pelada de senhora.

Não sei se alguém, algum dia, por farra ou nostalgia, botou num papel as regras do futebol de rua. Elas seriam mais ou menos assim:

DA BOLA – A bola pode ser qualquer coisa remotamente esférica. Até uma bola de futebol serve. No desespero, usa-se qualquer coisa que role, como uma pedra, uma lata vazia ou a merendeira do seu irmão menor, que sairá correndo para se queixar em casa. No caso de usar uma pedra, lata ou outro objeto contundente, recomenda-se jogar de sapatos. De preferência os novos, do colégio. Quem jogar descalço deve cuidar para chutar sempre com aquela unha do dedão que estava precisando ser aparada mesmo. Também é permitido o uso de frutas ou legumes em vez de bola, recomendando-se nestes casos a laranja, a maçã, o chuchu e a pêra. Desaconselha-se o uso de tomates, melancias e, claro, ovos. O abacaxi pode ser utilizado, mas aí ninguém quer ficar no golo.

DAS GOLEIRAS – As goleiras podem ser feitas com, literalmente, o que estiver à mão. Tijolos, paralelepípedos, camisas emboladas, os livros da escola, a merendeira do seu irmão menor e até o seu irmão menor, apesar dos seus protestos. Quando o jogo é importante, recomenda-se o uso de latas de lixo. Cheias, para agüentarem o impacto. A distância regulamentar entre uma goleira e outra dependerá de discussão prévia entre os jogadores. Às vezes esta discussão demora tanto que quando a distância fica acertada está na hora de ir jantar. Lata de lixo virada é meio golo.

DO CAMPO – O campo pode ser só até o fio da calçada, calçada e rua, rua e a calçada do outro lado e – nos clássicos – o quarteirão inteiro. O mais comum é jogar-se só no meio da rua.

DA DURAÇÃO DO JOGO – Até a mãe chamar ou escurecer, o que vier primeiro. Nos jogos noturnos, até alguém da vizinhança ameaçar chamar a polícia.

DA FORMAÇÃO DOS TIMES – O número de jogadores em cada equipe varia, de um a 70 para cada lado. Algumas convenções devem ser respeitadas. Ruim vai para o gol. Perneta joga na ponta, a esquerda ou a direita dependendo da perna que faltar. De óculos é meia-armador, para evitar os choques. Gordo é beque.

DO JUIZ – Não tem juiz.

DAS INTERRUPÇÕES – No futebol de rua, a partida só pode ser paralisada numa destas eventualidades:

a) Se a bola for para baixo de um carro estacionado e ninguém conseguir tirá-la. Mande o seu irmão menor.

b) Se a bola entrar por uma janela. Neste caso os jogadores devem esperar não mais de 10 minutos pela devolução voluntária da bola. Se isso não ocorrer, os jogadores devem designar voluntários para bater na porta da casa ou apartamento e solicitar a devolução, primeiro com bons modos e depois com ameaças de depredação. Se o apartamento ou casa for de militar reformado com cachorro, deve-se providenciar outra bola. Se a janela atravessada pela bola estiver com o vidro fechado na ocasião, os dois times devem reunir-se rapidamente para deliberar o que fazer. A alguns quarteirões de distância.

c) Quando passarem pela calçada:

- 1) Pessoas idosas ou com defeitos físicos.
- 2) Senhoras grávidas ou com crianças de colo.
- 3) Aquele mulherão do 701 que nunca usa sutiã.

Se o jogo estiver empatado em 20 a 20 e quase no fim, esta regra pode ser ignorada e se alguém estiver no caminho do time atacante, azar. Ninguém mandou invadir o campo.

d) Quando passarem veículos pesados pela rua. De ônibus para cima. Bicicletas e Volkswagen, por exemplo, podem ser chutados junto com a bola e se entrar é gol.

DAS SUBSTITUIÇÕES – Só são permitidas substituições:

a) No caso de um jogador ser carregado para casa pela orelha para fazer a lição.

b) Em caso de atropelamento.

DO INTERVALO PARA DESCANSO – Você deve estar brincando.

DA TÁTICA – Joga-se o futebol de rua mais ou menos como o Futebol de Verdade (que é como, na rua, com reverência, chamam a pelada), mas com algumas importantes variações. O goleiro só é intocável dentro da sua casa, para onde fugiu gritando por socorro. É permitido entrar na área adversária tabelando com uma Kombi. Se a bola dobrar a esquina, é córner.

DAS PENALIDADES – A única falta prevista nas regras do futebol de rua é atirar um adversário dentro do bueiro. É considerada atitude antiesportiva e punida com tiro indireto.

DA JUSTIÇA ESPORTIVA – Os casos de litígio serão resolvidos no tapa.

Para Scaglia (1999), as brincadeiras infantis tradicionais, ou melhor, toda liberdade providenciada por elas, foram responsáveis, talvez, pela

única forma de se aprender futebol em nosso país por muitos anos, facilitando a configuração de um modo ímpar de jogar que “fez do brasileiro um dos melhores praticantes deste esporte no mundo” (p. 18).

A rua tem a pedagogia da liberdade, da criatividade, do desafio e até da crueldade [...] No tempo em que havia fartura de espaços e de brincadeira, nem se fazia sentido falar de Escolinhas de Futebol. Dos campinhos de pelada saíam os Didis, os Garrichas, os Gersons, os Romários. (FREIRE, 2003. p. 2).

Como espaço social, na rua privilegia-se sua sociabilidade e seus valores inerentes, instituindo “um conjunto variado de representações de brasilidade, quase sempre positivas” (DAMO, 2005, p. 146).

A *rua* não é um espaço tão protegido como a *casa* e, por isso mesmo, é própria às manobras arrojadas; é o *habitat* do malandro, do moleque, do *pibe* e assim por diante. Não é apenas hostil, nem só brasileira, embora peculiar entre nós. (p. 145-146).

A arte residiria, precisamente, na capacidade de contornar o incontornável, no jogo de cintura, no bricolar com o corpo, com a moralidade, a estética e assim por diante. O futebol seria uma extensão ou quem sabe a concretização desse imaginário. (p. 147).

Scaglia (1999), para enfatizar discursos que privilegiam a importância da rua no processo de formação de futebolistas em contextos diferentes, reproduz colocações de Cruyff e Tostão.

A minha geração se formou na rua, e não há melhor lei [...]. Hoje, ao contrário, acredita-se em meios artificiais para criar jogadores. A organização do futebol acabou tirando a espontaneidade. As crianças disputam campeonatos desde os seis anos. Os técnicos não ensinam, só treinam (J. CRUYFF, Caderno de Esportes, Folha de São Paulo, 6/9/1998). (SCAGLIA, 1999, p. 164).

[...] a melhor maneira de se formar um craque é nos campos de terra, sem regras, onde os meninos, em total descontração e improviso, brincam e se divertem com a bola, e aí fez-se a diferença

do futebol brasileiro [...] (TOSTÃO, Caderno de Esportes, Estado de São Paulo, 2/11/1997). (SCAGLIA, 1999, p. 164).

Apesar de Freire (2003) também concordar que a prática no espaço livre e maneira livre, sustentada pela sua de pedagogia da rua, “ensinou um país inteiro a jogar futebol melhor que ninguém” (p. 2), Damo (2005) não apresenta dúvidas de que o aprendizado da rua sempre passa por reformulações durante o extenso processo de formação profissional que não impedem a identificação de “traços desse aprendizado nas performances espetacularizadas” (p. 139).

A convicção de que a rua é o diferencial brasileiro na bem-sucedida produção de futebolistas é partilhada [por aqueles que o autor estabeleceu diálogos durante sua investigação no Brasil e na França]. O Brasil é valorizado pelas cinco copas que conquistou, tanto quanto pela maneira de jogar: ‘jogar à brasileira’, para os estrangeiros; ‘futebol-arte’, entre nós [...]. De onde viria o estilo de jogo, vistoso e eficiente, com tantos jogadores aqui formados atuando nos principais mercados europeus? A resposta quase sempre suscita, direta ou indiretamente, uma representação até certo ponto naturalizada, segundo a qual é na infância que se define a maneira de usar o corpo e isto, no Brasil, é feito na rua, com os privilégios de estar à relativa distância da coerção institucional, sobretudo da escola e de seus métodos de disciplinamento. (DAMO, 2005, p. 138).

Apesar de centrar parte da obra na importância da pedagogia da rua, Freire (2003) considera que há situações contextuais que merecem atenção.

A pedagogia da rua é muito suscetível tanto às coisas boas como às coisas ruins. Trata-se de uma pedagogia que não compensa as deficiências que se forem formando; não se trata de uma pedagogia dirigida necessariamente à formação de consciências. Apesar disso, ela será o principal referencial dos procedimentos aqui sugeridos, principalmente porque, para ensinar crianças e adolescentes, sempre deveremos levar em consideração, acima de tudo, a cultura popular relacionada ao futebol [...]. Lembro perfeitamente do quanto chegava a ser excludente, para alguns, a pedagogia da rua. Portanto, não é porque essa pedagogia está carregada de virtudes que a escola de futebol deve ser

simplesmente uma repetição do que se faz na rua. Por outro lado, não é porque ela tem defeitos que a escola de futebol deve ignorar a competência com que a rua ensina as crianças. (p. 7).

Caracterizada por Damo (2005) como “ante-sala da formação profissional” (p. 139), a rua, por estar à margem do controle e coerção institucionais, justifica a presença, segundo o autor, de “conflitos, fluxos de poder e violências como em outros contextos” (p. 147). Longe da escola e do disciplinamento as crianças definem uma maneira de utilizar o corpo que joga – “[...] a *rua* é seguidamente tomada como prenhe de positividade, como espaço de recriação por excelência, no qual prevalece a lógica da bricolagem” (p. 147).

As regras, além de adaptadas, são arbitradas pelos próprios praticantes. Os conflitos de interpretação são frequentes, diria mesmo que fazem parte do jogo. A maneira como são resolvidos depende, obviamente, de questões que excedem o espectro esportivo. Intransigências e autoritarismos são comuns, mas seus limiares variam de grupo para grupo, sendo usual a exclusão de um jogador caso ele seja considerado inconveniente à dinâmica da sociabilidade como um todo. Na maioria das configurações de peladeiros que se encontram com regularidade, a sociabilidade excede a temporalidade do jogo propriamente dito. Por isso existe, inclusive, cuidados especiais com o equilíbrio das tensões. Se, como sugere a perspectiva eliasiana, a tensão é um ingrediente essencial da excitação esportiva, é preciso, no entanto, administrá-la de maneira tal que haja equilíbrio e que este se mantenha em um nível de tensão agradável. O limiar é notadamente subjetivo e caracteriza-se como um dos ingredientes no jogo bricolado. Os jogadores, não sem o suporte do grupo, vão estabelecendo os pontos frágeis de equilíbrio, limites em que o status pode ser insultado de maneira controlada; insulta-se o status de alguém com dribles, desdém, troça verbal. (DAMO, 2005, p. 38-39).

2.2.2 Entre a bricolagem e o espetáculo – o espaço da várzea

Desde os primeiros anos deste século, uma febre invadiu todas as ruas, quintais, portas de fábrica, terrenos baldios, e o que mais houvesse. Era o futebol. Esta foi a primeira grande festa do povo [...]. A sociabilidade de bairro foi enormemente enriquecida com o futebol. (SEABRA, 2000 *apud* JESUS, 2002, p. 88).

Nos primeiros anos do século XIX eram percebidas perspectivas divergentes entre as práticas do futebol no país. Na condição de prática social diferente e oposta ao modelo organizado e praticado pela elite (JESUS, 2002), o futebol de várzea, apesar de sustentado por uma mesma base estrutural, era vivenciado diferentemente nos mais variados espaços, nas praias e no aterro do Flamengo no Rio de Janeiro, nas margens dos rios da cidade de São Paulo, em fazendas e sítios pelo interior do Brasil (WITTER, 2003), e assim afora.

Também especificado como futebol de bairro e futebol amador (DAMO, 2003), sem dúvida, esse espaço permitiu condições variáveis de prática, favorecendo a popularização do futebol no Brasil e confirmação enquanto esporte de massa (TOLEDO, 2000), caracterizando-o como “produto genuinamente brasileiro” (WITTER, 2003, p. 162). De acordo com a caracterização de Damo (2005), o futebol de várzea respeita quase toda a estrutura do futebol espetáculo.

A divisão social do trabalho fora do campo não é nula, mas precária. Todos os times [...] têm um técnico e quase todos têm também um dirigente e um massagista, diferindo da bricolagem [...]. Entretanto, o técnico [...] não é remunerado e nem treina a equipe durante a semana. Nos jogos, os papéis são, de início, bem definidos e até especializados, mas não deve causar surpresa se o centroavante, a certa altura, for jogar de goleiro; ou se um atleta que atuava na ponta-direita, e fora substituído antes do intervalo, reaparecer como beque de espera nos minutos finais da partida. Entrar e sair deste circuito não demanda o mesmo capital corporal do profissionalismo, mas também não é tão poroso quanto o futebol bricolado. (p. 42).

Simplesmente “[...] duas goleiras, uma aplainada no terreno, é tudo de que necessitam” (DAMO, 2005, p. 152). Segundo Damo, nesse contexto, os “guris” aliam “às qualidades técnicas o domínio das adversidades atinentes a uma modalidade de prática futebolística que eles próprios emolduram com hostilidades de todas as matizes” (p. 151), demonstrando atributos como “virilidade, força,

resistência à dor, coragem e bravura” (p. 152). Em sua compreensão, na várzea joga-se apenas, “joga-se pelo prazer estético, para exhibir-se, para mostrar-se másculos” (p. 152), sob conotações amadoras, bárbaras e desorganizadas.

Compreendida como prática informal (WITTER, 2003) e de lazer de final de semana para as classes populares, com forte poder de sociabilidade, atualmente o futebol de várzea continua presente nas cidades brasileiras, em áreas urbanas e rurais, mobilizando números consideráveis de pessoas de ambos os sexos e das mais variadas etnias, (RIGO; JAHNECKA; SILVA, 2010).

Os campos de várzea, para Damo (2003), “são espaços de lazer e recreação das crianças e adolescentes, do chimarrão e das fofocas, da circulação de animais domésticos, enfim, os campos são espaços multiuso” (DAMO, 2003, p. 149), espaços esses determinados pelo imprevisto dos seus jogadores e da liberdade de criação, com participação na formação de jogadores do futebol brasileiro, configurando-se como futebol alegre e como arte (RODRIGUES, 2003).

Apesar de destacar a ideia de se “jogar simplesmente”, Damo (2005) salienta a preocupação do futebol de várzea em se manter distante do futebol de rua e próximo ao futebol espetáculo.

[Observa-se] quase sempre, um esforço no sentido de constituir uma espetacularidade: um certo protocolo à entrada em campo, a demarcação da área de jogo, a presença da arbitragem, o uso do fardamento e outros [...] visando produzir um distanciamento da bricolagem [...] e, tanto quanto possível, uma aproximação em relação às configurações profissionais [...]. (p. 391).

Com uma dimensão econômica proporcional ao contexto, no futebol de várzea observa-se uma movimentação financeira que garante a

realização dos jogos e de toda estrutura necessária para organização dos campeonatos (RIGO; JAHNECKA; SILVA, 2010).

Reinventado, com campeonatos espalhados por todos os campos populares, que duram o ano todo, Rigo, Jahnecka e Silva (2010) acreditam que o futebol de várzea continua formando jogadores profissionais. Para exemplificar, os autores citam alguns jogadores que vivenciaram o futebol de várzea da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, antes de serem profissionais – Emerson (Emerson Ferreira da Rosa), ex-volante da Seleção Brasileira; Taison (Taison Barcellos Freda), revelação do Campeonato Estadual de 2009 pelo Internacional de Porto Alegre. Ambos atuaram nas categorias de base do clube de amador Progresso Futebol Clube e de outros do futebol varzeano municipal.

A fertilidade da várzea encontra respaldo na riqueza e alternâncias das experiências, tendo a possibilidade de se jogar com jogadores de outros lugares (DAMO, 2003). Para se ter ideia de sua dimensão, partimos do contexto da cidade de Porto Alegre descrito por Damo (2005). Com população próxima a 1,4 milhão de habitantes, haviam inscritas no Campeonato Municipal de Várzea de 2002, 290 equipes regulamentadas em 32 ligas de futebol comunitário, uma média aproximada de nove equipes por liga na categoria adulto masculino. Caso sejam consideradas outras categorias, veterano, feminino e sub-20, alcança-se o número de 450 equipes. Assumindo e projetando esses números para o Brasil, Damo chega a um número próximo a 40 mil equipes de futebol amador.

A palavra várzea sempre significou uma grande extensão de terra plana. Como gíria, indica algo pejorativamente amador. Mas os chamados terrões têm sido disputados por centenas de equipes de futebol da cidade e passaram a servir de palco para os concorridos campeonatos. Os times amadores funcionam como vitrine para

atletas em busca de uma chance em clubes profissionais menores no Brasil e no exterior. [...] Para os jogadores com aspirações profissionais, a várzea é uma atividade rentável enquanto não surgem bons contratos. O atacante Fabinho, 27, jogou sua última partida no mês passado com a camisa dez do Noroeste, na semifinal da Copa Kaiser. No mesmo dia, embarcou para a Índia, para atuar no Brothers Union. Não é a primeira vez que joga lá fora: já fez parte de times do Vietnã e da Turquia. 'Na várzea, a gente joga por amor, o futebol profissional tem a questão financeira' diz ele, que nasceu na Vila Formosa, zona leste. O caminho contrário também é recorrente, caso do meia-atacante Nenê, 26, do Baffô. Após atuar em times profissionais da capital e do Qatar, voltou para a várzea em 2011. 'É uma oportunidade de ser visto', afirma ele, que trabalha como vendedor. (Fragmentos da reportagem de Regiane Teixeira intitulada "Futebol de várzea é vitrine para jogadores que buscam vaga no exterior", publicada no Caderno São Paulo, Jornal Folha de São Paulo, de 04/11/2012).

Fábrica de atacantes da várzea revelou Damião e Denílson

Leandro Damião, do Internacional, chegou à seleção graças a sua capacidade de balançar as redes. Denílson foi pentacampeão mundial graças a seus dribles. O que os dois têm em comum, além da qualidade para infernizar os defensores? Os campos de várzea do sul da cidade de São Paulo.

Maior região da capital paulista, a Zona Sul é o grande celeiro de artilheiros do futebol amador da capital paulista. Quer uma prova? Dê uma olhada na lista de artilheiros da Copa Kaiser, a principal competição do gênero da cidade. Nos últimos seis anos, em três deles os maiores goleadores do torneio vieram de lá.

No ano passado, o posto ficou com Macedo, atacante do Cantareira. Grande e forte, ele marcou 16 vezes e foi um dos trunfos do time para terminar em oitavo lugar. Foi a melhor campanha de um time de Heliópolis, que tem mais de 20 times amadores constituídos e quatro disputando a Série A da Copa Kaiser, na história do torneio.

No ano anterior, França, centroavante do Pionner, da Vila Guacuri, ficou no topo da lista, com 18 gols. Ex-zagueiro, ele passou pelas categorias de base de São Paulo e Juventus. Na várzea, porém, foi da defesa para o ataque e se tornou uma máquina de balançar as redes: entre 2009 e 2011, fez 43 gols – e ainda conquistou um título, em 2010. Em 2013, ele deixou o time da Vila Guacuri e a Zona Sul. Após três anos no Pionner, ele agora é o centroavante do Napoli, da Vila Industrial, que disputa a Kaiser na Zona Leste.

O terceiro artilheiro da região é Claudionor Lima, o Denô. Na edição 2008 do torneio, o Nós Travamos, do Jardim Ângela, se tornou o primeiro time da Zona Sul a conquistar o título. Nesse mesmo ano, o atacante baixinho e rápido, o oposto de Macedo e França, chamou atenção e marcou 16 vezes no caminho que levou sua equipe até a final. O atacante, aliás, tem uma história inusitada.

Lembra de Leandro Damião? O jogador do Internacional, que disputou duas vezes a Copa Kaiser antes de virar jogador profissional, era vizinho de Denô no Jardim Ângela. Na época em que os dois ainda começavam no futebol, aliás, era o baixinho o craque do bairro, considerado superior ao centroavante que chegou à seleção brasileira.

A história dos três, porém, não é única nos bairros da zona sul. Maior região da cidade, tem também muitos campos de várzea onde garotos dão seus primeiros chutes em uma

bola de futebol. O Jardim Ângela é um exemplo disso: "Muito jogador é revelado aqui. E tem muito atacante bom. Além do Damião, o Cahê, que jogou no Palmeiras, também é da região", lembra Denô.

A região de Pedreira e da divisa com Diadema é outra com história de craques. O ex-atacante Denílson, pentacampeão com a seleção brasileira, é de lá. Não chegou a jogar a Copa Kaiser, mas é só perguntar para os frequentadores dos campos sobre os grandes nomes revelados por lá para se lembrarem dele. O mesmo acontece com o volante Denílson, ex-Arsenal e hoje de volta ao São Paulo, e com o zagueiro David Luiz, do Chelsea. (Reportagem de Bruno Doro e David Abramvezt intitulada "Fábrica de atacantes da várzea revelou Damião e Denílson", publicada no Uol Esporte Futebol – Copa Kaiser 2013, de 14/03/2013).

As matérias jornalísticas dão indícios da importância do futebol de várzea na formação de futebolistas, como afirmou Santos (2007), que associou tal disposição à prática constante. Apesar da resistência entre os próprios praticantes desse futebol, que se incomodam com a denominação de "peladeiro[s] ou varzeano[s]", que implica em desqualificação por aqueles que, com frequência, reverência, romantismo e saudosismo, reivindicam "os jogadores e as jogadas de outrora, dos tempos em que os atletas de clubes grandes eram forjados à margem das pedagogias do treinamento metódico" (DAMO, 2005, p. 145).

Mesmo que desse momento romântico tenha permanecido a história, Aduino (1999) defende que o futebol de várzea não acabou e nunca acabará, o contexto apenas está modificado, as configurações são outras, com disputas mais intensas, mesmo em uma quantidade menor de espaço.

Mantendo-se "vivo", caberá a adoção de estratégias para manter sua história, principalmente pelas dificuldades apontadas por Witter (2003) de registros que há muito vêm se perdendo, principalmente por representar um espaço de reinserção do jogador que não encontra mais espaço no futebol profissional.

2.2.3 O início sistematizado – as escolinhas de futebol

As reformulações comentadas por Damo (2005) foram potencializadas pelas notórias alterações sociais no Brasil, principalmente relacionadas à violência e diminuição dos espaços de vivência livre, fazendo com que crianças, diante do que Scaglia (2003) denominou de “abalo sistêmico”, se afastassem dos jogos/brincadeiras de bola com os pés nas ruas e em outras áreas comuns, comprometendo a perpetuação da prática.

Apesar da mudança de configuração, o autor não considera que “as ressignificações do futebol desapareceram, ou mesmo que as crianças deixaram de criar e interagir com o mundo da bola através de seus jogos” (SCAGLIA, 2003, p. 44). O que se formalizou foi a possibilidade de reinvenção desses espaços, por meio da oferta de experiências sistematizadas.

As escolinhas de futebol foram criadas somente quando pessoas dos grandes centros urbanos, constatando a escassez de espaços para jogar bola, perceberam que podiam reinventá-los. E foi assim que surgiram as primeiras tentativas de ensinar futebol em escolas. (FREIRE, 2003, p. 2).

Como o ensino do futebol seria sistematizado nesse novo espaço e quem então seriam os responsáveis pela articulação do processo? Diante da importância dos espaços de criação livre e das consequências para formação de praticantes do futebol, não há dúvidas que as escolinhas precisariam se organizar para ensinar futebol com a mesma competência da rua – “na rua, todo mundo ensina todo mundo; é criança ensinando criança, é mais velho ensinando mais novo. A rua tem a pedagogia da liberdade, da criatividade, do desafio e até da crueldade” (FREIRE, 2003, p. 2-3).

O que se observou é que a função de professores foi ocupada por ex-jogadores profissionais, entusiasmando crianças que, acreditando que poderiam aprender a jogar como os professores, garantiram seus lugares. Porém, com o tempo percebeu-se que “saber jogar não significava saber ensinar” (FREIRE, 2003, p. 3) e que a rua permitia experiências mais significativas.

Scaglia (1999), após análise das entrevistas do seu estudo, evidenciou que os sujeitos não consideram o processo pelo qual aprenderam a jogar futebol, fundamentando-o essencialmente pelas experiências futebolísticas adquiridas durante suas carreiras como jogador de futebol profissional.

Com a proposta de que é possível ensinar futebol a todos, ensinar futebol bem a todos e ensinar mais que futebol a todos, Freire (2003) compreende que a aprendizagem do futebol está atrelada às competências pedagógicas da rua, o que implicaria, talvez, em considerar elementos adaptados dessa cultura futebolística no contexto das escolas de futebol, sob a tutela de profissionais com formações específicas, mesmo que o “ambiente natural de aprendizagem das brincadeiras de rua” (p. 3) não seja contemplado.

O modo de trazer essa cultura para a escola será preservar o espaço lúdico, esse espaço de brincadeira tão produtivo para a aprendizagem. (FREIRE, 2003, p. 7).

Portanto, não é porque essa pedagogia está carregada de virtudes que a escola de futebol deve ser simplesmente uma repetição do que se faz na rua. Por outro lado, não é porque ela tem defeitos que a escola de futebol deve ignorar a competência com que a rua ensina as crianças”. (FREIRE, 2003, p. 7).

Com a função de ensinar futebol, a escola não deve ter a preocupação única de ensinar elementos táticos e técnicos do futebol, mas permitir

que os alunos tenham acesso a conhecimentos críticos que os façam compreender a configuração da “sociedade futebolística” (SCAGLIA, 1999, p. 35).

Nesse sentido, o autor não acredita que seja função primordial das escolas de futebol a formação de craques da bola. Acima de tudo, esta instituição de ensino não formal deve garantir conhecimentos básicos fundamentais do futebol a todos, independentemente o nível de conhecimento. Caso surjam alunos que apresentem condições de seguir o processo em direção ao futebol profissional, o autor aponta que esses deverão ser encaminhados aos “processos seletivos” específicos nas categorias de base de clubes de futebol.

2.2.4 Formalização do processo

Apesar de parecer uma forma de pensar atual, as implicações do dom já começaram a ser contestadas há alguns anos. Diante de tamanho reconhecimento não somente do futebol brasileiro, mas também sul-americano, houve a necessidade de equipes europeias determinarem estratégias para tentarem modificar a supremacia brasileira. Para Giglio (2005), esse novo quadro passou a ficar mais claro a partir da Copa do Mundo de 1966 na Inglaterra, destacando a preocupação dos europeus em relação à preparação física e tática no sentido de neutralizar as forças que dominavam – “o Brasil havia vencido os dois mundiais anteriores e seu estilo de jogo era admirado por todos” (p. 62). Nessa ocasião, o preparo físico das equipes europeias foi reconhecido e conquistou espaço, culminando no chamado futebol-força, marcando, segundo o autor, “simbolicamente uma ruptura no mundo do futebol, pois o que era defendido como modelo passou a ser contestado” (p. 63).

Ao contrário das características do “futebol-arte” (e.g., alegria, criatividade e jogadas de efeito), Gil (1994) destaca que em 1966 a crônica esportiva se referiu ao estilo apresentado como um aprimoramento da única virtude dos europeus – a força. Assim, segundo Giglio (2005), o futebol-força associava-se ao vigor físico e à obediência tática dos jogadores europeus em contraste com o futebol artístico, malandro, habilidoso e individual dos brasileiros.

No futebol-força, o preparo físico dos jogadores é exaltado como a principal qualidade, porém, muitas vezes as equipes que praticam esse tipo de futebol, também chamado de futebol de resultados, não empolgam seus torcedores. Jogadas de efeito, dribles e tabelas tornam-se raras. A equipe dificilmente sai do esquema que foi exaustivamente treinado (GIL, 1994, p. 67).

Para Gil (1994), nesse contexto “[...] prevalece a competição [...], a eficiência passa a ser norteadora do objetivo a ser alcançado. [...] podem acontecer jogadas bonitas, mas essa não é uma característica frequente deste tipo de futebol” (p. 56). A adoção dessa forma de pensar o futebol gerou bons resultados, rendendo a conquista do título do mundial pelo selecionado inglês.

Com a urgência de estruturação e inovação do processo de formação de futebolistas no Brasil, dentro dos próprios clubes surgem as chamadas categorias de base, com a preocupação de “‘formar’ futuros atletas e potencializar-lhes os requisitos necessários para aquisição da forma física, técnica e tática” (FLORENZANO, 1998 *apud* PAOLI, 2007, p. 67), justificada pela nova realidade forjada a partir de 1966.

A formação de futebolistas, a partir desse momento, apesar de não estar desvinculada das experiências com o futebol no âmbito das matrizes futebolísticas, será definida, seguindo a compreensão de Damo (2005), como

conversão de jovens com talentos reconhecidos em profissionais de clubes que apresentem condições de corresponder às exigências de um público específico. Tal conversão está associada, segundo o autor, à aquisição de técnicas específicas e fundamentais e vem sendo forjada em contextos específicos.

[Em] espaços físicos denominados de centros de formação com seus suportes (albergue, campos de treinamentos e vestiários, entre outros); [fundamentados sob] técnicas de recrutamento e seleção de talentos precoces, cada vez mais sofisticadas em razão da concorrência; [orientados por] princípios de organização para o trabalho, articulados a partir dos investimentos econômicos e dos interesses políticos dos clubes ou de empresas; [em concordância às] tecnologias de preparação/treinamento para os jogos e para o exercício da profissão, ajustadas conforme a disponibilidade e as exigências do clube; [sob a tutela de] especialistas, ex-boleiros e/ou profissionais com diploma universitário; [vinculados às] redes de agenciamentos, implicando toda a ordem de indivíduos que gravitam no entorno dos dons/talentos na expectativa de lucrar com os ganhos milionários aos quais alguns deles têm acesso; [respeitando] normas legais decorrentes de acordos entre os centros formadores ou impostas a estes pelo Estado, visando disciplinar (ou não) os procedimentos em relação à tutela de menores; [caracterizando] enfim, um leque extenso de elementos heteróclitos que definem os procedimentos e demarcam a especificidade desse processo [...]. (DAMO, 2005, p.14).

Atualmente, as lógicas estabelecidas no âmbito dos centros de formação respeitam configurações diferentes há algumas décadas, principalmente após os anos de 1980 quando ainda predominava lógicas estabelecidas na rua que ainda estão associadas e justificam o futebol brasileiro (DAMO, 2005).

Esse novo contexto, articulado a partir dessas lógicas não arbitrárias, tem como função alimentar o que Damo (2005) classificou de “mercado de pés-de-obra” (p. 14), justificando a necessidade de compreensão dessas configurações, pois, seguindo o raciocínio do autor, “não se forjam, no Brasil, desde algumas décadas, jogadores profissionais fora desses centros” (p. 168). Tais

lógicas articulam e garantem as experiências necessárias para atuação profissional, respeitando a “relação entre a oferta de dom/talento e as demandas do mercado que, como se sabe, excede as fronteiras nacionais” (p. 168). Assim, compondo o que Damo (2005) denominou ciclo de espiral longa, a carreira de jogador configura-se a partir de cinco ciclos (Tabela 1).

Aprendizagem ou pré-formação	Preparação ou formação	Aprimoramento e atuação	Desconversão	Reconversão/ aposentadoria
Domínio de técnicas básicas, participação em escolinhas e eventual identificação, seleção e captação do talento.	Refinamento de técnicas básicas, progressão ao profissionalismo ou exclusão aos que têm dom.	Atuação profissional sujeita a variações em termos de remuneração, prestígio e sucesso.	Fim de carreira e reconversão profissional por razões específicas à profissão.	Período de recesso seguidamente traumático pelo distanciamento do público.
Dos 1 ^{os} passos a 14 anos.	Dos 10 anos, intensificando-se de 14 a 20 anos.	De 17 a 35 anos.	De 30 a 40 anos.	A partir da proximidade e/ou fim da carreira.

Tabela 1: Os ciclos da espiral longa. *Adaptada de Damo (2005, p. 174).*

Pensando no processo de formação, esse, respeitando a esquematização acima, dá-se a partir das primeiras experiências com o futebol na forma bricolada e nas chamadas escolinhas de futebol. Após essa primeira etapa, denominada por Damo (2005) de ciclo de aprendizagem ou pré-formação, o processo se estenderia pelas experiências sistematizadas nos centros de treinamentos, no ciclo de preparação ou formação.

Ao considerar os dois primeiros ciclos, Damo (2005) esquematiza o Ciclo de Espiral Curta (Figura 1).

Totalmente preocupados com o “produto final”, os clubes, na opinião de Garganta (2009), destinam investimentos consideráveis em recursos que permitem a detecção e seleção dos melhores jogadores, destinando atenção:

(1) aqueles que manifestem um rendimento actual acima da média; (2) os que, embora não apresentando no momento um rendimento superior, pareçam reunir condições para o fazerem em resposta a um processo de treino sistemático; (3) os que, para além de apresentarem um rendimento actual superior aos da sua idade, simultaneamente denotem condições para evoluírem significativamente em resposta a um processo estruturado de treino/formação. (p. 4).

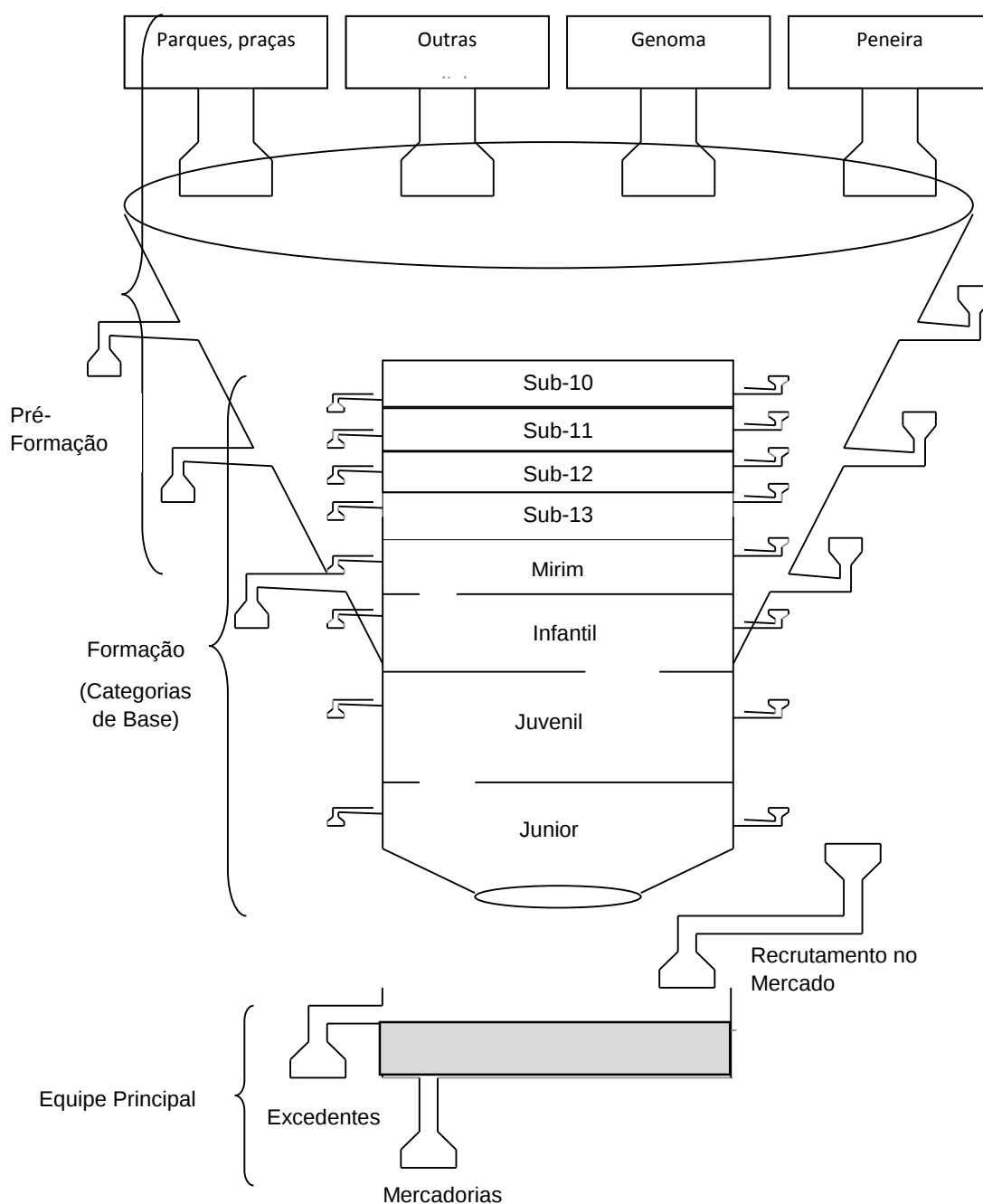


Figura 1. Os ciclos da espiral curta ou de preparação para a profissão. *Adaptado de Damo (2005, p. 264).*

Como uma tecnologia que sucede a “aquisição das técnicas elementares [...], e antecede a atuação propriamente dita” (DAMO, 2005, p. 14), atualmente, a categoria de base foca-se no aprimoramento do gesto motor, na correção de “vícios” de execução e na conscientização do futebolista em relação à relevância do desenvolvimento de trabalhos físico, técnico e tático, bem como do respeito às normas reguladoras do clube e do mercado (PAOLI, 2007, p. 67-68).

Associado à vivência motora e aprendizagem, a quantidade de horas destinadas à prática do futebol torna-se muito importante (GIGLIO *et al.*, 2008, p. 82). Configurado como extremamente competitivo, esse processo pode se aproximar ao investimento de 5.000 horas durante aproximadamente 10 anos, “realizados diretamente no corpo, em rotinas altamente disciplinadas, extenuantes e seguidamente monótonas” (DAMO, 2005, p. 14). A esse respeito, para Giglio *et al.* (2008, p. 81), os jovens inseridos nesse contexto, “são submetidos a um aprendizado, ao longo de sua formação, equivalente a dois cursos de graduação”.

Apesar do componente lúdico, essas “exigentes” horas que compõem o processo conotam seu caráter disciplinador, que passa a ser importante para a formação, reafirmando a “dinâmica psicorreguladora que a formação do competidor exige” (SOUZA *et al.*, 2008, p. 96), tornando-o, ao mesmo tempo, disciplinador, educativo e civilizatório (RODRIGUES, 2003).

Em síntese, a formação do jogador de futebol consiste num processo de aprendizagem e disciplinamento teórico-prático, em treinamentos físicos, técnicos e táticos. O disciplinamento do jogador ocorre através de dispositivos especiais. Tais dispositivos podem ser entendidos no sentido abordado por Foucault (1987, 2001). A incorporação de um *habitus* (BOURDIEU) também faz parte da formação técnica e social do jogador de futebol. Tal incorporação se dá via disciplinamento e treinamentos que buscam educar o atleta nas diferentes esferas. É por isso que assumimos

que a formação do jogador é também um processo civilizatório, tal como aponta Elias [...]. (p. 178).

A formação de atletas de alto rendimento depende da inserção desses em processos planejados e sistematizados de treinamentos de longo prazo (BÖHME, 2000). Somente por meio de treinamentos prolongado, sistemático e intenso é que são criadas as disposições para o jogo (DAMO, 2005).

Criar as disposições exigidas para o espetáculo esportivo implica desenvolver um sistema de referências perceptivas tais que seu portador tenha a possibilidade de fazer escolhas instantâneas, em graus variados de dificuldade. O êxito envolve, no mínimo, a percepção de várias temporalidades (do deslocamento da bola, dos adversários, dos companheiros de equipes e de seus próprios gestos) e espacialidades (dos limites do campo, mas também dos espaços vazios, onde a bola pode ser deslocada sem ser interceptada) que são apreendidas ao longo dos treinamentos. Para tanto, são importantes as experiências acumuladas ao longo do processo de formação, mas também aquelas trazidas de fora do futebol. E é no aprendizado destes sistemas de percepção que se revelam os limites e as possibilidades de cada qual dos pretendentes à profissionalização. Não basta ter o dom para o futebol, é preciso saber resistir, constituir alianças dentro do grupo, cercar-se de amigos influentes, desenvolver mecanismos de autocontrole, disciplina e assim por diante. (DAMO, 2005, p. 51).

O treinamento ao qual se refere Böhme (2000) contempla a detecção, seleção, promoção de talentos esportivos alicerçados por processos de avaliação e acompanhamento constantes do futuro atleta, o que implicaria, para Kunz (2003) *apud* Paoli (2007), no descrédito de que “o jogador brasileiro já nasce feito” (p. 68), além da confirmação de que a nova estruturação do processo de formação de futebolista não é mais abastecida pelas práticas assistemáticas (várzea) e descompromissadas (peladas) do futebol sustentadas unicamente pela alegria, liberdade, criatividade e malandragem dos praticantes.

Paoli (2007), de maneira complementar a Böhme (2000), identificou em seu estudo realizado com sete clubes³³ do futebol brasileiro, seis fases fundamentais a partir da percepção de que o futebolista possui habilidades motoras pertinentes à prática do futebol no nível desejado. Segundo o autor, o processo envolve a oportunização, detecção, seleção, promoção, exposição e comercialização. Seguem as etapas, segundo Böhme (2000) e Paoli (2007):

a) Oportunização: caracterizada por Paoli (2007) pela garantia da oferta de condições para que o “candidato” apresente-se e mostre qualidades que o habilite a participar do processo;

b) Detecção: segundo Böhme (2000), a detecção compreende “todas as medidas e meios utilizados com o objetivo de encontrar, detectar um número suficientemente grande de pessoas – em regra crianças e adolescentes – [...] dispostas e prontas para admissão” (p. 6) do que classificou como programa de formação esportiva geral básica³⁴. Para Paoli (2007), a detecção dá-se por meio da observação das situações avaliativas oportunizadas pelos próprios clubes ou em outros contextos, como espaços escolares e outras entidades esportivas, sustentadas por fatores específicos da prática do futebol;

c) Seleção: Böhme (2000) faz referência aos “meios utilizados para a determinação dos indivíduos que têm condições de serem admitidos/aceitos em

³³ Paoli analisou o processo de formação no Clube Atlético Paranaense (PR), Cruzeiro Esporte Clube (MG), Fluminense Football Clube (RJ), Goiás Esporte Clube (GO), Grêmio Foot-ball Porto Alegrense (RS), São Paulo Futebol Clube (SP) e Sport Club Internacional (RS).

³⁴ A formação geral básica compreende o “desenvolvimento das capacidades coordenativas; tem por objetivos gerais a melhoria geral do desempenho esportivo, despertar um interesse estável orientado para ações de desempenho em treinamento e competição, e também o conhecimento do esporte escolhido” (BÖHME, 2000, p. 5). Completam as etapas de formação a fase de treinamento específico, voltada ao desempenho esportivo específico e acesso ao treinamento de alto nível, que implica no alto desempenho individual para prática. Para situar, a fase de formação básica geral corresponde à pré-formação, o treinamento específico à formação e o treinamento de alto nível à atuação dentro dos ciclos de Damo (2005).

níveis mais altos de treinamento a longo prazo. Paoli (2007) refere-se às implicações na escolha e inclusão dos candidatos que apresentem condições iniciais que os potencializem como futebolistas nos clubes. O autor faz referência aos fatores que direcionam a seleção elencados por Hahn (1989), influenciando o desempenho esportivo de futebolistas jovens dependendo das necessidades dos responsáveis pelo processo. São eles: requisitos antropométricos, características físicas, requisitos técnicos motores, capacidade de aprendizagem, prontidão para o desempenho, capacidades cognitivas, fatores efetivos e fatores sociais;

d) Promoção: Para Paoli (2007), corresponde à submissão e acompanhamento do futebolista no processo de preparação de acordo com as condições disponíveis e ao treinamento sistematizado em longo prazo, respeitando as fases de iniciação ao programa, desenvolvimento e aperfeiçoamento;

e) Exposição: relaciona-se, de acordo com Paoli (2007), à submissão dos futebolistas aos diferentes níveis de sistemas competitivos;

f) Comercialização: é o processo de negociação do futebolista que, para Paoli (2007), deve estar de acordo com as exigências do mercado.

Com o foco no processo desenvolvido sob as lógicas estabelecidas nos centros de formação, Damo (2005) apresenta três modelos de tipo ideal que poderiam ajudar na compreensão dos mecanismos que determinam o processo de profissionalização dos futebolistas – os modelos endógeno, exógeno e híbrido.

O modelo endógeno compreende “a lógica de formação/produção de futebolistas realizada por um dado centro especializado, vinculado a um clube, visando suprir suas próprias demandas” (DAMO, 2005, p. 190). Nesse modelo, os investimentos sobre jovens talentos devem gerar mais lucros do que os investimentos sobre os pés-de-obras disponíveis no mercado, suprimindo as próprias

demandas. No modelo exógeno, a formação/produção com vistas ao atendimento do mercado externo de pés-de-obra respeita valores econômicos em circulação devido às dificuldades que os clubes estão encontrando com as sanções das Leis Zico (BRASIL, 1993) e Pelé (BRASIL, 1998). Já o modelo híbrido apresenta a junção dos modelos endógeno e exógeno, que se mostrou contrária até então, conciliando “a premissa vocacional e a mercadológica conforme a conveniência [...]”. Os jogadores são produzidos para atender às demandas dos torcedores, mas se o mercado oportunizar, são vendidos prontamente” (DAMO, 2005, p. 205).

Independente das experiências nos ciclos de espirais e dos modelos de formação de Damo (2005), “apenas uma parcela dos que ingressam na atividade efetivamente completam o espiral na maneira como foi disposta” (p. 173), caracterizando o afunilamento diante da quantidade de pretendentes e a pouca oferta entre identificação do talento e prática espetacularizada.

A formação especificada acima esclarece o papel da intervenção. Independentemente das etapas, necessita da mediação de profissionais preparados, principalmente nos dois primeiros ciclos da espiral longa, e antes e após o afunilamento característico do modelo da espiral curta apresentado.

A realidade e as exigências atuais do futebol implicam, para Florenzano (2003) *apud* Paoli (2007), na necessidade de vivências adequadas em espaços administrados e operacionalizados por especialistas. Assim, aliado à quantidade de elementos apresentados e da possível existência de outros, há uma figura determinante e comum na maioria deles – os treinadores. Considerando o caminho que esses, obrigatoriamente, terão que percorrer para que possam formar futebolistas, seu papel mostra-se essencial.

Como um dos articuladores da formação, o treinador esportivo representa, uma parcela responsável por “converter jovens de talento reconhecido em profissionais capazes de exibir suas performances a um público muito peculiar, engajado a agremiações denominadas de clubes” (DAMO, 2005, p. 14).

Após os avanços da preocupação com a preparação física em meados da década de 1960, ocorreu também uma mudança significativa “em relação às esquematizações táticas e às estratégias de jogo” (PAOLI, 2007, p. 67) percebida a partir da década de 1980. Os treinadores então, de acordo com o autor, garantiram sua importância no processo.

Estes, juntamente com suas comissões técnicas, cada vez mais multiplicadores, começaram a buscar integração dos fatores físicos, psicológicos, técnicos e táticos para conseguirem melhores resultados. Atualmente, sem desprezar tais fatores, vivemos um momento onde se destaca a necessidade de cuidadosos planejamentos de curto, médio e longo prazos e, sobretudo, de investimentos nas atitudes (psicológica, emocional, social, cultural) dos atletas, que devem ser cada vez mais profissionais, sem perderem seu potencial técnico criativo. (PAOLI, 2007, p. 67).

Essa estruturação podem garantir o sucesso ou insucesso em algumas das dimensões apresentadas, determinadas pela qualidade, manutenção e abandono do processo de formação e da carreira profissional, pois para Damo (2005), “na medida em que nos aproximamos da profissão, afastamo-nos das configurações bricoladas” (p. 168).

CAPÍTULO III

A FORMAÇÃO DO “CAMISA 10”

A teia que envolve a formação do futebolista tem uma fundamentação nos significados cultural e social do futebol, confirmando ao esporte, segundo Gíglío *et al.* (2008), uma posição de destaque em nosso cotidiano que nos deixa expostos aos seus “caprichos” desde o nascimento. Ao afirmarmos que a formação responde a determinadas configurações, assumimos que, dadas suas implicações, essas direcionam o processo.

De acordo com o depoimento de Zico, percebemos a importância de suas experiências e das relações sociais a partir de sua infância, quando houve o predomínio de práticas assistemáticas, e da adesão a contextos formais de ensino e treinamento de futebolistas, em tempo e espaço específicos.

3.1 A infância em Quintino

Nascido na cidade portuguesa de Tondela, o pai de Zico, Sr. José Antunes Coimbra, então torcedor do Sporting Clube de Portugal³⁵, chegou ao Rio de Janeiro aos 10 anos de idade, quando evidenciava-se uma forte relação entre portugueses e descendentes com o Club de Regatas do Vasco da Gama.

O fato de o Vasco da Gama ser fundado por portugueses e descendentes e, conseqüentemente, representar elementos da cultura lusitana potencializou o nascimento e confirmou a rivalidade entre dois dos principais clubes

³⁵ Fonte: www.ziconarede.com.br.

do Rio de Janeiro – enquanto o Clube de Regatas do Flamengo representava a brasilidade, o Club de Regatas do Vasco da Gama se opunha a ela, tal como destacou Coutinho (2013).

Contrariando fortes tendências da época, o pai de Zico assumiu-se como torcedor do Clube de Regatas do Flamengo³⁶. Apesar de se opor a valores culturais, era muito favorável torcer para o Flamengo no período que o Sr. Antunes se estabeleceu no Brasil, tal como nos mostraram Coutinho (2009; 2013), Kowalski (2001), Melo (1999), Neves (2013), Nogueira (2006), Pereira (1998), Silva (2005) e Vaz, Júnior e Ambrósio Filho (2012). Assim, orientada pela paixão do Sr. Antunes pelo Flamengo, em um momento histórico coincidente ao maior crescimento, quando esse alcançou o status de clube com a maior torcida do Brasil, a família Coimbra assumiu o Flamengo como time do coração.

À sombra de um ambiente familiar acolhedor, Zico e seus irmãos experimentaram uma gama considerável de experiências, configurando-se como uma infância especial.

[...] soltava pipa, mas era muito ruim, meu irmão era cobra na pipa [...] A gente tinha aquelas brincadeiras de polícia e ladrão, chuta lata? [...] Tinha o cotoco, não sei se conheceu cotoco. Cotoco era um jogo tipo jogo totó, pebolim, só que você pegava um cabo de vassoura, cortava [...] forrava com papel fino as cores, botava um prego embaixo e fazia na terra um campo de futebol. Aí você botava os times e com a paleta da Kibom e uma bolinha de ping-pong se jogava. Batia em um, batia em outro. Tinha um gol lá e os dois times no chão [...] a garotada ficava abaixada [...].

³⁶ Nesse contexto, ser português e torcedor do Flamengo era entendido como uma afronta. Para se ter uma ideia da rivalidade, quando jovem, o pai de Zico foi convidado para treinar como goleiro no Flamengo. Mesmo tendo sonho de jogar pelo seu time de coração, não pôde aceitar. Seu patrão, dono da padaria onde trabalhava, torcedor do Vasco da Gama, disse que seria despedido caso aceitasse. Como precisava do emprego viu-se obrigado a recusar a proposta (Fonte: <http://flamengo-next.blogspot.com.br/p/futebol-internacional.html>).

A relação positiva com os irmãos que mantinha na condição de caçula é destacada por Maria José³⁷, sua irmã mais velha, que também se viu envolvida no processo.

Zico foi um menino que acompanhou muito os irmãos e todos jogavam bola, inicialmente Zeca e Nando no clubinho da rua, o Lucinda. Edu era o mascote e eu a madrinha. Meus primos também jogavam e Zico, ainda bem pequeno, via tudo isso [...].

Para a irmã, Zico sempre mostrou-se “*uma criança saudável que vivia com liberdade na nossa rua*”. Na ausência de companhia “*brincava sozinho e gostava de tudo que envolvesse futebol: botão e totó eram os brinquedos preferidos, além da bola [...]*”. Porém, foi com os irmãos que suas principais experiências se confirmaram nessa fase de sua vida.

[...] quando ele tinha uns 10 anos [...] o Juventude foi criado. Um time de futebol e bloco de carnaval que se instalou no quintal lá de casa. Depois que o campinho onde eles jogavam foi destruído, nossos pais usaram o terreno dos fundos da casa para fazer uma quadra de futebol de salão. Todos os irmãos eram do time.

Apesar de ser a prática preferida de Zico – “[o futebol] era a preferência, o mais praticado, mais praticado [...]” –, um limite foi respeitado.

[...] tinha a escola. Metade do dia era dedicado à escola [...] Só fui jogar bola na escola quando já era no Ginásio, que tinha uma quadra. No mais não tinha futebol nas escolas que eu joguei não. {Interrupção do entrevistador: nem futebol de salão?} Não, nada! Na escola pública não tinha. Nas escolas que eu estudei não tinha espaço. {Complementação do entrevistador: faltava na escola para brincar de bola?} Não, não! Eu estudava de manhã, de tarde eu ia para rua jogar bola. Então não sentia falta disso na escola, entendeu? Não tinha preocupação de estudar e sair ou ficar no

³⁷ Fonte: <http://www.globalpalestras.com.br/palestrante.php?palestrante=347>.

recreio jogando bola não, porque jogava a tarde toda. Então se eu estudasse de tarde, eu jogava a manhã inteira de bola. Então sempre tinha uma pelada, sempre um jogo contra, sempre tinha alguma coisa.

Apesar da pouca influência do futebol praticado no âmbito escolar na formação de Zico, sua relação com a escola desempenhou um papel importante em sua relação com o pai, assegurando-lhe uma certa liberdade para fortalecer seu envolvimento com o futebol em seu tempo livre.

Normalmente reconhecidas como não agradáveis, as obrigações escolares foram imprescindíveis no contexto familiar de Zico – a cobrança era “*total, é, total!*”. Apesar do Sr. Antunes ser apaixonado pelo futebol, não permitiu que os filhos abandonassem os estudos por qualquer que fosse a razão, principalmente para se dedicarem ao esporte – “[*meu pai*] não queria deixar meus irmãos jogarem futebol. O Antunes, depois de dois meses no Fluminense, é que meu pai foi saber que ele estava lá. Aí ele prometeu não abandonar os estudos para continuar”. Mesmo com a cobrança, a escola não se mostrou contrária aos anseios do menino Zico e de seus irmãos.

[Antunes] Ele estava no Pedro II {refere-se ao Colégio D. Pedro II}, uma das melhores escolas do Estado, do país, pô! Eu passei também pelo Pedro II. Meu pai ficou mal porque eu passei do Pedro II para o Rivadávia {refere-se ao Colégio Municipal Rivadávia Corrêa}. Sabia que [...] o Antunes sofreu [...] na escola puxada e... fui para o Rivadávia, que era do meu outro irmão Nando, porque eu sabia que era mais tranquilo [gargalhada]. Mais era. Então meu pai, ficou orgulhoso porque todos os filhos se formaram legal, estudaram. Então isso foi bacana, a gente não se deixou levar pelo futebol, por nada... os filhos deram alegrias no futebol, mas deram mais ainda na formação de cada um [...].

Com essa relação positiva com os estudos, todos os irmãos de Zico concluíram o ensino superior – “*Minha irmã é psicóloga hoje, Antunes foi professor*

da Gama Filho de Economia, de Administração; [...] o Nando é Jornalismo, o Edu Educação Física, o Tonico advogado”. Mesmo atuando como futebolista profissional, Zico quase concluiu o curso de Educação Física. A rotina de jogos, treinos e compromissos o impediu de concluir.

[...] e eu Educação Física. {Interrupção do entrevistador: você formou também?} Não, não formei, terminei no quarto período quando fui viajar, quando fui para Itália. Aí comecei a sofrer muito porque, por exemplo, eu estava na faculdade, tinha meses que eu tinha que fazer oito segundas chamadas... Toda hora estava lá. [...], não podia ir quarta-feira para faculdade que tinha jogo. Então não tinha como estudar e olha que o Flamengo. [...] E eu tinha vez que não terminava, eu não tinha condição de terminar. {Interrupção do entrevistador: aqui no Rio mesmo?} É, no Rio, no Realengo. Aí treinava, a faculdade começava às 5 horas e tinha que sair da Gávea para o Realengo. Era a única que tinha a noite. Então não podia, não fazia aula, perdia a aula do primeiro tempo sempre. Aí tinha que escolher matérias... dava muita canseira, muita canseira. Mas eu mesmo assim fui até o quarto ano e faltavam dois, faltavam dois períodos, um ano. {Interrupção do entrevistador: um ano? Eram cinco anos?} É [...] não deu! Eu fui para Itália aí quando eu voltei. Aí tu já viu né, tu volta também, perde aquela continuidade. Filho para nascer. Aí já viu. Mas, mesmo assim, quando abri a escola eu ganhei o CREF pelas minhas experiências, currículo, por ter aberto uma escola no futebol, eles deram o CREF.

Voltando à infância, dividindo seu tempo com as obrigações escolares, as peladas, como Zico ressaltou, se configuraram como primordiais no próprio processo de formação inicial.

Minha experiência no futebol na infância é pelada de rua, é botar, começar com um golzinho de uma pedra, ou duas latas e jogar. Jogar ali as peladas normais. As ruas, naquela época, algumas eram de terra, outras eram de paralelepípedo [...] tinham um meio-fio, calçada, muros. A gente fazia, aprendia fazer tabela com o muro, meio-fio..., arrancar a cabeça do dedo, descalço. Então [...] você começa a destacar. Lá em Quintino tínhamos um campinho na esquina, um campinho de quatro, de terra mesmo. Então a gente fazia ali [...] os campeonatos, botamos refletores, fazia festa junina, fazia torneios, fazia festivais. Era o local da diversão do bairro, e

todo sábado à tarde tinha uma pelada boa [...]. Então minha infância foi toda pelada de rua mesmo, de jogos.

Nem sempre os “jogos” eram realizados somente nas ruas ou terrenos baldios. Em inúmeros momentos, Zico brincava sozinho em sua casa com bolas de meia, de plástico ou com a famosa bolinha Pelé. Apesar de não reconhecer seus anseios, como poderemos ver mais adiante em um dos seus depoimentos, Zico já adotava formas para desenvolver o próprio jogo.

[...] e eu, depois de um certo período, fazia um treinamento, eu gostava de fazer um negócio com a bolinha na minha casa, com chuva. Digamos, eu ficava aqui, jogava a bola na parede {mostrou a altura, alto} para ela quicar e eu dominar. Fazer alguma coisa na parede [...], sabe? Eu pegava uma bolinha e jogava forte e jogava para pegar, para ser o goleiro. Fazia diversas vezes isso, ficava sozinho fazendo essas coisas.

Tão importante quanto as próprias vivências foram as referências de Zico. Como podemos perceber, muitas de suas experiências com o futebol tiveram a presença marcante dos irmãos que, sem dúvidas, contribuiu em muito para o desenvolvimento de Zico.

Independentemente dos locais e natureza dos jogos, alimentado pela paixão ao Flamengo, Zico assumiu os jogadores Dida e Silva como ídolos – “Então isso, jogo de botão que eu fazia meus campeonatos sozinho. Flamengo sempre ganhava e o Dida sempre artilheiro [...]”. Porém, diante da presença, proteção e referências constantes dos irmãos, Zico substituiu os jogadores do Flamengo por Antunes e Edu, passando a acompanhá-los com frequência.

Na época era Flamengo, era o Dida. Foi o Dida o grande nome do Flamengo, depois Silva também. [...]. Lógico que o Pelé era o nome, só que [...] Santos de vez em quando vinha jogar no Rio, e a

gente ia ver. Eu fui ver os mil, eu estava no Maracanã no dia do milésimo gol. É lógico! Então a gente, sabe? Era aquela coisa de clube, o importante era o jogador do Flamengo. [...] Eu jogava pensando que era um deles é claro. Depois meus irmãos começaram a jogar e eu passei a ver tudo dos meus irmãos, o Antunes e o Edu. Então passaram a ser minhas referências, e eu esqueci Dida, esqueci Flamengo. Eu ia treinar, ia ver os treinos deles no Fluminense, no América, ver todos os jogos. Ficava atrás dos gols, e passavam a ser os dois os xodós.

3.2 Aproximação do Flamengo e início das experiências sistematizadas

Apesar de Zico ainda não alimentar ou reconhecer o sonho de ser jogador de futebol profissional – “[...] não. Queria jogar igual a eles, queria ser igual a eles”, com tantas experiências significativas, foi natural que passasse a ser reconhecido em seu bairro. Sua participação nas peladas e em torneios informais no então futebol de salão permitiu a aproximação ao Flamengo, o que o fez redesenhar seus sonhos.

[...] nesse período, quando eu comecei a destacar [...], começaram a aparecer convites para jogar pelos times das ruas do bairro. Então você tinha aqui, a minha rua era Lucinda Barbosa, e tinha aqui Eduardo Teixeira, Franco Vaz, Bernardo Guimarães e Garcia Pires. Aí lá na Garcia Pires tinha um campo, aí os caras de lá chamaram para jogar no time deles, aí o time aqui do outro lado da Estação começou a me descobrir e aí me chamava para ir jogar... Tinha sempre jogo para jogar. Aí tinha um time que os meus irmãos jogavam. Maravilha que era de um bicheiro. Aí a gente foi jogar por eles. Jogava todo domingo de manhã [...]. Então a gente jogava em campo de onze, mais aqueles campos que tinham grama, terra no meio e descalço, sempre descalço. [...] eu jogava, paralelo a isso, eu jogava futebol de salão. Nós tínhamos o time lá da rua. Tinha um moço lá de perto do meu bairro, do bairro seguinte da Piedade. Tem Quintino e o próximo bairro era Piedade, que era a Faculdade Gama Filho e lá tinha o Ríver, que era um clube muito tradicional, que ainda é hoje, clube de shows. O Ríver tinha um time que disputava o Campeonato Carioca de Futsal, na época chamava de futebol de salão. Só que esse Sr. Joaquim, alugava o Ríver aos domingos de manhã para fazer um campeonato interno. Então ele chamava os garotos da rua e fazia Bangu, Flamengo, Santos, Botafogo... Como gostava do Santos, ele pegava os melhores jogadores para jogar no Santos, então o Santos era sempre campeão, e aí ele me levou para lá. Aí ele passou a ganhar mais

fácil ainda (risos) e foi aonde eu fui descoberto. Foi num domingo desses de manhã que o Celso Garcia foi me ver jogar e ficou encantando. Eu fiz gol pra c... e a gente deu uma goleada e aí ele foi na minha casa pedir para meu pai para eu treinar no Flamengo.

Como sempre correspondeu às expectativas dos pais, o apoio familiar que Zico recebeu durante a infância se estendeu à adolescência, garantindo-lhe condições necessárias às práticas sistematizadas nas categorias de base, momento muito importante para sua formação. Ao chegar ao Flamengo já começou a se destacar e suas experiências começaram a se restringir ao futebol.

[...] assim que eu fui para o Flamengo de 13 para 14 anos, o Flamengo, quando viu, pô o primeiro jogo, eu cheguei na quinta, na sexta eu treinei, domingo tive, joguei, fiz dois gols, na cara. Aí estavam lá os profissionais, os caras já ficaram de olho. Quem é esse garoto, quem é? Na semana seguinte o cara me inscreveu na Federação sem ninguém saber e você, naquela época para se inscrever, você para sair, você tinha que fazer estágio de dois anos tá? Para poder ir para outro lugar. E aí... a ficha, preenchendo ficha e tal. Não tinha noção desse negócio. Aí já me prendeu logo o Flamengo e naquele período, quando eu parei de jogar eu fui para o Jacarepaguá, que era perto da minha casa. Queria me pegar para jogar futsal no time deles. Aí eu fui lá, fiz treino, fiz gol pra c.... Os caras ficaram malucos... Pagavam, digamos dez cruzeiros... era um negócio, né? Você comprava os “pães de mel” da vida lá (risadas), as figurinhas. Aí, eu [...] perdi essa oportunidade, porque, como eu já estava inscrito no futebol, naquela época não podia jogar. Quem estivesse inscrito na federação de futebol não podia jogar futsal ou vice-versa. Eu aí acabei não podendo jogar.

Com as qualidades demonstradas já no início de sua chegada não foi difícil Zico enquadrar-se à estrutura sistematizada. Apesar de se mostrar confuso diante de tantas categorias e mudanças constantes de nomenclaturas, Zico descreve uma possível trajetória.

[...] Eu cheguei na escolinha, só que a escolinha tinha categoria até 15, e a categoria 17. Eu cheguei erradamente na de 17. Não relava nem na bola. [...] não pegava nem na bola, mas de 15 [...]

bagunçava. Então eu tinha as escolinhas, as duas. Aí depois de 15 a 17 passou a ser infantil, aí ficou escolinha, infantil e juvenil. {Interrupção do entrevistador: mas você já tinha passado, já tinha pulado, já estava no juvenil?} É, já, [...] digamos, 69 e 70 joguei na escolinha tá? 71 e 72 joguei no juvenil. Aí eu tinha idade para jogar juvenil 73, como em 71 eu já tinha jogado no profissional. É eu joguei, joguei, eu fui em 73 direto para o profissional, não joguei mais juvenil. Tinha idade, mas não joguei. Aí depois... tinha aspirante, aí acabaram com a categoria de aspirante. Aí ficou infantil e juvenil, aí depois, até 20, de 17 a 20 que é hoje, passou a ser juniores, juvenil 15 a 17, infantil 13 a 15 e mirim abaixo de 13.

Apesar do novo, Zico, aparentemente, adaptou-se facilmente.

Alongamento não tinha nada. Aquecimento, calistenia..., aquelas coisas de polichinelo tal, levantar perna para o lado, para cima, para frente [...]. É, todo mundo junto. Aquelas filas, [...] subir Paineiras {refere-se à estrada que contorna o Corcovado}. {Interrupção do entrevistador: físico?} É, físico. Como tinha jogo só domingo, o primeiro treino da semana era subir Vista Chinesa {refere-se ao Mirante da Vista Chinesa localizado na Floresta da Tijuca}. Aí tinha que subir Vista Chinesa [...]. Fazer arquibancada. Às vezes treinamento físico, teste de Cooper, [...] o circuit training, que era aquelas oito estações. O que eu corri de estações. Que eu gostava muito de fazer. Aquilo me dava muita força, que era flexão, canguru, borracha, cordinha, salto, salto no aro, abdominal e pular... você pula... põe o pé para trás, volta, sobe, [...], eram oito estações [...]. {Complementação do entrevistador: o que você não gostava?} Só não gostava de longas distâncias. Eu fazia sempre o limite... teste de Cooper, quanto era para fazer? 2.800, 3.000, eu faço 3.000. Tem que passar de 3.000, eu faço. Cinco quilômetros têm que chegar em, qual o limite que tenho para chegar? 23? Então eu chegava. Eu fazia o meu limite... Eu fazia o que eu podia, não gostava mesmo não. Não gostava de correr, ficar correndo, subindo Vista Chinesa... Agora me botava para fazer físico, circuito e trabalho com bola, exercícios mesmo sem bola eu gostava de fazer, não gostava de longas distâncias.

Diferentemente dos dias atuais, Zico conseguiu, mesmo com a nova rotina e obrigações escolares, manter-se nas peladas em Quintino.

Eu jogava bola. Eu já era do juvenil do Flamengo. Jogava, saía do jogo na Ilha do Governador para a pelada de Quintino na rua. Hoje é impensado um jogador, um cara estar jogando júnior, jogar uma pelada na rua. O clube não permite, não pode, não sei o que lá, e

tal. E isso é o que a gente fazia. Então, é, quer dizer, o sério e o lúdico estão caminhando de braço dado. {Interrupção do entrevistador: caminhava lá atrás, hoje?} Caminhava lá atrás. Pô se eu pudesse jogar uma hora da tarde até as três na preliminar e jogar, ir para pelada correndo em Quintino eu ia (gargalhada) entendeu? Pô, dá tempo, vou jogar.

Essa liberdade de Zico pode ter tornado o processo menos árduo, preservando sensações de prazer que tinha nas práticas assistemáticas – “[...] *Continua, continuavam, continuavam. [...] Lógico, continuava brincando*”, o que pode ter feito uma grande diferença em sua formação.

Responsável por transformar jovens promissores em profissionais qualificados (DAMO, 2005), os treinadores facilitaram a transição do menino da rua para o jogador do clube, ajudando-o no processo.

Eu acho que uma coisa importante que tinha na nossa época e que não tem hoje, eram os treinadores. Porque os treinadores da base naquela época eram treinadores experientes, pessoas que tinham encerrado a carreira há bastante tempo e que tinham mais paciência com a criançada. Então eu peguei, por exemplo, Seu Bría {refere-se a Modesto Bría}, Célio de Souza, que eram treinadores que já tinham... passado dos 40, 50 anos, que estavam ali para te ensinar. Então... é aquele negócio, você, garoto, você sabe jogar, você faz as coisas com naturalidade. Ah, como é que é a melhor forma de passar? Então o cara te ensina a dar o passe interno... é mais simples, mais fácil, tal famoso raspa bosta... É a pá... Então você treina aquilo ali, aí vai... aquele paredão do tênis. O Flamengo tinha aquele paredão com os números, aí você bate com a direita, bate com a esquerda, bate com a direita, bate com a esquerda. Então você tem que ter professores que te ensinem isso, que te... eduquem, em te mostrar que isso é importante, a repetição. Aí vai, você cruza, você cruza com a direita, cruza com a esquerda, bate com a direita, bate, chuta aqui, chuta ali, chuta aqui. Então você tem que aprender a gostar disso também, a saber que fazer isso vai ser importante para o teu desenvolvimento... Então eu tive a felicidade de pegar na base pessoas como essas, que estão preocupadas em ensinar e não querer dar, dar tático, montar o time como a maioria hoje tem nas categorias de base. São jovens que estão almejando do infantil, querem subir para o juvenil, do juvenil querem ir para o júnior, do júnior querem estar no profissional. Então ele pega o garoto de 13 anos e monta taticamente o time... Preocupado [...] faz exercícios de areia e sobe arquibancada..., quando você tem que jogar bola.

A adaptação ao sistema foi, em diversos momentos facilitada pela forma que determinado treinador realizava sua intervenção.

{Complementação do entrevistador: técnico tinha bastante?} É, técnico né? Aí dependia muito do treinador né? {Interrupção do entrevistador: tático?} Tático, não! Na época não tinha muito tático, coletivo né? O Joubert {refere-se a Joubert Luis Meira} fazia muito fundamento no juvenil, muito fundamento. Ele ficava o tempo todo. Você fazia 40 passes de perna direta, 40 de esquerda, domínio de bola. O aquecimento dele era tudo de fundamento e muita repetição. {Interrupção do entrevistador: com bola?} Tudo com bola. O Joubert era sempre com bola [...]. Todos os treinadores que eu tive de ex-jogadores sempre trabalharam com bola. Fazer aquecimento com bola. [...]. {Complementação do entrevistador: gostava das atividades Zico?} Gostava!

O aprendizado vinculado aos treinadores não se concentrou apenas em questões técnicas e táticas, ele se estendeu às questões atitudinais, o que corresponde ao entendimento de Rodrigues (2003) para quem o processo, por buscar educar o futebolista em todas as esferas possíveis, se configura também como um processo civilizatório.

[...] Todas essas orientações de, não só dentro do campo, mas de continuação de estudo, de escola, de respeito, de companheirismo... Solidariedade. Futebol em si, ele tem essas coisas né? De você saber que é um esporte. Por ser um esporte coletivo, você tem que ter solidariedade, você tem que jogar para a equipe, você tem que ter, a tua performance voltada para o time. Então, [...] egoísmo, não pode existir. Eu vi, por exemplo, um lance de um garoto que era o “reizinho” lá da escolinha [...] Então, acabava o jogo, acabava o treino..., o treinador fazia um esforço do c..., aí ele botava [...]...., trazia o leite. P... aquela caneca de leite era o sustento. Acabava o treino, pô! Aí um garoto, esse garoto um dia não quis ficar na fila. Aí foi lá, pegou a caneca e virou no chão. Pô, o treinador saiu de lá, mandou ele embora. Então aquilo era um exemplo do c... entendeu? Para nós. Se aquilo ali, permite aquilo, ele ia perder os outros 20 garotos, 30 que estão ali entendeu? E o moleque era bom pra c... era o melhor da época, e não vingou né [...] chamado de Pelézinho, era a estrelinha da época da escolinha entendeu? E aí ele mandou embora, não quis saber, mandou

embora. {Complementação do entrevistador: não jogou bola?} Foi jogar. Apareceu no Vasco, depois e tal, ficou e não vingou, então.

Durante sua trajetória nas categorias de base teve contato com alguns treinadores – “[...] Da escolinha, o Zé Nogueira e o Célio de Souza trabalhavam juntos e, depois o Joubert e aí, quando o Joubert subiu, foi o Seu Bría. Senão ficaria o Joubert o tempo todo no juvenil, só um”. Para Zico, seus treinadores tinham conhecimento do que faziam em campo – “sabiam, sabiam.... Mas peguei assim muitos também, faziam, mudavam um pouco em função de resultado... Ganhou, tranquilo, perdeu, a porrada come {gargalhada}, tinha os castigos sim”. Dentre os mais importantes, Zico destaca Joubert.

[...] Joubert, por causa dos fundamentos. {Complementação do entrevistador: ele era formado, tinha experiência?} Não, não, não. Ex-jogador. Viveu o futebol. [...] Joubert, [...], me fez treinar pra c... de finalização, fazer gol de pé direito, pé esquerdo, dar um toque só, cabeceio e era no sol, na chuva no vento. Com ele não tinha negócio de estar chovendo. Vai, vamos parar de treinar? Vamos treinar no ginásio? P... nenhuma, vai para o campo. Jogava a bola para você mergulhar na chuva, na lama, e ele, ele realmente, a formação dele. Você vê que está aí o Cantareli, está o Vanderlei, está o Jaime, está eu [...] Realmente foi muito importante, claro! Foi zagueiro do Flamengo... Foi lateral direito do Flamengo, zagueiro.

Apesar de parecer que Zico passou somente por bons momentos nas categorias de base do Flamengo, houveram situações que exigiram dele uma superação, até mesmo com o próprio Joubert.

[Joubert] Não gostava muito de mim no início não. [...] Incrível né?... tinha uma briga com o Zé Nogueira, que foi o Célio de Souza primeiro com o Zé Nogueira da escolinha... quando eu cheguei no Flamengo. Só que o Célio de Souza tinha uma ligação... com o Vasco. Foi para o Vasco e quase me levou. Aí ficou o Zé Nogueira e... tinha uma birra com o Joubert. Então o Joubert não me lançava, ele preferia pegar alguém de fora do que botar um garoto que vinha do Zé Nogueira. Então os garotos da escolinha não tinham muita

oportunidade. Aí eu tive que num, de escolinha, fui o artilheiro, bati o recorde do Dionízio e tal, e aí, quando foi puxar, ele me pegou.

Além disso, aos 15 anos, mesmo tendo seu talento reconhecido, causava a desconfiança de muitos pela sua baixa estatura. Com isso, Zico foi submetido a uma preparação específica para ganhar peso e massa muscular.

[...] O que aconteceu foi o seguinte: por causa do Edu, meu irmão, que era muito baixinho e sofreu para c... e, jogava demais. Só que, infelizmente, ele jogava no América. [...]. Então, quando eu cheguei no Flamengo, você e mais cinco irmãos, o Tonico tem 1,90m, o Antunes era forte para c.... Só que todo mundo achava [...], era franzino. Ah vai ser igual ao Edu. [...]. Aí fizeram um programa para mim. Eu peguei a academia que estava o Francalacci {refere-se a José Roberto Francalacci, responsável pelo programa de condicionamento físico de Zico}, fui no hospital, tirei radiografia de todas as articulações do corpo para saber se eu podia desenvolver, se tinha espaço. Passei a manhã inteira no hospital. Aí, deu! Aí começaram, programaram, fizeram um estudo, um programa de superalimentação, conversaram com meus pais... e treinamento. Então eu saía de manhã para treinar na Gávea, voltava, estudava na central, voltava de noite para o Leblon, ia para academia, fazer academia, eu ia para casa. Foram dois períodos de seis meses isso, na faixa de... A gente na época, com 15 anos, não tinha muita competição entendeu, não tinha os campeonatos que têm hoje de infantil... do ano inteiro. Então eu... só treinava, só tinha jogo amistoso, viagem, domingo, treinava a semana inteira. [...]. {Interrupção do entrevistador: tinha mais alguém que passava por esse processo ou era só você?} Não, só eu, só eu. [...]. Aí fiz, acelerou meu, minha massa muscular, ganhei massa muscular quando veio o campeonato. Vamos embora ganhar [...]. Lógico que, que valeu a pena [...].

Diante de uma estrutura rígida, Zico não identificou prejuízos em decorrência da rotina, pelo contrário, reconhece que a intervenção somente o ajudou. No seu entendimento não perdeu nada, nenhuma característica que tinha antes da prática sistematizada se perdeu nas categorias de base.

Só melhorou! Sempre me deixaram... livre para criar, nunca me impuseram nada. Faz isso, marca aquilo, sei o que lá. Sempre me aperfeiçoaram para eu produzir. {Complementação do

entrevistador: o que você tinha de deficiência... que eles corrigiram?} Ah, treinamento, chute com a perna esquerda, com a bola rolando. Com a bola parada não precisava. Com a bola rolando [...] rapidez de raciocínio dentro da área, é saber driblar nos locais que... têm perigo, que não têm perigo. Não adianta driblar no meio e levar uma porrada e não resolver nada. Driblava dentro da área, perto da área. [...] Entendeu? Mas era tal negócio, eu no meio campo só driblava por necessidade, entendeu? Quando era necessidade. Quando não tem outra coisa você dribla [...]. Você parte para cima e depois, com um tempo que eu me especializei nas faltas quando eu dominava, o cara, quando eu estava com a bola, já ficava com medo... Fazia falta. Eu me utilizava disso... se você faz falta ali, era gol também, aí era fácil [risada]. Então eu procurava me utilizar disso e o cara ficava, às vezes, com medo e deixava você. [...]. Esses ensinamentos que... recebe que são importantes.

3.3 Experiências profissionais

Identificado como um talento diferenciado, Zico, apesar de assinar seu primeiro contrato aos 20 anos, havia estreado no profissional aos 18 anos, pelo o que vinha fazendo dentro de campo, aproveitando todas as oportunidades.

Com contrato, com 20. Mas joguei no profissional em 71 e 72, com 18, 18 anos eu estreei. Acabou o campeonato de juvenil em 71. Foi meu primeiro campeonato de juvenil, eu fui artilheiro do campeonato. Aí quando acabou o campeonato, [...] a gente foi o terceiro. Terceiro ou segundo, e eu fui o artilheiro do campeonato. Aí o Solich {refere-se a Fleitas Solich}, [...] Aí eu joguei o campeonato nacional como centroavante do profissional com 18 anos, é centroavante, “9” mesmo lá.

Diferentemente das categorias de base, onde sempre jogou de meia-esquerda, no início de sua experiência profissional, Zico atuou em todas as posições do meio para frente, destacando-se sempre, ampliando as possibilidades e os desafios que surgiam a todo o momento.

[...] eu joguei em todas do meio para frente... Joguei na escolinha e juvenil sempre de meia esquerda, minha verdadeira posição.

Quando eu subi... de centroavante, "9". Aí depois com o Zagalo, tinha um ataque assim, Rogério, Afonsinho no meio, Dario, Doval, Paulo César Caju. Machucava o Rogério, eu entrava na direita, machucava o Paulo César, eu entrava na esquerda. Machucava, eu era o coringa, jogava em todas. Então com o Zagalo joguei de ponta direita, joguei de "7", joguei de "8" no meio campo, joguei de "11". Então eu era o primeiro substituto né, eu então. {Interrupção do entrevistador: quem saiu em definitivo quando você entrou?} Doval... que era o 10. {Complementação do entrevistador: você não saiu mais?} Aí não, eu joguei em 73 os últimos jogos do campeonato nacional. O Flamengo estava sem ganhar um tempão... e saiu fora da disputa e faltavam cinco jogos. Aí me colocou. Nós ganhamos cinco jogos, dois foi de 1 a 0 com gol meu. E eu fiz gol nos cinco jogos. A gente ganhou do Botafogo, do América, do Olaria, acho que dois times de fora, eu fiz gol, acho que no Atlético Mineiro. Eu fiz gol nos cinco jogos. Aí terminou o ano. Aí o Zagalo foi para a Seleção, 74, Seleção brasileira que ia disputar a Copa do Mundo. Aí veio o primeiro treino e o Joubert... assumiu no lugar dele... Eu vinha, [...] campeão, título com o Joubert, artilheiro [...]. Aí veio o primeiro coletivo. O Joubert me colocou no time reserva, [...] eu queria matar ele. Ele botou esse ataque... Rogério, Afonsinho, Dario, Doval e Paulo César e eu treinei na reserva. Aí eu acabei com o treino, fiz o diabo, e tinha um jogo na terça-feira, isso foi no sábado. Aí quando chegou na segunda, no outro coletivo, o jogo era na quarta, não tinha que alojar. Na quarta o Joubert chamou eu, o Doval e o Dario, que era os três né. Falou, olha, a partir de hoje o Zico é meu titular vocês dois vão disputar a posição. Aí o Doval foi para frente. Aí jogou o Dario, eu e o Dario, 3 a 1 e eu fiz dois gols. Aí fomos jogar em Minas, 4 a 0, fiz dois gols. Fui jogar em Indaiatuba, sete, eu fiz três gols. Aí eu fui jogar no Ceará, sete, eu fiz mais 3 gols. Eu fiz, eu sei que eu fiz 10 gols assim, quatro, cinco jogos. Aí nunca mais saí do time... Isso com o Joubert... Agora se fosse o Zagalo [...] Eu ficava [fora] uma porrada de tempo... Como o Joubert me conhecia né, viu tudo o que eu fazia, o Joubert... ele via o moleque... tem que bota ele, e eu correspondia... Também tem isso, se ele bota e você não faz nada...

Quando começou a jogar pelo profissional, aos 18 anos vivenciou uma situação que quase o fez desistir da carreira. Convocado para a Seleção Pré-Olímpica foi campeão na Colômbia com seu gol no jogo da final com a Argentina. Mesmo com boa participação, não participou das Olimpíadas de Munique de 1972.

[...] Veio a seleção olímpica, aí eu fui convocado [...] disputar o pré-olímpico na Colômbia em dezembro. Aí fomos campeões e eu fiz o gol da vitória contra a Argentina de 1 a 0 e nós... classificamos para... a Olimpíada. Aí veio 72. Aí quando chegou 72 mudou tudo, saiu o Solich e entrou Zagalo. Aí o Zagalo achou que eu era muito novo. Foi lançado prematuramente. Me mandou, mandou eu de volta, mas se você quiser ficar aí tudo bem. Aí eu passei um mês, eu ia no Flamengo mudava de roupa, sentava, de short, sentava lá e nem treinar eu treinava, só ia lá no clube cumprir a minha. Porque se eu, para eu sair, eu tinha que ficar dois anos de estágio para ir para outro lugar. Aí eu fico. Aí, aí o Antoninho {refere-se à Antônio Fernandes}, que era o técnico da seleção olímpica foi no Flamengo conversar comigo. Ele falou, você tem que voltar a jogar no juvenil de novo, porque eu não posso te convocar se o você não está nem treinando. Você tem que voltar a treinar, como você vai para a Olimpíada. Aí eu voltei para o juvenil. Aí fomos campeões, eu fui artilheiro de novo. [...] e não me convocou, não me convocou para seleção. Quase parei de jogar por causa disso. Saí do Flamengo, fui embora para casa, não jogo mais. Aí o meu irmão Edu, não, não faz isso, o Flamengo não tem nada a ver com a história, esse foi um erro do treinador, aconteceu comigo. Aí, eu fiquei 10 dias sem aparecer no clube. Aí voltei lá, aí já voltei... para o... juvenil. Aí fui requisitado de vez em quando. Era chamado para jogar em 72, jogava, voltava. Aí em 73 já fui de vez para o profissional. {Confirmação do entrevistador: com 20 anos?} Com 20 anos. Aí fiz o primeiro contrato em maio, completei 20 anos, fiz o primeiro contrato do profissional. Aí eu fui embora.

3.4 Recapitulando o processo

Observa-se que Zico se desenvolveu em um ambiente propício influenciado por fatores evidenciados em sua formação. A estrutura familiar, configurada por uma condição financeira aparentemente confortável e pela proteção dos pais e presença constante dos irmãos, pode ser interpretada como um dos principais fatores para que sua infância se tornasse significativa.

Todas as vezes em que se referiu à família, Zico, de maneira sempre positiva, externou um respeito muito grande por todos. Além da ampliação e aprimoramento das experiências que emergiram a partir da relação segura com os familiares, os irmãos de Zico serviram como referências enquanto futebolistas primeiro no futebol de rua, seguindo para as peladas no futebol de várzea e nas

categorias de base, formalizando uma relação que o influenciou e que foi influenciada por ele, proporcionando uma base sólida em sua trajetória.

As experiências relatadas por Zico relacionadas ao futebol de rua são consideráveis. Todo o cenário descrito sobre suas práticas bricoladas condiz com a interpretação de Freire (2003) para quem o futebol no Brasil, em relação às primeiras práticas, se configurou como uma grande brincadeira, estabelecendo-se, tal como destacou Scaglia (1999), como uma das principais práticas sociais do brasileiro. Para esses autores, esse quadro se desenhou a partir do modelo de prática livre nos espaços estabelecidos em nosso país.

Considerando que Damo (2005) entende, como uma das características marcantes da vertente bricolada, que o futebol de rua se desenvolve “à deriva”, ou melhor, longe da instituição e disciplinamento escolares, sem controle e coerção institucionais, as experiências futebolísticas de Zico na infância, também por não incluírem a prática do futebol nas escolas em que estudou, foram orientadas basicamente pela pedagogia da rua a qual se refere Freire (2003), a mesma que “ensinou um país inteiro a jogar futebol melhor que ninguém” (p. 2).

Aliado ao futebol bricolado nota-se também toda uma organização para que “permanecessem” próximos ao futebol mesmo quando não era possível correrem atrás da bola, ilustrada pela adaptação de brincadeiras e jogos relatados por Zico. Ao interpretar tal maneira de interação, Damo (2005) considera que o grande desejo do praticante, quem quer que seja, em dar sentido ao futebol e permanecer próximo a ele, justifica e favorece a criação de várias maneiras de jogá-lo nos mais variados espaços, contribuindo para o enriquecimento do repertório de ações e de tomadas de decisão relacionadas.

Reconhecido por Rodrigues (2003) como espaço onde prevalece a liberdade de criação e o improviso por parte dos praticantes, o futebol no formato comunitário, simbolizado aqui pela participação de Zico em peladas e em equipes e torneios do então futebol de salão, atende às características e aos benefícios do futebol como uma prática alegre que representa o estilo brasileiro de jogar.

Para Damo (2005), a riqueza desse futebol está exatamente na possibilidade de acessar uma multiplicidade de experiências nos mais variados locais e na presença dos mais variados futebolistas. Sem dúvida alguma, tal prática contribuiu, tal como também destacaram Rigo, Jahnecka e Silva (2010), para formação de muitos dos nossos principais futebolistas.

Não se questiona que a qualidade e a quantidade de horas destinadas a determinadas práticas são extremamente importantes no direcionamento do processo. Elias (1995), ao especificar a trajetória de vida de Mozart, mostra-nos uma perspectiva de análise que pode nos ajudar.

Tomando como referência as configurações que cercaram a formação do artística, Elias (1995) não deixa dúvidas de que a presença de referências certas e de determinadas experiências na infância são essenciais. Mozart então vivenciou, desde muito cedo, momentos riquíssimos sob orientação do pai, permitindo-lhe desafios que o levaram a consolidar uma maneira ímpar de se relacionar com a música, garantindo-lhe conhecimentos específicos.

Em Mozart também percebe-se a influência da irmã para seu desenvolvimento. Para Elias, é possível que a motivação de Mozart em aprender e experimentar sempre, estava em uma suposta disputa com a irmã pela atenção do pai, fazendo com que se empenhasse cada vez mais. De maneira contrária, o depoimento de Zico, em nenhum momento, faz referência a qualquer tipo de

“disputa” com os irmãos. O que pudemos perceber foi uma grande interação e convivência entre eles.

Apesar de um terreno fértil, as experiências advindas dos futebolis bricolado e comunitário, mesmo no período de formação de Zico, poderiam ser mostrar insuficientes considerando-se, segundo Damo (2003), o hiato entre as exigências bricoladas e comunitárias e a exigência espetacularizada.

Nesta linha de raciocínio, as *peladas* – [...] denominadas de *futebol de bricolagem* – são configurações, não apenas porque têm uma dimensão empírica, mas porque o peladeiro do Parque Ramiro Souto pode jogar nas peladas do Parque Marinha do Brasil – ambos em Porto Alegre – e também nas peladas do Complexe Sportif Val d’Arc – em Aix-en-Provence -, tal qual um nobre ou cortesão poderia circular entre as cortes européias dos séculos XVII e XVIII, na medida em que dominasse os códigos, as regras de etiqueta, enfim, o *habitus*. Mas como um plebeu excluído da corte, um peladeiro encontrará resistência para jogar no Flamengo, por exemplo. Ocorre que o Flamengo não está para as peladas como uma corte está para outra, mas como uma corte, qualquer que seja, está para o plebeu em geral. Logo, o Flamengo e as peladas do Parque Ramiro Souto pertencem a configurações distintas, embora conexas. O peladeiro do Parque Ramiro Souto não é simplesmente alguém que escolheu uma prática corporal para ocupar seu tempo de lazer, senão que sua escolha recaiu sobre uma prática esportiva e, particularmente, sobre o futebol – o caminho inverso também é possível de ser pensado e seria mais coerente com a lógica do *concreto*. Todavia, seu interesse pelo futebol pode levá-lo a um estádio, mas na condição de torcedor, o que implica que a transição de uma configuração a outra pode demandar a mudança do papel – de jogador para torcedor – e, por extensão, dos constrangimentos, das redes de relações e dos significados da ação. (DAMO, 2003, p. 134-135).

Damo (2005) considera que as características que compõem as práticas comunitárias, pela significância no processo, podem ser facilmente visualizadas mesmo no contexto do espetáculo.

Focadas nos futebolistas que respondem a essa realidade, as instituições esportivas concentram, de acordo com Garganta (2009), esforços na

identificação de talentos com rendimento esportivo superior à média dos futebolistas com a mesma idade e na identificação daqueles que reúnem o potencial de se sobressair e evoluir sob as condições exigidas, mesmo que não demonstrem no momento da identificação.

Coincidindo com a fase de preparação ou formação contida na segunda etapa do ciclo de espiral longa, e com a fase de formação do ciclo de espiral curta especificadas por Damo (2005), nesse contexto, Zico se depara com atividades que até então não conhecia e que, a partir daquele momento, passaria a fazer parte de sua rotina. Segundo o autor, as atividades objetivam preparar, a partir da aquisição e aprimoramento de técnicas específicas, futebolistas para que atendam às particularidades de um público específico e exigente.

Mesmo inserido em um contexto formal, Zico não abandonou o caráter bricolado das peladas e, por um tempo, dividiu sua atenção entre o futebol livre da rua e futebol das categorias de base. Com isso, conseguiu preservar a alegria e a liberdade características da infância.

Inviável hoje, tal comportamento não se mantém para Zico no sistema nos centros formativos. A “castração” a que são submetidos os futebolistas é assegurada pela quantidade de horas inseridos no processo, sob, como afirmaram Souza *et al.* (2008) e Rodrigues (2003), um forte caráter disciplinador.

Com a carga horária de 5.000 horas em dez anos aproximados (DAMO, 2005), o processo configurado como de longo prazo (BÖHME, 2000) se estabelece sob fortes e exaustivas orientações (DAMO, 2005). Considerando que o processo de formação é estruturado seguindo as fases apresentadas por Paoli (2007), Zico consegue responder de maneira satisfatória a todas situações impostas desde a oportunidade, detecção, seleção, promoção e exposição.

Aprovado no “processo seletivo”, Zico se depara com a última fase, a da comercialização. Respeitando o modelo de formação ideal endógeno, no qual, segundo Damo (2005), concentra-se na formação em centros próprios visando suprir a própria demanda do clube, esta última fase se concretizou com sua profissionalização dentro do Clube de Regatas do Flamengo.

Diante de um novo quadro, Zico reconhece que sua formação não se encerrou ao final das categorias de base, ela se estendeu à prática profissional.

Ah, você continua. Eu acho que é preciso, não tem jeito. Você está sempre se formando, sempre melhorando em alguma coisa, e passando né? E transmitindo, eu acho que isso é importante também. {Complementação do entrevistador: aquele trabalho específico que tinha na categoria de base... continuou como profissional ou ele encerrou?} Continuou, continuou, continuou, mais específico até aprimorar. Aí já é mais aprimorar né? [...] cobrança de falta, [...] finalização, questão de arrancadas, você melhorar, [...] você já passa a tentar a fazer as coisas que possam surpreender o adversário né. Entendeu? O cara não esperar aquilo que você vai fazer [...].

Não basta fazer parte de um ambiente propício como esse se o sujeito não se mostrar motivado e capaz de interagir de maneira positiva. Zico, diante de desafios frequentes, mostrou-se determinado a enfrentá-los. Para ilustrarmos a postura de Zico, recorremos à Maria José que a enfatiza já durante a infância principalmente na presença dos irmãos.

Pela diferença de idade, era o mais exigido e também muito rigoroso no que fazia [...]. e já se fazia notar o grande traço da personalidade de Zico que é a necessidade de auto-superação. Uma vontade de melhorar sempre suas marcas e ultrapassar fronteiras: uma certa aura de imortalidade. Só os gênios têm essa característica de não se contentar com conquistas e buscar sempre superar limites.

Elias (1995) também destaca tal postura em Mozart.

Claro, a oportunidade de aproveitar a riqueza de estímulos teria sido desperdiçada se a pessoa a eles exposta não tivesse a necessária receptividade. Mozart sem dúvida a tinha no mais alto grau. Sua familiaridade prematura e intensa com a música, a longa e rigorosa educação dada pelo pai, sua carreira estimulante mais laboriosa como prodígio, juntamente com a dura luta da família e busca de *status* e de sobrevivência financeira [...] – tudo isso orientou o seu desenvolvimento individual para uma direção muito específica. (ELIAS, 1995, p. 82).

Retornando a sua trajetória de maneira geral, Zico reconhece que cada conjunto de experiências facilitou para que chegasse a se tornar um futebolista. Por estarem estritamente relacionadas, as práticas em sua infância o ajudaram a se formar e a se mostrar enquanto um menino diferenciado.

Aí seria mais difícil né? {Complementação do entrevistador: Você seria o Zico ou não?} Poderia ter sido, mas eu acho, teria que... talvez, aparecer alguém que te desse oportunidade e que acreditasse mesmo naquilo. Porque é difícil... Porque... aonde... falava, aquele garoto [...], tem um loirinho lá que joga, irmão do Edu, do Antunes... Então, eu já, desde cedo, era o primeiro a ser escolhido na pelada, aquele que todo mundo queria, entendeu? Então... você sabe, [...] tu é bom, para acontecer isso, é bom. [...] É, quando eu fui jogar é diferente... jogar de chuteira... descalço... [...]. Então eu acho que seria meio difícil se não tivesse uma infância como essa, né? Seria... Isso foi... me dando paixão pelo futebol [...].

Os futebolis praticados das maneiras descritas e a forma com que as experiências foram tratadas por Zico dão indícios da riqueza e positividade inerentes não somente à matriz comunitária mas também à bricolada, confirmando o terreno fértil em que Zico desenvolveu seu futebol.

Então, isso [o jogo do cotoco] ajudava o quê? A desenvolver a parte sensorial, motora e tal, coordenação.

Eu acho que foi importante jogar os dois [futebol de campo e futebol de salão], foi importante. Agora de jogar só um, seguindo um e depois ir para o outro não dá certo não. Não vi ninguém que desse certo. Todos aqueles que jogaram paralelo os dois se deram bem. É, você pode ver, Ronaldinho, Ronaldo, Junior, Robinho, Felipe do Vasco. É, uma porrada de gente, Rivelino, pessoal que veio do futsal e que jogava futebol de salão e de campo.

Comuns atualmente, as escolinhas de futebol ocupam uma posição importante no processo de formação de futebolistas, principalmente pela diminuição dos espaços para a prática que, de certa forma, afastou, no ponto de vista de Scaglia (2003), crianças de práticas bricoladas nos espaços disponíveis.

Questionado sobre esses espaços, Zico considera que as escolas não têm a função principal de formar jogadores, mas sim suprir uma necessidade de espaço seguro para a prática do futebol. Nesse sentido, não considera que experiências nesse contexto tenham lhe feito falta.

Não, porque tinha espaço para jogar né? Você tinha espaço na rua para jogar. Então não precisava. {Complementação do entrevistador: na rua não tinha pai também né Zico? Na rua não tinha pai.} Não, não tinha, exatamente. É isso aí. [...] é, exatamente. Então, eu acho que hoje é preciso ter por causa disso né? Porque você não tem espaço, em subúrbio, perigo, carro, no meio da rua. A gente tinha lá em Quintino, tinha uma rua que a gente fechava em cima e fechava, fechava aqui, não passava carro. Então os cavaletes, os caras sabiam da pelada na rua também. Tinha que cortar mesmo, para poder a rua ficar fechada para gente e, coincidentemente, passava a fazer isso depois de um certo tempo. Aos domingos [...], na Zona Sul, fecham as ruas principais [...]. Elas são fechadas em um lugar para as pessoas caminharem e tal. Então, então, o que a gente podia fazer, jogar pelada, formar um time e fazer uma pelada na rua entendeu? [...].

Zico, apesar de não vivenciar atividades em escolinhas de futebol, acredita que as experiências devem provocar paixões pelo esporte.

É o que eu falo aqui nas escolas de futebol que é a nossa filosofia. Você tem que fazer, a primeira coisa, é fazer o garoto se apaixonar por jogar. Então na minha escola qualquer aula tem que ter jogo de futebol, você não tem negócio de ficar conduzindo bola, dando driblinho, vai ter que ter jogo. Coloca os moleques para jogarem. Depois de uma certa idade você começa a direcionar um pouco mais. As pessoas hoje estão acelerando essa coisa, [...], tu vai ver o futsal campeonato de fraldinha, um desespero, pai querendo quebrar, os caras [gesticula muito]. É salvação da família entendeu? Então isso atrapalha muito né. Eu costumo dizer que filho bom é filho órfão, jogador bom é jogador órfão [risada] [...]. Eu tive um caso maravilhoso quando abri isso. Tinha um Sr., esse campo aqui [aponta o campo] não era sintético era campo gramado, os dois eram gramados quando inaugurei aqui. Então, pô, na hora do jogo, o pai ficava aqui nessa arquibancada, aí o garoto jogou aqui. Então o pai ficava correndo desse lado, para lá e para cá [...], lateral direito. Aí no intervalo mudou, o garoto foi lá para o outro lado, ele mandou o professor trocar o filho de lateral esquerdo para ele ficar falando com o garoto. Ah eu fui lá nele pô [...]. Por favor vem cá, vamos ali no bar tomar uma água e tal, conversar com ele. Pô, ele ficava correndo assim, vamos filho vamos lá, ele ia e voltava, ia e voltava. O garoto [...] não sabia nem o que fazer no campo. [...] Atrapalha demais, em uma aula, o garoto tinha 10 anos e tal. Quem começou aqui comigo, o Adrian jogou aqui quando tinha 9, 10 anos. O filho do Mazinho que está no Barcelona, os dois, o Thiago, o Thiago pô, você botava a bola aqui, ele pegava a bola e levava até lá. Eu tinha que colocar ele de 8 anos na categoria de 10, senão não tinha graça [...]. Não tinha graça, [...] o moleque era bom [...]. Ficou aqui um bom tempo com a gente.

Relacionadas às experiências nas categorias de base, Zico

considera que foram essenciais para seu processo, estando relacionadas à qualidade e ao envolvimento nas vivências.

Eu acho difícil né? Eu acho difícil porque. {Interrupção do entrevistador: você aprendeu muita coisa?}. Eu aprendi muita coisa e firmei um nome na base que me deu condições de eu subir com autoridade, com autonomia né? Pelos feitos que eu fiz [...] Tu é, tu chegar, não fazer uma base sem nada é uma coisa, fazer base com dois anos de artilheiro, campeonato nas costas, campeonato na escolinha, campeonato aqui, recordes de gols numa temporada. Pô, é, sabe? Você não está subindo para um Flamengo à toa... Entendeu? Então isso era, foi fundamental.

Mais do que experiências positivas, são imprescindíveis na perspectiva de Zico, a presença e atuação de treinadores como facilitadores.

Eles são imprescindíveis, são imprescindíveis. Eu acho que. {Complementação do entrevistador: no seu processo de formação?} É. {Confirmação do entrevistador: o Joubert?} É, foram importantíssimos, né? Importantíssimos. Não! Teve Seu Bria, teve Walter Miraglia, teve o próprio Célio de Souza. A forma paternalista, a forma carinhosa como falavam... e como te orientavam. Então, isso é muito importante. Hoje, o que eu vejo é que o treinador hoje não se preocupa com o garoto, o que está fazendo, o que não está. Ele quer saber se o garoto chega, treina e, e produz e acabou, pô. Não produz e ele bota outro, entendeu?

Constrangimentos dessa natureza também são previstos por Damo (2005). Para o autor, não basta apenas ao futebolista apresentar condições técnicas e táticas para desenvolvimento do futebol. Há limites variados a serem percebidos e ultrapassados pelo candidato – “é preciso resistir, constituir alianças dentro do grupo, cercar-se de amigos influentes, desenvolver mecanismos de autocontrole, disciplina e assim por diante” (p. 51).

Principalmente com a diminuição dos espaços de prática livre e pela regulamentação e ampliação dos centros especializados de formação de futebolistas, representados aqui pelas categorias de base dos clubes de futebol, uma outra configuração se estabeleceu. Configuração essa que, mais uma vez, coloca em xeque a aceitação do dom como fator determinante ao processo.

Por muito tempo, os futebolistas se ligavam de maneira mais natural, permitindo aos “peladeiros” e “varzeanos” atenderem necessidades do futebol espetáculo. Tal correspondência encontrou respaldo na figura do futebolista com dom, com talento, o que pode ser comprovado no próprio depoimento de Zico.

Vem, acredito, vem nele, vem contigo {vem?} vem contigo. Ninguém aprende a jogar futebol não, ninguém nasce. {É?} é, não. Isso aqui já vem contigo. Você aprimora e desperdiça [...] ou você desperdiça ou você usufrui. [...] mas é o dom eu acho que precisaria aproveitar {Complementação do entrevistador: tem?} Tem, tem, tem. {Complementação do entrevistador: tem criança que você olha, fala assim, esse vai e esse não?} É, se ele seguir o caminho entendeu? Então tem aquele cara que você sabe que por mais que seja determinado e tal, ele não vai passar daquilo, ele não vai uma coisa que te surpreenda ele vai fazer bem aquele fundamento. Vários jogadores que são perfeitos fundamentos, mas não são criativos. Né? Sabe? Você já sabe que ele vai fazer mas faz bem, entendeu? O cara que chuta bem, cabeceia bem, é... passa bem, mas não te surpreende. Ele não te faz uma coisa, não tem aquela visão espacial que outros têm, entendeu? Que outros nascem com aquilo, e até desenvolvem, você pode até desenvolver isso [...].

Para comprovar o discurso, reproduzimos novamente duas passagens em Rodrigues (2003) que podem nos ajudar a ilustrar o contexto.

Os especialistas do futebol asseguram que o dom é fundamental para seguir a carreira de jogador de futebol profissional, pois se trata de certos atributos naturais que poucos indivíduos possuem. Os jogadores querem expressar as propriedades do talento por meio do dom natural, cuja causa ninguém pode explicar. Deus é que dá o dom aos grandes craques. O dom é visto como algo místico. (p. 72).

Na verdade, o que se pode afirmar com certeza é que o talento é um dom inato, que nasce com o jogador, 'ou se tem ou não se tem', podendo, portanto, ser aperfeiçoado, mas nunca ensinado. (ARAÚJO, 1980 *apud* RODRIGUES, 2003, p. 72).

Embora tenhamos acessado discursos que invalidam a ideia do dom como determinante no processo de formação de futebolistas, como em Damo (2005), Rodrigues (2003) e a proposta de configuração de Elias (2008), nota-se facilmente sua presença em vários cenários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração que há caminhos diversos de conversão de indivíduos em futebolistas profissionais, reconhecemos que a formação apresenta configurações determinadas por redes de interdependência que se estabelecem ao longo do processo. A análise dessas redes e o esboço de tais configurações permitem-nos compreender como o futebolista “emerge”, “nasce”, “surge” em decorrência das relações entre os envolvidos na trama.

Com a proposta de investigarmos o processo de formação do futebolista Arthur Antunes Coimbra, acessamos suas experiências e perspectivas em busca de indícios que nos ajudaram a recompor algumas das relações estabelecidas que foram determinantes para sua formação.

As relações de interesses estipuladas já ao nascimento indicam um ambiente totalmente propício ao engajamento de Zico aos “melindres” dos futebóis, correspondendo muito bem às exigências das matrizes futebolísticas, confirmando que as experiências com o futebol no Brasil estão cercadas de significados culturais e, por isso, são sérias.

A complexidade do processo leva-nos a acreditar que o êxito de Zico, além do mérito pessoal, recebeu fortes influências contextuais – família, pares, experiências, instituições, intervenção profissional, metodologias de ensino e treinamento, sistema competitivo e premiação, entre outros que compuseram os ambientes informal e formal. Por essa razão, não há dúvidas de que as configurações que garantiram o envolvimento de Zico com os futebóis e suas variações favoreceram uma gama de experiências nos mais diversos espaços,

permitindo um repertório de possibilidades amplo e rico. Conforme foi crescendo, as relações se aprimoraram.

Ao olharmos para o “todo”, considerando que as configurações, nos moldes propostos por Elias (2008), se confirmam por meio de relações de interdependências orientadas por padrões mutáveis de disputas e constrangimentos com equilíbrio flutuante entre pessoas e instituições, Zico, independentemente da etapa em que se encontrou, conseguiu se posicionar de maneira positiva em relação às tensões a que fora submetido ou que tenha criado.

Retornando a Damo (2003), a adoção das configurações como orientações metodológicas do processo de formação, constituídas empiricamente por determinados “sujeitos concretos situados no espaço e no tempo” (p. 134), facilita a compreensão de que “a ação dos indivíduos no grupo, as estratégias particulares e mesmo as brechas que tornam possíveis as expressões idiossincráticas” (p. 135) permitem que o sujeito seja identificado com características específicas – “um apelido, como tendo um estilo de jogo, um temperamento próprio, etc.” (p. 135). Sendo assim, tais implicações configuracionais que o cercaram, permitiu a Zico compreender-se como “produto” dessas relações de poder as quais esteve intimamente envolvido, bem como sujeito, indivíduo, do próprio processo.

Não temos dúvidas de que a formação de Zico apresentou uma configuração que permitiu a emergência de um dos principais “Camisas 10” do nosso país. No entanto, na estrutura formalizada era comum que o candidato se apresentasse nos centros especializados de formação com um repertório futebolístico muito bom. Por muito tempo essa característica prevaleceu no

processo, porém, a cada ano as particularidades do caminho se alteram e se afunilam cada vez mais.

A partir das estruturas apresentadas por Damo (2005), nota-se parte da complexidade no que se refere ao processo de formação de futebolistas que ainda leva em consideração as matrizes bricolada, comunitária, escolar e espetacularizada, além dos ciclos das espirais longa e curta orientados pelos modelos endógeno, exógeno e híbrido de formação.

Essa estrutura atual exige uma intervenção específica que atenda às particularidades do novo candidato que cada vez mais cedo vivencia ambientes sistematizados de ensino, submetidos a metodologias e didáticas disciplinadoras e, de certa forma, coercivas. Tais estruturas estão mais complexas, envolvendo um número cada vez maior de pessoas e profissionais relacionados com o processo que tornou-se mais extenso, exaustivo, dispendioso e concorrido.

Considerando que o futebol de hoje é diferente do futebol de algumas décadas, e que a importância cultural se mantém tão forte no Brasil, estamos certos de que os centros de formação, para responderem de maneira positiva às exigências atuais e futuras do futebol, precisarão se reorganizar e repensar as metodologias e instrumentos utilizados na identificação e desenvolvimento do futuro futebolista profissional, sem deixar de considerar as relações que se mantêm até os dias atuais, as que se modificaram e as que se perderam a partir do processo de formação compactuado por Zico.

Mesmo com a importância dos centros de formação profissional, parece incoerente desconsiderar, durante o processo de formação do futebolista brasileiro, a alegria e espontaneidade inerentes das matrizes futebolísticas. Assim,

sem dúvida alguma, as experiências de Zico colaboraram para que conseguisse corresponder às exigências formais impostas, tais como especificadas a seguir.

O trabalho de ensino e aprendizagem das técnicas futebolísticas no interior dos clubes dificilmente inicia na escala 'zero'. Trata-se de um processo que investe sobre o corpo de **iniciados** e, portanto, implica na negociação de certas maneiras de usar o corpo decorrentes da socialização fora do espaço formal. A formação profissional é um fato social total – envolve uma dimensão biológica, psíquica e social (Mauss, 1974b) – altamente coercitivo e pedagogicamente orientado. Revela em última instância, um modelo de pessoa que o segmento profissional do futebol, permeado por relações de poder e pressionado pelo mercado competitivo, privilegia (DAMO, 2002c). (RODRIGUES, 2003, p. 75). (Grifo nosso).

Por isso insistiremos em buscar compreender as razões pelas quais certas configurações formam futebolistas com determinadas características e outras não. Para expor a complexidade e fragilidade em assumirmos um posicionamento definitivo a respeito das razões que explicam o sucesso futebolístico alcançado por Zico, torna-se necessário o foco na formação de seus irmãos Antunes, Nando e Edu, todos envolvidos com o futebol.

A partir de uma simples pesquisa na internet, não teremos dificuldade em encontrar depoimentos que indiquem que os irmãos, tanto nas práticas assistemáticas quanto nas sistemáticas, apresentavam um desempenho destacado enquanto futebolistas. Uma análise superficial permite-nos assumir que os quatro mantiveram uma interação que, de certa forma, conduziram a experiências comuns e peculiares com o futebol. Essas incluem as oportunidades que surgiram a partir da criação do Juventude e de outros times pela família Coimbra que “excursionavam” por alguns bairros cariocas durante a infância e

adolescência, permitindo que, naturalmente, confirmassem uma posição de destaque onde quer que jogassem.

Pelo exposto, teríamos condições de reconhecer que as configurações iniciais que influenciaram as primeiras experiências de Zico e dos irmãos estiveram sempre muito próximas, com exceção à aproximação ao Flamengo e ao fato dos irmãos de Zico concluírem o ensino superior.

Infelizmente, por uma limitação metodológica, não acessamos as perspectivas dos irmãos em relação à formação futebolística e universitária de cada um, o que com certeza facilitaria a identificação de características que os diferenciaram, principalmente em relação às conquistas, aos reconhecimentos individuais e aos diferentes caminhos que seguiram a partir da adesão ao futebol profissional, bem como não investigamos a proposta de formação na perspectiva do Flamengo a qual Zico foi submetido.

Pelo ponto de vista das oportunidades, o fato de ter iniciado nas categorias de base e se profissionalizado pelo clube do coração pode ter sido determinante. No sentido de ilustrarmos, segue uma passagem em que Zico esteve próximo de atuar como futebolista no Club de Regatas do Vasco da Gama. Como estudava longe da Gávea, precisava, após os treinos, que o Flamengo lhe servisse o almoço. Com a recusa do clube e transferência de seu treinador para o Vasco, que queria levá-lo, quase foi para a nova equipe. Um acerto entre um diretor do clube, Sr. George Helal, e seu pai impediu a transferência³⁸. Caso a transferência tivesse se concretizada ou Edu tivesse vivenciado a rotina de treino e de jogos no Flamengo ao invés de Zico, como teriam sido as trajetórias de cada um?

³⁸ Vídeo do Esporte Interativo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4_3X3v3uVLs.

O que percebemos em Zico, de maneira geral, foi o predomínio de uma positividade muito grande facilitada pelas experiências e oportunidades sustentadas por uma relação familiar positiva – a família percebia Zico como o caçula e Zico a reconhecia como uma referência a ser seguida e respeitada. Com as experiências certas, cercado das pessoas certas, nos momentos certos e com comportamento e postura certas Zico teve todas as condições para se tornar Zico.

Pelo atual contexto, acreditamos que as configurações que permeiam o processo de formação nos levam a adotar uma postura, mesmo que cautelosa, em relação à possibilidade de surgimento de futebolistas com a mesma expressão de Zico e de maneira mais frequente. Se é verdade que tínhamos vários “Camisas 10”, por que não temos mais? Se tal tese se confirma qual foi o “ponto de virada” do futebol brasileiro que provocou mudanças na estrutura do processo de formação de futebolista?

Essas são algumas das perguntas que surgiram a partir da presente investigação e que podem sugerir que o processo pode estar comprometido de tal forma que coloca em risco a simbólica posição de destaque que o Brasil ocupa diante do cenário esportivo internacional, enquanto um dos principais formadores de futebolistas.

Para finalizarmos nos apoiaremos mais uma vez em Elias (1995).

Ninguém pode pretender hoje em dia responder à pergunta de como chegou a existir um talento tão extraordinário quanto o de Mozart. Mas é possível definir a questão de maneira mais clara, e indicar as direções em que se pode encontrar as respostas. Também neste aspecto, o caso individual tem significância paradigmática. Interessa a todos, de algum grau, a questão de como surge um talento criativo singular. (p. 67).

Como pode ser notado, essa proposta de investigação foi formalizada e desenvolvida sob fortes influências saudosistas, sustentada pelos “olhos” românticos da memória, e concluída da mesma forma, sob as mesmas influências, pois é impossível termos presenciado Zico e nos contentarmos com o que testemunhamos hoje. Após algumas décadas, Zico ainda nos transmite duas mensagens, uma positiva e uma negativa. A positiva é que tivemos a felicidade de ver um “10” em campo, a negativa é que, talvez, nunca mais veremos outro.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. A “revisão da bibliografia” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, L. M. N. (Org.). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. Florianópolis: UFSC: Cortez, 2002. p. 25-44.
- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; DI BLASI, Felipe; SALVADOR, Marco Antônio Santoro Salvador. A “camisa 10” do futebol como símbolo na manutenção da identidade nacional – o discurso da mídia. *Esporte e Sociedade*, ano 2, n. 6, p. 1-15, 2007.
- ADAUTO, Flávio. *O futebol da cidade não morreu. Só mudou de lugar*. Painei: Várzea, Futebol e Lazer de 05/10/1999. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. História, Futebol, o Espetáculo do Século. Disponível em <www.simmm.com.br/memorias/varzea.asp>, acessado em 03/08/2014, 1999.
- AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. Apresentação. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. *Usos e abusos da história oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001, p. vii-xxv.
- AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.
- AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BELLOS, Alex. *Futebol: o Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- BÖHME, Maria Tereza Silveira. O treinamento a longo prazo e o processo de detecção, seleção e promoção de talentos esportivos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, n. 21, v. 2/3, p. 4-10, 2000.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, v. 2, n. 1 (3), p. 68-80, 2005.
- BRASIL. *Lei nº 8.672 de 6 de julho de 1993*. Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências. Diário Oficial da União 7 de julho de 1993.
- BRASIL. *Lei nº 9.615 de 24 de março de 1998*. Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências. Diário Oficial da União 25 de março de 1998.
- CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. *Revista USP* (Dossiê Futebol), nº. 22, p. 41-49, 1994.

CAMPOS, Dinael Corrêa de. A análise de conteúdo na pesquisa qualitativa. In. BAPTISTA, M. N.; CAMPOS, D. C. de. *Metodologias de pesquisa em ciências – análises quantitativa e qualitativa*. Rio de Janeiro: LTC, 2007, p. 265-288.

COUTINHO, Renato Soares. Futebol e identidade nacional: o Clube de Regatas do Flamengo e o projeto de construção de uma nação. Congresso Internacional de História, 4, *Anais...* Maringá, 2009, p. 1855-1863.

COUTINHO, Renato Soares. *Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e o imaginário político nacionalista popular (1933-1955)*. Universidade Federal Fluminense, Niterói, Tese, 2013.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista da USP* (Dossiê Futebol), nº. 22, p. 10-17, 1994.

DAMO, Arlei Sander. *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Gremio de Football Portoalegrense e seus torcedores*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

DAMO, Arlei Sander. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. *Revista Movimento*, v. 9, n. 2, p. 129-156, 2003.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão*. Uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DRUMOND, Maurício. Futebol e política, nações em jogo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro. v.169, n. 439, p. 37-57, 2008.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994a.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador – uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., Vol. 1, 1994b.

ELIAS, Norbert. *Mozart, sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1995.

ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2008.

FERNANDES, Maria Esther. História de vida: dos desafios de sua utilização. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 15-31, 2010.

FREIRE, João Batista. *Pedagogia do futebol*. Campinas: Autores Associados, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48a. Edição Rev. São Paulo: Global, 2003.

GARGANTA, Júlio. Identificação, selecção e promoção de talentos nos jogos desportivos: factos, mitos e equívocos. In: FERNANDEZ, J.; TORRES, G.; MONTERO, A. *Actas do II Congreso Internacional de Deportes de Equipo*. Editorial y Centro de Formación de Alto Rendimiento. Universidad de A Coruña [em CD-ROM], 2009.

GIGLIO, Sérgio Settani. Futebol-arte ou futebol-força? O estilo brasileiro em jogo. In: DAÓLIO, J. (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, p. 53-72, 2005.

GIGLIO, Sérgio Settani. *Futebol: mitos, ídolos e heróis*. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

GIGLIO, Sérgio Settani; MORATO, Márcio Pereira; STUCCHI, Sérgio; ALMEIDA, José Julio Gavião de. O dom de jogar bola. *Rev. Horizontes Antropológicos*, ano 14, n. 30, p. 67-84, 2008.

GIL, Gilson. O drama do futebol-arte: um debate sobre a seleção dos anos 70. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ano 9, n. 25, p. 100-109, 1994.

GODOY, Arlinda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2011. (E-book).

JESUS, Gilmar Mascarenhas. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. *Geographia*, Programa de pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, v. 4, n. 8, p. 84-92, 2002.

JESUS, Gilmar Mascarenhas; SILVA, Leidina Helena de Oliveira. Fé e futebol: indícios da contribuição marista na construção da pátria de chuteiras. In: Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. Memórias e descobrimentos: 500 anos de História da Educação Física, 7, 2000. *Anais e resumos...* Gramado – RS, p. 420-424, 2000.

KOWALSKI, Marizabel. *Por que Flamengo?* Tese. Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001.

MELO, Victor Andrade de. O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n.23, p. 41-60, 1999.

NAPOLEÃO, Antônio Carlos. História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941). In: SILVA, F. C. T.; SANTOS, R. P. (Orgs.). *Memória Social dos*

Esportes. Futebol e Política: A construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Ed. Mahuad, 2006.

NEVES, Marcos Eduardo. *20 jogos eternos do Flamengo.* Rio de Janeiro: Maquinária Editora, Coleção Memória do Torcedor, 2013.

NOGUEIRA, Claudio. *Futebol, Brasil, memória – de Oscar Cox a Leônidas da Silva.* Rio de Janeiro: SENAC Rio, 2006.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. *Revista Travessias*, v. 2, n. 3, p. 1-16, 2008.

PAOLI, Próspero Brum. *Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos.* Tese (Doutorado em Educação Física), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol o Rio de Janeiro (1902-1938).* Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Tese. Campinas, 1998.

PORTO Júnior, Gilson. Prefácio. In: PORTO Jr., G. *História do tempo presente* (Org.). Bauru: Edusc, 2007, p. 9-14.

PRONI, Marcelo Weissaupt. *A metamorfose do futebol.* Campinas: UNICAMP, 2000.

RIGO, Luiz Carlos; JAHNECKA, Luciano; SILVA, Inácio Crochemore da. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. *Revista Movimento*, v. 16, n. 3, p. 155-179, 2010.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002). 2003. 200f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SANTOS, Claudemir José dos. *Futebol se aprende na escola: novas práticas de sociabilidade esportiva no contexto urbano.* Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2007.

SCAGLIA, Alcides José. *O futebol que se aprende e o futebol que se ensina.* Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SCAGLIA, Alcides José. *O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés.* Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SHIRTS, Matthew G. Futebol no Brasil ou Football in Brazil? In: MEIHY J. C. S. B; WITTER, J. S. *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1982.

SILVA, Silvio Ricardo da. A construção social da paixão no futebol: o caso do Vasco da Gama. In: DAOLIO, J. (Org.) *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, p. 21-52, 2005.

SOARES, Antônio Jorge. A identidade nacional e o racismo no futebol brasileiro. In: PRONI, M. W.; LUCENA, R. (Org.). *Esportes: história e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2002.

SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 129-143, 2003.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo; VAZ, Alexandre Fernandez; BARTHOLLO, Tiago Lisboa; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves Soares. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. *Horizontes Antropológico*, ano 14, n. 30, p. 85-111, 2008.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional*. Tese (Doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais – a pesquisa qualitativa em Educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VAZ, Arturo; JÚNIOR, Celso; AMBRÓSIO FILHO, Paschoal. *100 anos de bola, raça e paixão: a história do futebol do Flamengo*. Rio de Janeiro: Maquinária Editora, 2012.

WEINECK, Jurgen. *Biologia do Esporte*. São Paulo: Manole, 1991.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

WITTER, José Sebastião. Futebol um fenômeno universal do século XX. *Revista USP*, n. 58, p. 161-168, 2003.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Parte 1 – Primeiros "passos" com o futebol:

Objetivos:

- Investigar as experiências iniciais com o futebol durante a infância e adolescência visando estabelecer relações com o processo de formação enquanto futebolista.

1. Quando e como se deram os primeiros contatos com o futebol?
2. O futebol tinha sua preferência e era o mais praticado em comparação a outra atividade?
3. Quanto tempo diário se dedicava à prática do futebol na infância e adolescência?
4. Como e com quem jogava/brincava de futebol nesse período (sozinho, irmãos, colegas) Em quais espaços praticava futebol (escola, rua, quintal, campinhos dos bairros, clubes sociais e clubes profissionais)?
5. Quem eram suas referências no futebol (pai, irmão, primo, colega, conhecido, jogador profissional)? Quais razões?
6. Nesse período alimentava o sonho de ser Jogador Profissional?
7. Reconhece algum fato ou pessoas que tenham influenciado suas escolhas nesse período?
8. Quando jogava/brincava de futebol imaginava ser alguém em especial? Qual time torcia?
9. Havia apoio dos pais e de pessoas próximas para que no futuro se tornasse jogador?
10. Como foi a relação futebol/Escola? Paraticou na Educação Física Escolar? Como eram as aulas? Você acredita que aprendeu alguma coisa nessas aulas?
11. Você teve futebol nas aulas de Educação Física na Escola? Como eram essas aulas?
12. Participou de competições ou jogos contra nesse período? Onde e quando? Escola?
13. Ganhar ou perder era importante nessa época? Acredita que mais ganhou ou mais perdeu?
14. Acredita que poderia ter se tornado jogador sem as experiências nesse período?

Parte 2 – Experiências sistematizadas do futebol, com exceção das categorias de base:

Objetivos:

- Investigar as primeiras experiências sistematizadas (exceto nas categorias de base), visando estabelecer relações com o processo de formação do futebolista;
 - Investigar possíveis relações entre as experiências proporcionadas pelo(s) professor(es)/treinador(es) e o processo de formação do futebolista;
 - Investigar, a partir da percepção do sujeito, a importância do professor/treinador nessas práticas.
15. Vivenciou alguma prática sistematizada (equipes de treinamento nas escolas, aulas de futebol em escolinhas, em clubes sociais), onde havia um professor/treinador responsável? Quais as durações diárias e semanais?
 16. Por que optou por essas práticas? O que te atraía no futebol nesse período?
 17. Por quanto tempo essas práticas foram desenvolvidas?
 18. Como eram as aulas (sequência das atividades – alongamento, aquecimento, treinamento técnico, treinamento tático e relaxamento)? Qual a ênfase dada (técnico e tático)? Acredita que o professor/treinador preparava as aulas?
 19. O que achava das atividades? O que mais e menos gostava? O que era mais difícil durante as atividades?
 20. Participava de jogos contra outras equipes e/ou competições esportivas? Qual a frequência? Tem ideia de quantas participou? Atuava em posição específica? De maneira geral foi titular ou reserva? Você consegue relatar qual sua importância para as equipes que jogou?
 21. Seus pais apoiavam sua participação? As suas referências se mantiveram as mesmas nesse período?
 22. Ganhar e perder era importante para você? Acredita que mais ganhou ou mais perdeu?

23. Como você articulava as atividades no futebol com a escola? Tinha as aulas de futebol na Educação Física?
24. Nesse período frequentava estádios, acompanhava o futebol pelos meios de comunicação?
25. Nesse período específico “discutia” futebol com outras pessoas? Qual assunto (treinos, times, jogadas e gols)?
26. Acredita que poderia ter se tornado jogador sem as experiências nesse período?
27. Você considera que seus professores/treinadores foram importantes durante essas práticas?
28. Você acredita que poderia ter se tornado jogador profissional sem a intervenção de seu(s) professor(es)/treinador(es) em suas práticas iniciais sistematizadas?

Parte 3 – Experiências enquanto jogador em Categorias de Base de Clubes Profissionais:

Objetivos:

- Investigar as experiências durante a participação em categorias de base, visando estabelecer relações com o processo de formação do futebolista;
 - Investigar possíveis relações entre as experiências proporcionadas pelo(s) treinador(es) e o processo de formação do futebolista;
 - Investigar, a partir da percepção do futebolista, a importância do(s) treinador(es) nessas práticas;
 - Encontrar relações entre as experiências provocadas pelo(s) treinador(es) e o processo de formação do futebolista.
29. Quando e como se deu a transição das práticas informal/sistemática para as Categorias de base?
 30. Especifique sua trajetória (categorias, períodos e posições em que atuou).
 31. Como eram os treinos (sequência das atividades – alongamento, aquecimento, treinamento técnico, treinamento tático e relaxamento)? Qual a ênfase dada (técnico e tático)? Quais as durações diárias e semanal dos treinos?
 32. O que achava das atividades? O que mais gostava e o que menos gostava e o que foi mais difícil durante esse período (respeitar regras)?
 33. Descreva o jovem jogador Zico durante os treinos, cuidados com o corpo e com a futura carreira; relações familiares amorosas; relações com torcedores, diretoria, demais jogadores e comissões técnicas?
 34. Quantos treinadores você teve nesse período? Como era a relação do grupo com os treinadores (respeitavam e era respeitados, suas decisões eram seguidas)?
 35. Percebia que o(s) treinador(es) programavam as atividades e sabiam o que estavam fazendo?
 36. Quem foram os mais importantes? Eles eram formados?
 37. Tem ideia de quantos campeonatos participou? De maneira geral atuou como titular ou reserva?
 38. Houve algum trabalho específico nesse momento para que se tornasse Jogador Profissional?
 39. Quais eram suas expectativas e sonhos durante sua participação na(s) categoria(s) de base?
 40. Houve apoio familiar e de amigos pelas suas escolhas? Suas referências se mantiveram as mesmas?
 41. Você concluiu o Ensino Fundamental e Médio? Considerava importante concluí-los? Defendia-se a importância dos estudos no meio do futebol?
 42. Mesmo nas categorias de base continuou a praticar o futebol de maneira informal? As alegrias e prazeres se mantiveram os mesmos?
 43. Qual a importância do treinador no processo de formação de futebolista?
 44. Qual a importância do treinador no seu processo de formação?
 45. Você acredita que poderia ter se tornado jogador profissional sem as experiências nas categorias de base por onde passou?
 46. Você acredita que poderia ter se tornado jogador profissional sem a intervenção de um treinador de futebol nesse período?
 47. Em quais aspectos os treinadores foram importantes para ajudar ou atrapalhar? Quais as contribuições e principais influências?

Parte 4 – Experiências como jogador de futebol Profissional:

Objetivos:

- Investigar as experiências enquanto Jogador Profissional, bem como sua relação com o futebol nesse período;
- Encontrar relações entre as experiências de Jogador e Treinador.

48. Relate quando e como se deu a transição das Categorias de Base para o futebol Profissional?
49. Quantos Treinadores você teve nesse período? Como se dava a relação do grupo que participava com seus Treinadores (respeitavam e eram respeitados, suas decisões eram seguidas)?
50. Como se relacionava com seus Treinadores?
51. A “formação do Jogador Zico” encerrou quando se tornou Jogador Profissional? O trabalho específico continuou após se tornar jogador profissional?

Parte 5 – Considerações finais:

Questões:

52. Na condição de Treinador, tem uma ideia de quantos jogadores “passaram” por você? Acredita que tenha contribuído para formação deles?
53. Quais foram e quais são os principais Clubes ou centros formadores? O que há de diferente neles?
54. Para você, quem é o principal Treinador formador?
55. O que um Treinador formador necessita ter conhecimento para ser referência naquilo que faz? O que você acha da exigência do Treinador de futebol ser formado em Educação Física?
56. Qual a importância das Escolinhas de futebol no processo de formação de jogadores e qual a importância da atuação do Treinador de futebol no processo de formação nessas Escolinhas?
57. Qual o nível das Categorias de Base nos dias atuais? O que o Treinador tem a ver com esse nível?
58. Qual a importância das Categorias de Base no processo de formação de jogadores e qual a importância da atuação do Treinador de futebol no processo de formação nas categorias de base?
59. Qual o nível das Categorias de Base nos dias atuais? O que o Treinador tem a ver com esse nível?
60. Como classifica, tática e tecnicamente, o jovem jogador de futebol no Brasil no seu tempo e atualmente?
61. Comparando com seu tempo, o que mudou? A qualidade das experiências, Professores, alunos ou a visão crítica dos consumidores?
62. Os praticantes de hoje têm o mesmo nível de experiência com o futebol que você teve?
63. O que deverá ser feito para manter ou melhorar o nível atual do processo de formação?
64. Ensina-se Futebol em seu Centro da mesma forma que aprendeu?
65. Quais foram as principais equipes e seleções que viu jogar? O que diferenciava nelas?
66. Você acredita que há ou poderá haver equipes ou seleções com o mesmo diferencial?
67. Quais foram os principais jogadores que viu jogar? O que tinha de diferente neles? Está incluído?
68. Você acredita que há ou poderá surgir jogadores com tais qualidades?
69. Qual foi o período “mágico” do futebol brasileiro, aquele que poderia ser considerado o melhor, com os melhores jogadores, com as melhores equipes e com os melhores níveis técnico e tático?
70. Você acredita que poderá haver outro período mágico no futebol brasileiro?
71. Coloque em ordem de importância para sua formação enquanto jogador de futebol – futebol da infância (brincadeiras, rua, peladas), prática sistematizada em escolinhas de futebol, prática sistematizada em categorias de base, futebol profissional.
72. Coloque em ordem de importância determinante para a formação atual dos jogadores de futebol – futebol da infância (brincadeiras, rua, peladas), prática sistematizada em escolinhas de futebol, prática sistematizada em categorias de base, futebol profissional.
73. Há outros fatores que considera importantes para formação de jogadores de futebol?
74. Você acredita que o “dom”/talento são determinantes para formação de jogadores de futebol?

75. Levando em consideração que o nível não seja o mesmo, tal como afirmou (para aqueles que acreditam no “dom”/talento, poderíamos afirmar então que há menos crianças com “dom”/talentos?
76. Qual conselho daria às crianças e adolescentes que almejam se tornar jogadores de futebol?
77. Qual conselho daria aos que pretendem trabalhar como Treinadores?
78. Você aconselharia seus filhos, netos a seguirem a carreira de jogador e/ou Treinadores de futebol?
79. Levando em consideração o estilo de jogo do Barcelona e da Seleção espanhola, temos não somente como vencê-los, como impor um estilo de jogo brasileiro a ponto de não permitir que joguem da mesma maneira que jogam?
80. Por quanto tempo você acredita que o futebol brasileiro será referência mundial e que o Brasil será “celeiro” do futebol mundial?
81. Quando ouvimos falar “o Zico foi formado nas categorias de base do Flamengo” está correto?
82. Não ter vivenciado a prática sistematizada antes das categorias de base, fez falta essas experiências?

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Biociências – Campus de Rio Claro

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Rio Claro, 25 de setembro de 2012.

Prezado Senhor **Arthur Antunes Coimbra**,

Estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre o processo de formação de alguns dos nossos principais jogadores e ex-jogadores de futebol, da infância à prática profissional, bem como a opinião a respeito da importância da atuação do Técnico Esportivo no próprio processo formativo e dos futebolistas nos dias atuais, que tem como título **“Os 10 em campo – a configuração do futebol brasileiro em jogo”**. A referida pesquisa tem como objetivo evidenciar as configurações do Futebol brasileiro por meio da investigação e análise do processo de formação de futebolistas e a atuação do Técnico Esportivo nesse processo, conforme as trajetórias de ex-jogadores e jogadores renomados e atuantes como profissionais a partir da década de 1960. Para alcançarmos tais objetivos, necessitamos de sua colaboração com seus depoimentos por meio desta entrevista. Salientamos que a qualquer momento você poderá retirar seu **consentimento livre e esclarecido** e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

Informamos que seu nome, caso seja de sua vontade, será mantido em sigilo, sendo utilizado como identificação um pseudônimo ou número. Entretanto, precisamos do seu consentimento para que possamos, posteriormente, publicar os dados desta investigação em artigos ou livros ou apresentá-los em reuniões científicas. Informamos que, em hipótese alguma, a filmagem dessa entrevista será vinculada em qualquer site, sendo utilizada apenas para transcrição dos depoimentos. Se estiver de acordo, por favor, preencha e assine a declaração que segue abaixo.

Agradecemos antecipadamente a sua participação e contribuição.

Atenciosamente,

Flávio Ismael da Silva Oliveira

Orientando

ftima@fc.unesp.br, ftima@rc.unesp.br

Dagmar Hunger

Orientadora

dag@fc.unesp.br

TERMO DE CONSENTIMENTO (DECLARAÇÃO)

Eu, **Arthur Antunes Coimbra**, RG: _____, residente e domiciliado à _____ Bairro _____ na cidade do _____, UF: _____, e-mail _____ declaro estar ciente dos objetivos do trabalho de pesquisa **“Os 10 em campo – a configuração do futebol brasileiro em jogo”**, de Prof. Ms. Flávio Ismael da Silva Oliveira e Profa. Adja. Dagmar Hunger, manifestando o meu consentimento com a publicação de minhas respostas na forma de artigos e/ou livros e/ou em reuniões científicas.

Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2012.

Arthur Antunes Coimbra